

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**ORDEM DOS TERMOS EM ESTRUTURAS ORACIONAIS NA LÍNGUA
DE SINAIS BRASILEIRA: UM ESTUDO EM NARRATIVAS INFANTIS**

MAGNOLIA DE SOUZA LIRA

Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Maria Moreira Lima-Salles

Brasília, 2014.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**ORDEM DOS TERMOS EM ESTRUTURAS ORACIONAIS NA LÍNGUA
DE SINAIS BRASILEIRA: UM ESTUDO EM NARRATIVAS INFANTIS**

MAGNOLIA DE SOUZA LIRA

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Maria Moreira Lima-Salles

Brasília, 2014.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação de autoria de Magnolia de Souza Lira, intitulada *Ordem dos termos em estruturas oracionais na Língua de Sinais Brasileira: um estudo em narrativas infantis*, requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística, defendida e aprovada, em 11 de julho de 2014, pela banca examinadora constituída por:

Profa. Dra. Heloisa Maria Moreira Lima-Salles
Universidade de Brasília
Orientadora e Presidente

Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Membro Titular

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves
Universidade de Brasília
Membro Titular

Profa. Dra. Eloisa Nascimento Pilati da Silva
Universidade de Brasília
Membro Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus queridos pais: Gerson e Iraci; aos meus irmãos: Geromildes, Ivanilton e Ivanildon; às minhas irmãs: Vinória, Perpétuo, Marisa, Regina e Fátima. Dedico também a todos os surdos usuários da LSB.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus os preciosos dons da saúde e da coragem, extremamente necessários em desafios como este.

Agradeço aos meus queridos pais, Gerson e Iraci, casal batalhador que sempre esteve presente na vida de seus filhos.

Aos meus estimados irmãos: Geromildes, Ivanilton e Ivanildon; e às minhas amadas irmãs: Vinória, Perpétuo, Marizan, Regina e Fátima. A união e a ajuda mútua sempre alicerçaram o nosso relacionamento fraterno.

Aos profissionais consultores: os professores surdos, usuários da Língua de Sinais Brasileira, Messias Ramos Costa e Falk Moreira; e a professora ouvinte, intérprete de LSB-Português, Patrícia Tuxi dos Santos; os quais colaboraram na transcrição dos dados linguísticos deste trabalho.

À minha dedicada orientadora Prof^a Dr^a Heloisa Maria Moreira Lima-Salles, com quem muito aprendi sobre a teoria gerativa.

Muito obrigada!

RESUMO

A Língua de Sinais Brasileira (LSB) tem sido amplamente pesquisada, no campo da Língua, principalmente desde 2002, época em que foi reconhecida legalmente como língua natural da comunidade surda brasileira. O estudo da estrutura oracional da LSB tem mostrado que a língua apresenta um padrão de ordem sujeito + verbo + objeto (SVO), comparável à Língua Americana de Sinais, e também a línguas orais, como o português. Essa ordem, identificada como básica, pode ser alterada por influência de fatores como o tipo de verbo (com concordância e sem concordância) e a presença de classificadores, que se comportam como os verbos com concordância. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é investigar a hipótese, formulada em estudos prévios, de que a mudança dos constituintes da posição básica para outras posições, nas estruturas da língua em estudo, é favorecida pelo tipo de verbo e pela presença de classificadores. Utiliza-se, como método investigativo, um estudo de caso, que consiste na análise de dados extraídos de narrativas infantis escritas em língua de sinais (*Sign Writing*) e traduzidas para a língua portuguesa. A partir das análises teóricas, fundamentadas no gerativismo de Noam Chomsky, e dos resultados obtidos nesta pesquisa, verificou-se que a ordem SVO é a mais frequente, em verbos sem concordância e com concordância. A análise dos dados permitiu verificar ainda que os argumentos podem ser lexicais ou nulos. Observou-se que os argumentos nulos, além de estarem associados a verbos de concordância, ocorrem também em estruturas de controle de sujeito e de objeto, e em estruturas de coordenação com sujeito correferencial. Embora os dados sejam escassos, observou-se finalmente que o tipo de verbo não exerce influência na mudança da ordem básica nas sentenças da LSB, visto que a ordem SOV foi encontrada com ambos os tipos verbais – uma com verbo com concordância e duas com verbo sem concordância –, contrariando, assim, as expectativas. O *corpus*, na íntegra, encontra-se anexado ao final da dissertação.

Palavras-chave: Língua de Sinais Brasileira. Ordem dos termos. Verbos com concordância. Verbos sem concordância. Classificadores.

ABSTRACT

The Brazilian Sign Language has been extensively studied, in the Linguistics field, mostly from 2002, when the language was legally recognized as a natural language and the official language of the deaf community. The study of clause structure of the LSB has shown that this language has a pattern of word order Subject + Verb + Object (SVO). This pattern may be altered under the influence of independent factors such as the verb typology (agreeing versus non-agreeing verb) and the presence of classifiers, which behave like agreeing verbs. The aim of this work is to investigate the hypothesis found in previous studies, according to which the change in the word order, in LSB is influenced by the type of verb and the presence of classifiers. A case study is the chosen methodology of investigation, which consists of an analysis of data extracted from (published) children's short stories written in *Sign Writing* and translated to Portuguese. Assuming a theoretical analysis based on Noam Chomsky's generative framework, the results are the following: the word order SVO is the most frequent one, with both types of verbs (agreeing and non-agreeing ones). It was further shown that the arguments may be either lexical or null. Besides being found with agreeing verbs, null arguments may also occur in coordinate structures with co-referential subjects, and in subject and object control configurations. In spite of the few occurrences, it was finally shown that the verb type seems to have no influence in the word order change, given that the SOV word order was found with both agreeing and non-agreeing – contrary to expectation. The *corpus*, is attached to the dissertation.

Keywords: Brazilian Sign Language. Word order. Agreeing verbs. Non-agreeing verbs. Classifiers.

NOTA

Nas últimas páginas deste trabalho encontra-se o Apêndice, em que estão inseridas as notações indicadas em Quadros & Karnopp (2004), Felipe (2007) e Veloso (2010). As notações apresentadas atendem à demanda dos dados citados na dissertação.

SUMÁRIO

1. Introdução e fundamentos da pesquisa.....	11
1.1. Introdução.....	11
1.2. Justificativa.....	13
1.3. Questões de pesquisa.....	14
1.4. Objetivos.....	14
1.4.1. Objetivos gerais.....	14
1.4.2. Objetivos específicos.....	15
1.5. Constituição do <i>corpus</i>	15
1.6. Metodologia.....	16
1.7. Referencial teórico.....	16
1.7.1. A abordagem da teoria gerativa.....	16
2. Estrutura oracional das línguas naturais.....	22
2.1. Conceito de língua natural.....	22
2.2. A ordem dos termos nas línguas naturais.....	24
2.2.1. Princípios linguísticos universais de Greenberg.....	24
2.2.2. O princípio da ordem hierarquia uniforme.....	29
2.2.3. Variação da ordem básica dos termos de uma língua.....	32
2.3. Ordem dos termos na LSB e na ASL.....	33
2.3.1. A ordem básica nas línguas de sinais.....	33
2.3.2. A ordem dos termos nas sentenças da LSB.....	40
2.3.3. Alteração da ordem básica na LSB.....	42
3. As classes verbais e as estruturas classificadoras nas línguas de sinais e na LSB.....	48
3.1. As classes verbais nas línguas de sinais e na LSB.....	48
3.1.1. Verbos sem concordância.....	53
3.1.2. Verbos com concordância.....	55
3.1.3. O debate sobre a classificação verbal nas línguas de sinais segundo Quadros & Quer (2008).....	57

3.2. As estruturas classificadoras nas línguas de sinais e na LSB.....	63
3.2.1. Análise de Veloso (2010) para estruturas classificadoras como <i>loci</i> de concordância.....	69
4. Estudo de caso: análise de estruturas oracionais da LSB.....	77
4.1. As narrativas.....	77
4.1.1. <i>Cinderela surda</i> (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007).....	77
4.1.2. <i>Rapunzel surda</i> (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011).....	78
4.2. O estudo de caso.....	79
4.3. Análise dos dados.....	82
4.4. Os resultados obtidos.....	91
4.5. Considerações finais sobre a análise.....	102
5. Considerações finais.....	104
6. Referências bibliográficas.....	107
7. Apêndice.....	110
8. Anexos.....	112

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO E FUNDAMENTOS DA PESQUISA

1.1. Introdução

Este trabalho pretende descrever a ordem básica dos constituintes nas sentenças da Língua de Sinais Brasileira (LSB), na relação com a tipologia verbal e na presença de classificadores. Nosso objetivo é investigar a hipótese, formulada nos estudos descritivos, de que a mudança dos constituintes da posição básica para outras posições na estrutura oracional é favorecida pelo tipo de verbo e pela presença de classificadores. Os dados de análise foram coletados de duas narrativas infantis, publicadas em *Sign Writing* (língua de sinais escrita) e traduzidas para a língua portuguesa. As análises teóricas dos dados fundamentam-se no gerativismo de Noam Chomsky.

Optou-se por trabalhar com narrativas infantis para surdos porque são publicações em que se encontram estruturas em LSB e, uma vez sinalizadas em fase anterior à escrita em língua de sinais por surdo usuário da LSB, são sentenças legítimas. Da versão publicada em *Sign Writing*, pôde-se extrair dados para a dissertação, os quais contêm propriedades inerentes à língua em estudo. Ao observar os dados, verificou-se que apresentavam as características necessárias e suficientes para a pesquisa, pois o foco principal deste trabalho é o estudo da ordem dos termos em sentenças da LSB.

A ordem dos termos é uma das questões fundamentais da sintaxe. A investigação translinguística demonstra, por um lado, que as línguas se distinguem em relação a forma como apresentam o sujeito (S), o verbo (V) e o objeto (O), na estrutura oracional, e, por outro lado, em uma dada língua, é possível constatar variação na posição desses elementos. É assim que se fala em ordem básica, definida como a ordem não marcada, ou aquela em que os termos não recebem nenhum tipo de ênfase. Do ponto de vista da comunicação, os enunciados distribuem a informação de acordo com um critério que distingue a informação dada e a informação nova. Tal distribuição geralmente afeta a posição dos termos na oração, mas não necessariamente, pois é possível estabelecer contrastes informacionais por meio da entoação, sem alterar a ordem dos termos.

Essa questão se torna muito interessante em relação às línguas de sinais. Como se sabe, é possível distinguir as línguas pelo critério da modalidade: línguas orais se apresentam na modalidade oral-auditiva, e línguas de sinais, na modalidade visual-espacial. Esse contraste se manifesta por meio de três aspectos fundamentais: o uso do espaço, a simultaneidade e a iconicidade. No caso das línguas de sinais, os estudos demonstram que a estrutura oracional é afetada crucialmente pelos dois primeiros aspectos. Diferentemente, a ausência de tais aspectos nas línguas orais tem consequências para a forma como a oração é estruturada.

A complexidade dessas questões nos leva a estabelecer que o presente estudo seja de caráter preliminar e exploratório em relação ao problema da ordem dos termos na Língua de Sinais Brasileira (LSB). Nesse sentido, nosso objetivo é o de fazer uma aproximação do tema, considerando hipóteses formuladas em estudos prévios, que vinculam a ordem dos termos a fatores como os tipos de verbos e à presença de classificadores na estrutura oracional (cf. Quadros, 1999; Quadros & Karnopp, 2004; Sandler & Lillo-Martin, 2006; entre outros). Enquanto os tipos de verbos estão relacionados ao problema do uso do espaço, a presença dos classificadores envolve o problema da simultaneidade – embora a simultaneidade e o uso do espaço estejam inversamente presentes na caracterização da tipologia verbal e na análise dos classificadores. O importante é reconhecer que as línguas de sinais – e particularmente a LSB – permitem a investigação de questões de grande importância para a pesquisa linguística, e particularmente para os estudos sobre a ordem dos termos na oração.

A dissertação se estrutura como a seguir: o capítulo 2 aborda a ordem dos termos nas línguas naturais, considerando diferentes perspectivas teóricas. Inicialmente, apresentamos a questão dos universais linguísticos de Greenberg e a forma como alguns deles podem ser testados em relação à LSB. Em seguida, apresentamos o princípio da hierarquia linear e a forma como a variação da ordem dos termos nas línguas naturais é abordada do ponto de vista dessa análise. Neste capítulo, encontra-se, também, a seção em que fazemos a exposição sobre a ordem dos termos na LSB e na ASL, na qual se inserem subseções relacionadas à ordem básica nas línguas de sinais, em especial na Língua de Sinais Brasileira e na Língua de Sinais Americana, e à variação na ordem dos termos, considerando a discussão de Quadros & Karnopp (2004) e de Sandler & Lillo-Martin (2006).

O capítulo 3 apresenta as classes verbais nas línguas de sinais, discutindo a tipologia de Padden (1983/ 1988, apud Quadros & Quer, 2008), que propõe três tipos de verbos – verbos simples, verbos de concordância e verbos espaciais – e a tipologia de Quadros & Quer

(2004, pp.201-202), que distingue verbos sem concordância e verbos com concordância. Além disso, argumenta-se sobre as estruturas classificadoras, as quais são configurações de mãos com função nominal que ocorrem anexadas a certos verbos nas sentenças.

O quarto e último capítulo apresenta um estudo de caso que trata da análise de estruturas oracionais em dois textos narrativos, com o intuito de verificar a relação entre a tipologia verbal e a forma como os termos se organizam nas sentenças, e na presença de classificadores, isto é, como estes se manifestam no contexto sintático. Este capítulo mostra, em tabelas e gráfico, os quantitativos na distribuição dos tipos de verbos, das ordens dos termos e das estruturas com classificadores encontrados, finalizando-se com as considerações sobre o estudo feito.

1.2. Justificativa

A Língua de Sinais Brasileira é legalmente reconhecida como meio de comunicação legítimo da comunidade surda e, por isso, merece ser bem documentada uma vez que essa língua tem se tornado cada vez mais evidente em todas as áreas sociais do território nacional.

A legislação a respeito da LSB mostra a necessidade de se dar importância à cultura surda do nosso país. A Lei nº 10.436/ 2002 afirma a legitimidade da LSB, considerando-a como língua que de fato é, e garante o seu uso pelos surdos nos mais variados ambientes. O Decreto nº 5626/ 2005 regulamenta a Lei nº 10.436/ 2002 e orienta sobre a obrigatoriedade do uso da LSB em órgãos públicos no atendimento aos surdos, entre outras formas de garantir os direitos linguísticos dessas pessoas. Em 2010, foi sancionada a Lei nº 12.319/ 2010, a qual transforma a função do intérprete de Libras/ língua portuguesa em profissão para garantir a educação para os surdos por meio da LSB.

As leis e decreto criados no sentido de garantir os direitos linguísticos da comunidade surda vieram reforçar e alavancar os estudos sobre a língua de sinais. A LSB é sinalizada por centenas de brasileiros, sendo, então, motivo suficiente para o desenvolvimento de muitas pesquisas sobre os fenômenos linguísticos inerentes a essa língua, tendo em vista a necessidade de respaldar cientificamente as tomadas de decisão que envolvem essa comunidade. Nesse sentido, as contribuições trazidas pela pesquisa científica vão interferir em políticas públicas, sobressaindo-se a educação bilíngue dos surdos. A proposta de estudo deste trabalho, ao orientar-se para o problema da ordem dos termos na relação com os tipos de

verbos e com o comportamento das construções classificadoras, que são exemplos de fenômenos gramaticais existentes na LSB, constitui um recorte temático, que consideramos relevante destacar.

Em razão do exposto, essa pesquisa desenvolve-se com a intenção de colaborar com os estudos linguísticos teóricos sobre a LSB e divulgar as conclusões das análises à sociedade, em especial, aos mais interessados, ou seja, àqueles que usam e/ ou trabalham com essa língua.

1.3. Questões de pesquisa

Foi observado que propriedades específicas relativas ao tipo de verbo e à presença de classificadores podem implicar a mudança da ordem básica SVO em estruturas da LSB. Com base nesta afirmação, pretende-se investigar:

- a) Em quais contextos sintáticos a ordem básica SVO permanece inalterada e em quais contextos é alterada?
- b) Quais as implicações para a ordem da LSB estão associadas ao uso de classificadores na estrutura do predicado?
- c) Qual o significado teórico da relação entre as classes verbais e a ordem básica? Haveria mais de uma ordem básica? Existe relação com a modalidade visual-espacial?

1.4. Objetivos

1.4.1. Objetivos gerais

- a) Descrever a ordem básica das sentenças da Língua de Sinais Brasileira (LSB) na relação com a tipologia verbal e com a presença de classificadores.
- b) Colaborar para o aumento do número de registros sobre informações gramaticais da LSB, sob a perspectiva gerativista.
- c) Investigar as propriedades da Gramática Universal (GU) na relação com as línguas de sinais, e com a LSB, em particular.

1.4.2. Objetivos específicos

- a) Identificar as situações sintáticas em que há a alteração da ordem básica da LSB.
- b) Analisar e mostrar dados estruturais em que há verbos de diferentes classificações, ou seja, espaciais/ locativos, reversos, existenciais, de movimento, de trajetória, de transferência, relacionando-os a questão da ordem dos termos.
- c) Apresentar e descrever o comportamento atípico das construções classificadoras, termo usado por Veloso (2010), em sentenças da LSB.
- d) Mostrar como é estabelecida a relação entre os verbos das línguas de sinais e os argumentos interno e externo em orações da LSB.
- e) Descrever em qual(is) contexto(s) sintático(s) há a presença de classificadores e demonstrar como ocorre o desencadeamento do movimento de elemento de uma posição para outra por causa do classificador.
- f) Usar dados coletados para exemplificar as afirmações defendidas nesta dissertação.

1.5. Constituição do *corpus*

Os dados para as análises e a verificação dos fenômenos linguísticos relacionados à ordem linear das estruturas na LSB foram extraídos de textos sinalizados em narrativas infantis veiculadas por meio do uso da língua escrita de sinais (*Sign Writing*).

Buscou-se selecionar dados que se enquadrassem nas discussões levantadas ao longo do trabalho, verificando-se especificamente o comportamento dos verbos e dos classificadores nas sentenças da LSB, objeto da pesquisa.

Apresentam-se, abaixo, as obras de onde foram extraídos os dados para a análise (cf. capítulo 4).

- I) HESSEL, Carolina; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. *Cinderela Surda*. Canoas: Ed. Ulbra, 2007.
- II) SILVEIRA, Carolina H.; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. *Rapunzel surda*. Canoas: Ed. Ulbra, 2011.

1.6. Metodologia

O trabalho em questão foi realizado em etapas, utilizando-se da metodologia científica apresentada a seguir:

- delimitação do tema em estudo;
- seleção do material bibliográfico;
- estudo reflexivo da abordagem e do tema delimitados;
- pesquisa para a constituição do *corpus*;
- coleta e sistematização dos dados extraídos dos textos, a fim de constituir o *corpus*;
- descrição e análise dos dados, com o apoio de consultores surdos usuários da Língua de Sinais Brasileira, e de intérpretes de LSB-Português¹;
- conclusões e considerações a partir da análise dos dados.

1.7. Referencial teórico

1.7.1. A abordagem da teoria gerativa

A teoria gerativa corresponde à corrente teórica no âmbito da Linguística, criada por Noam Chomsky no final dos anos 50. Com a publicação da obra *Syntactic Structures*, Chomsky revelou ao mundo uma nova forma de pensar a língua, defendendo a ideia de que o conhecimento linguístico é uma das capacidades cognitivas do ser humano. Tal ideia veio trazer grandes avanços no que se refere às pesquisas sobre as línguas naturais.

Chomsky (1998) conceitua a língua como um conjunto finito ou infinito de sentenças e cada sentença é finita em sua extensão porque é formada por um conjunto, também finito, de elementos. Assim, o conjunto finito diz respeito às regras, elementos e classes de elementos pertencentes à gramática de uma língua, e o conjunto infinito diz respeito à

¹ Os consultores usuários da LSB são os seguintes profissionais que atuam no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília: o professor surdo Messias Ramos Costa e a professora ouvinte e intérprete de LSB-português Patrícia Tuxi dos Santos. O professor surdo Falk Moreira também contribuiu na descrição dos dados. Agradeço imensamente o apoio qualificado que me deram. Eventuais equívocos na interpretação dos dados e das questões teóricas relacionadas são de minha inteira responsabilidade.

impossibilidade de limitarmos a extensão de uma sentença, uma vez que é sempre possível inserirmos novos elementos em seus devidos lugares, respeitando-se às regras finitas da língua.

Com os desenvolvimentos da teoria gerativa, pôde-se conceber a ideia de uma gramática internalizada, a partir da qual as sentenças da língua são geradas. Esse conhecimento internalizado do indivíduo, designado ‘faculdade da linguagem’, é inato: a criança nasce com esse órgão mental. Em outras palavras, a faculdade da linguagem é a capacidade mental inconsciente para aquisição de língua, “é composta por princípios que são leis gerais válidas para todas as línguas naturais; e por parâmetros que são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas” (Miotto, Silva & Lopes, 2007, p.24). As sentenças em uma língua natural manifestam os princípios da faculdade da linguagem; em relação aos parâmetros, levam-se em consideração os valores positivo e negativo. Na sentença “*Ele_i disse que o Paulo_i vai viajar”, extraída de Miotto, Silva & Lopes (2007, p.24), foi violado o princípio que estabelece que uma expressão referencial não pode estar ligada referencialmente com um pronome nesse domínio sintático (isto é, em uma configuração de encaixamento sintático). A sentença “O Paulo_i disse que _____i vai viajar”, extraída da fonte citada acima, é gramatical em português, uma vez que está de acordo com o parâmetro do sujeito nulo (o sujeito está sintaticamente presente na sentença, apesar de não ser pronunciado, apresentando, portanto, sua posição vazia).

A Gramática Universal (GU) corresponde ao estágio inicial (S₀) de aquisição de uma língua. Ela manifesta os princípios universais e restritos presentes no estado inicial da faculdade da linguagem – a primeira fase de aquisição da língua. Os dados de entrada (*input*) permitem que aconteçam arranjos das propriedades linguísticas por meio da fixação dos valores dos parâmetros, a qual define a gramática particular da língua – estado final ou estável (S_n) de aquisição da língua. Lima-Salles & Naves (2010, p.20) explicam que, apesar de estarem expostas a estímulos linguísticos pobres, no sentido de não serem suficientes para explicitar todas as propriedades necessárias, ao final do período de aquisição de língua, as crianças produzem sentenças (*output*) boas e, muitas vezes, mais complexas que as do *input*. Essa observação dá suporte à hipótese de que existe um estado mental inicial na aquisição de língua (ou seja, existe um dispositivo de aquisição de língua).

A gramática particular (da língua em aquisição) é constituída pela interação entre o estado inicial e o *input* (estado final de aquisição ou competência); e essa interação promove a

compreensão do funcionamento da língua/ gramática particular pela criança que a externaliza por meio do *output* (desempenho). A figura a seguir, extraída de Lima-Salles & Naves (2010, p.20) esquematiza esse processo de aquisição linguística.

$$GU (S_0) + input \longrightarrow \text{Gramática Particular } (S_n)$$

Mioto, Silva & Lopes (2007, p.22) argumentam que independentemente de sabermos pouco sobre a relação entre o cérebro/a mente e as sentenças geradas por ele, somos levados a supor que existe algum funcionamento real na mente humana associado à linguagem, do contrário, como o ser humano seria “capaz de processar um sistema complexo e sofisticado como uma língua natural”? Quer dizer, a faculdade da linguagem é um componente da mente do ser humano, o qual interage com outros sistemas e possui em torno de dois componentes: o sistema cognitivo, responsável pelo armazenamento de informações, e os sistemas de performance/ desempenho, cuja função é acessar tais informações e usá-las de várias formas (Chomsky, 2005, p.2). Destes dois, o sistema cognitivo é o mais importante para os estudos gerativistas, uma vez que ele interage com os sistemas de desempenho através dos níveis de representação da linguagem, em seu sentido técnico.

O sistema cognitivo está ligado à competência linguística, sendo capaz de interiorizar inúmeros sistemas linguísticos (gramáticas), em especial, a L1 (língua materna) do falante/ usuário. A língua interna é individual e intensional, ou seja, é independente dos elementos exteriores. Em sentido técnico, quando uma sentença é gerada, o léxico da língua interna é acionado para construir a estrutura que será interpretada, posteriormente, pelos sistemas de desempenho.

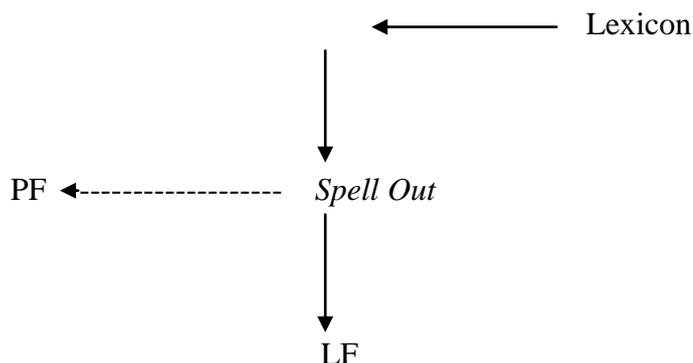
Segundo Mioto, Silva & Lopes (2007, p.20), em se tratando de conhecimento linguístico internalizado sobre a língua materna, não há espaço para os conceitos “certo” e “errado”; na teoria chomskyana, usam-se os termos: gramatical para o que se chama de sentença “boa”, compatível com as propriedades da língua; e, agramatical, para uma sentença “ruim”, supostamente divergente em relação às regras da língua. A competência (conhecimento linguístico internalizado) e o desempenho (produção de sentenças, uso concreto da língua) permitem que o usuário nativo da língua julgue uma sentença como gramatical ou agramatical.

Uma língua fornece informações diversas aos sistemas cognitivos e tais informações são representadas nos níveis de interface semântica (LF – *Logical Form*) ou fonética (PF – *Phonetic Form*). Os traços formais (expressões linguísticas de propriedades sintático-abstratas) podem ser interpretáveis ou não interpretáveis na interface semântica (LF); os não interpretáveis devem ser eliminados da derivação sintática. Os traços fonológicos/ fonéticos são interpretados na interface fonética (PF).

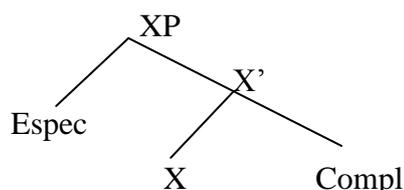
Nos anos 90, Chomsky lançou o programa minimalista, uma nova versão da proposta gerativista. O programa minimalista defende que a língua constitui-se de um sistema computacional e de um léxico, composto por traços fonológicos, semânticos e formais. O sistema computacional e o léxico definem a gramática de determinada língua, por meio da operação de concatenação (*Merge*), gerando uma descrição estrutural (*structural description/ SD*), em que os traços formais das categorias envolvidas são licenciados por operações de verificação (*Agree*).

Em relação à derivação linguística, os itens lexicais disponíveis numa língua são selecionados pelos sistemas cognitivos (articulatório-perceptual e conceitual-intencional) e, então, são incluídos no conjunto formado pelos LI – item lexical – e *i* – número de vezes que o item lexical será usado na derivação, o que constitui a Numeração. Após esse processo, os dados lexicais são submetidos ao sistema computacional, o qual cria os objetos sintáticos a partir de operações binárias sintáticas chamadas *Select*, *Merge*, *Agree/ Move*. A *Select* seleciona itens lexicais da Numeração; a operação *Merge* concatena os itens extraídos da Numeração, combinando-os, assim, um núcleo concatena-se a um objeto sintático; a *Agree/ Move* informa ao sistema computacional o que deve acontecer com a derivação, a partir da leitura dos traços não interpretáveis dos itens lexicais envolvidos.

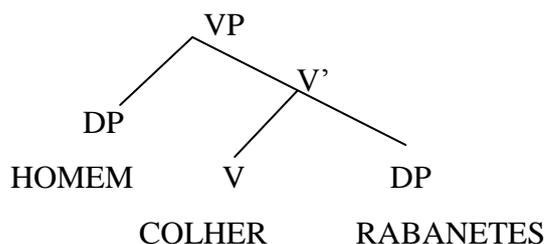
Chomsky (1995, p.22) explica que os níveis de interface (PF e LF) não se relacionam diretamente, havendo um ponto da derivação em que a estrutura é enviada para PF, a fim de ser pronunciada (*Spell out*). A figura apresentada a seguir mostra um modelo desse processo.



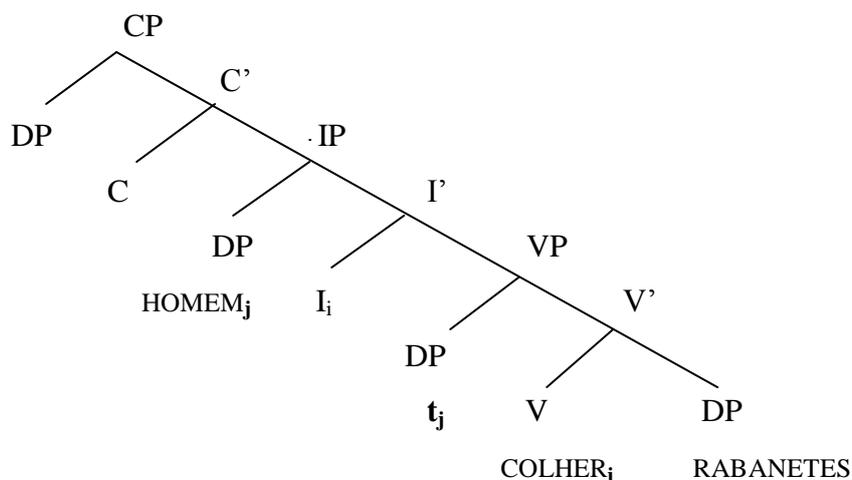
Chomsky (1995, p.6) defende que todos os itens do léxico pertencem a duas categorias distintas: as categorias lexicais, como os nomes, os verbos e os adjetivos; e as categorias funcionais, como a flexão e o complementizador. As estruturas linguísticas são representadas gramaticalmente em projeções sintagmáticas, que podem ser esquematizada em termos do modelo X-barra, com adaptações, conforme ilustrado a seguir.



O modelo de projeção sintagmática acima mostra o núcleo lexical ou funcional (X), a projeção intermediária (X'), e a projeção máxima (XP). O núcleo X concatena-se com o complemento (*merge*), formando nó intermediário X'; a projeção intermediária X' concatena-se com o especificador (Espec), formando o nó máximo XP. Se tomarmos a sentença *HOMEM COLHER RABANETES* (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.8) 'O homem colheu os rabanetes', o constituinte *HOMEM* corresponde ao argumento externo do verbo *COLHER*, e é realizado na posição do especificador como um DP (*Phrase Determiner*); o constituinte *RABANETES* corresponde ao argumento interno desse núcleo, e é realizado na posição de complemento. Assim, temos:



A projeção sintagmática ilustra apenas as posições em que foram gerados os elementos/ sinais, mas há continuidade dessa representação arbórea, ou seja, a derivação continua pela concatenação (*merge*) de outras categorias acima do VP. A derivação da sentença HOMEM COLHER RABANETES inclui a projeção da categoria funcional IP (Sintagma Flexional ou *Inflectional Phrase*), onde o verbo será associado a traços formais de flexão e o sujeito receberá caso nominativo, e a categoria funcional CP, em que são codificadas informações sobre o tipo frasal e a finitude, conforme visto a seguir.



Observando-se a gravura acima, pode-se ver ainda a posição final do sujeito (SpecIP). Nesta posição, o sujeito HOMEM recebe caso nominativo atribuído pelo verbo COLHER. Como será demonstrado no Capítulo 2, o movimento V para I depende da tipologia verbal. Em se tratando do verbo COLHER, não há movimento na sintaxe aberta, mas a relação estrutural/ formal entre V e I é estabelecida por meio da operação de compatibilização dos traços formais dessas categorias (na sintaxe fechada). O complemento de V, o DP RABANETES, permanece na posição em que foi gerado porque nesta posição o caso acusativo pode ser atribuído a ele. A notação **t** (*trace*) representa os vestígios dos elementos movidos.

A teoria gerativa envolve ainda outros conceitos e complexidades, contudo, para a realização deste trabalho dissertativo, consideramos como ponto de partida os conceitos citados. Uma explicação mais profunda e detalhada do referencial teórico adotado aqui será um desafio aceito por mim, desde já, em trabalhos vindouros.

CAPÍTULO 2

ESTRUTURA ORACIONAL DAS LÍNGUAS NATURAIS

Este capítulo traz informações sobre a estrutura oracional das línguas orais e das línguas de sinais. O capítulo está dividido em três seções: na primeira seção, fazemos uma breve caracterização de ‘língua natural’, buscando relacioná-la às línguas de sinais; na segunda seção, apresentamos uma explanação a respeito da ordem dos termos nas línguas em geral, o que implica saber a distinção entre estrutura hierárquica e ordem linear, aquela, voltada a princípios universais e, esta, a parâmetros de variação da ordem; a última seção aborda a ordem dos termos nas línguas de sinais, enfocando, especialmente, a Língua de Sinais Brasileira.

2.1. Conceito de língua natural

Benveniste (2005, p.80) afirma que “a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua”. Neste sentido, Benveniste (2005, p.69) considera a língua como uma grande estrutura, composta de estruturas menores e de vários níveis, capaz de dar forma ao pensamento. Ou seja, por meio da língua, o conteúdo do pensamento torna-se transmissível, uma vez que é distribuído em morfemas e classes, as quais são organizadas em ordem. Então, se a forma linguística traduz o pensamento, é possível associá-lo à linguagem como capacidade cognitiva.

Segundo Chomsky (1957, apud Lyons, 1987, p.5), uma língua(gem) natural é um conjunto de sentenças e cada sentença é finita em sua extensão porque é formada por um conjunto, também finito, de elementos. Essa ideia foi retomada em inúmeros estudos subsequentes do autor. Na obra *Linguagem e Pensamento*, publicada em 1998, pela Editora Universidade de Brasília, quando da visita do ilustre linguista e filósofo Noam Chomsky a esta Universidade, a convite da linguista Lúcia Lobato, a definição de língua está assim formulada: uma língua contém sistemas de desempenho, como aparato articulatório, modos de organização do pensamento, entre outros. Estes sistemas são associados uns aos outros em seus devidos lugares e, por meio deles, o indivíduo usuário tem conhecimento suficiente sobre o som e o significado das expressões; também possui capacidade correspondente de

compreender e interpretar tudo o que ouve, de expressar seus pensamentos e de fazer uso da sua língua de diferentes maneiras.

Na obra fundadora do Programa Minimalista (cf. Capítulo 1), Chomsky (1995, p.10) defende que, considerando os trabalhos em línguas de sinais, é muito restrita a concepção do termo articulatório ao ser relacionado aos órgãos vocais. Nesse sentido, concebe a faculdade de linguagem como um sistema que gera descrições estruturais, as quais são submetidas às interfaces articulatório-perceptual (em que se incluem os órgãos do aparelho fonador e visual, estruturados em uma Forma Fonético-Fonológica) e conceptual-intencional (em que se constitui o significado mediante a articulação da Forma Lógica). No que se refere à interface articulatório-perceptual, é notório o questionamento quanto ao papel evolutivo de um sistema de signos visuais. Whitney, citado por Saussure, ([1916]1995, apud Quadros & Karnopp, 2004, p.30) já destacava esse canal perceptual ao declarar: “...os homens também poderiam ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas”.

As considerações acima nos levam a pensar num conceito de língua que envolva também as línguas de sinais, uma vez que elas são reconhecidas, atualmente, como línguas naturais das culturas surdas. O Brasil, através da Lei nº 10.436/ 2002, por exemplo, reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) – ou Língua de Sinais Brasileira (LSB) – como língua natural dos surdos brasileiros. Os elementos que estruturam as sentenças da LSB e de outras línguas naturais de inúmeras culturas surdas em todo o mundo são os sinais utilizados como modo articulatório visual-espacial para expressar o pensamento.

As línguas naturais possuem outras propriedades (linearidade, arbitrariedade, flexibilidade, capacidade de modificação, independência de estímulo, etc.), que estão implícitas na definição acima; em síntese e para o desenvolvimento deste trabalho, empregase o conceito de língua, com base em Chomsky, como um conjunto de sentenças construídas por um número finito de elementos, por meio dos quais os seus usuários expressam seu pensamento e interpretam os enunciados que lhes são transmitidos.

Por hipótese, as línguas naturais são dotadas de princípios estruturais que regem as sentenças. A organização dos termos na sentença diverge de uma língua para outra e remete ao problema da linearidade. Nas línguas de sinais, por exemplo, a linearidade tem sido motivo de discussão em relação à manifestação linear ou à ordem básica da oração. Assim, a sessão adiante trata da estrutura das sentenças nas línguas naturais e na LSB.

2.2. A ordem dos termos nas línguas naturais

2.2.1. Princípios linguísticos universais de Greenberg

Greenberg (1978, p.587) afirma que a ordem dos termos dominante nas línguas naturais inclui os elementos sujeito, objeto e verbo. As conclusões desse autor são formuladas com base em um estudo seminal, que envolveu línguas de diferentes troncos e famílias linguísticas, de que resultaram correlações entre propriedades gramaticais. Em publicação anterior (Greenberg, 1966), tais conclusões são apresentadas sob a forma de universais linguísticos, os quais permitem estabelecer generalizações a respeito da manifestação nas línguas dessas propriedades, em que se inclui a identificação de princípios que determinam a ordem básica dos constituintes numa língua natural. A seguir, apresentam-se alguns desses universais.

Universal 1: Sentenças declarativas com sujeito nominal e objeto nominal tendem a possuir uma ordem dominante em que o sujeito precede o objeto.² As ordens básicas dominantes em línguas com sentenças contendo sujeito nominal apresentam-se com o verbo em primeira, segunda ou terceira posição: VSO, SVO, SOV. É o que se observa na sentença (1) em turco e de ordem SOV, extraída de Roberts (1997, p.17).

- (1) Hasan kitab-i oku-ma-du
Hasan book-ACC read-NEG-PST
'Hasan hasn't read the book'

Universal 2: Em línguas com preposições, o genitivo quase sempre segue o nome regente, já em línguas com posposições, o genitivo costuma preceder o nome regente.³ Os

² "In declarative sentences with nominal subject and object, the dominant order is almost always one in which the subject precedes the object" (p.77).

³ "In languages with prepositions, the genitive almost always follows the governing noun, while in languages with postpositions it almost always precedes" (p.78).

exemplos (2a) e (2b), extraídos de Duarte & Brito (1996, p.263) mostram como se comporta o genitivo no gaélico, que possui preposição, e no turco, que possui posposição.

- (2) a. Ceann a' chait... (gaélico)
 cabeça de o gato-GENITIVO-SINGULAR
 'a cabeça do gato'
- b. Mudurun odasi... (turco)
 (diretor-GENITIVO seu-gabinete)
 'o gabinete do diretor'

Em (2a), o genitivo *chait* segue o nome regente *Ceann*, o que confirma a correlação com a definição do gaélico como uma língua preposicional. O genitivo *Mudurun*, em (2b), encontra-se anteposto ao nome regente *odasi*; isso comprova que o turco é uma língua de nome posposicional. Podem-se representar sintagmaticamente as estruturas acima conforme as Figuras 1 e 2.

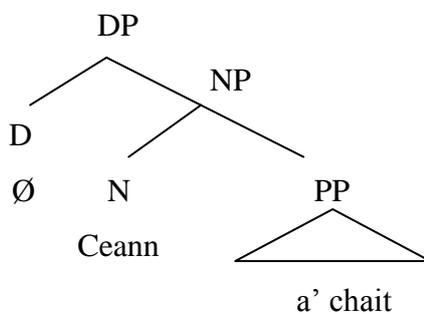


Figura 1. Representação sintagmática de (2a) - estrutura genitiva em uma língua preposicional

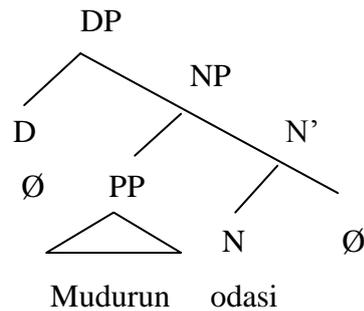


Figura 2. Representação sintagmática de (2b) - estrutura genitiva em uma língua posposicional

Como mostrado na Figura 1, o Sintagma Preposicional PP (*Prepositional Phrase*), o qual é o genitivo *a' chait*, encontra-se posposto ao nome regente, em uma posição estruturalmente inferior ao nome regente *Ceann*, e dominado pelo Sintagma Nominal NP (*Noun Phrase*). Por sua vez, o Sintagma Posposicional PP (*Postpositional Phrase*), referente ao genitivo *Mudurun* (diretor), na Figura 2, encontra-se posicionado anteposto ao nome regente *odasi* ('seu-gabinete'), em uma posição na projeção do NP.

Universal 3: As línguas com ordem dominante VSO são sempre preposicionais.⁴ O galês é um exemplo, além de outras línguas célticas, como o bretão, também, o árabe clássico, o hebraico bíblico e o tagalog, de acordo com Duarte & Brito (1996, p.261). A seguir, pode-se ver, em (3), uma estrutura preposicional em tagalog. Na sentença a ser apresentada, a preposição *sa* está anteposta ao objeto *propesor*.

- (3) Sumagot sija sa propesor (Duarte & Brito, 1996, p.261, com adaptações)
 respondeu ele ao professor
 'ele responde ao professor'

⁴ "Languages with dominant VSO order are always prepositional" (p.78).

Universal 4: As línguas que possuem ordem normal SOV são posposicionais em grande maioria.⁵ Segundo Duarte & Brito (1996, p.261), o turco, o japonês, o persa, o georgeano e o esquimó são línguas posposicionais (cf. (2b)) com estrutura SOV, conforme se verifica na estrutura em (4), do japonês.

(4) a. Sono kodomo-no hahayoa-ga... (Duarte & Brito, 1996, p.278, com adaptações)
 aquela criança-GEN mãe-SU
 ‘a mãe daquela criança...’

b. Taroo-ga Hanako-ni hon-o yat-ta.
 Taroo-SU Hanako-OI livro-OD dar-PASSADO
 ‘O Taroo deu um livro à Hanako’

Em (4a), o genitivo [Sono kodomo-no] encontra-se anteposto ao nome regente [hahayoa-ga]. A sentença (4b) mostra como o PP se organiza em japonês, uma língua SOV. Observa-se que o objeto *Hanako* se encontra anteposto ao elemento *ni*, traduzido pela preposição ‘a’. A projeção sintagmática do PP em (4b) pode ser conferida na Figura 3, a seguir.

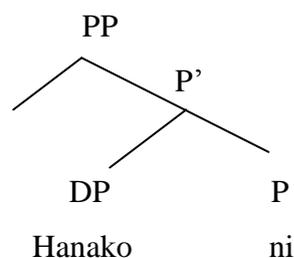


Figura 3. Projeção sintagmática do PP em (4b)

Além dos universais linguísticos citados acima, há também o *Universal 5*. Este diz que se uma língua tem ordem dominante SOV e o genitivo segue o substantivo regente, então, da

⁵ “With overwhelmingly greater than chance frequency, languages with normal SOV order are postpositional” (p.79).

mesma forma, o adjetivo segue o substantivo.⁶ Outro universal linguístico de Greenberg é o *Universal 6*, o qual diz que todas as línguas com ordem dominante VSO têm SVO como uma alternativa ou como a única ordem básica alternativa.⁷ Por fim, o *Universal 7* diz que se em uma língua com ordem dominante SOV não há ordem básica alternativa ou só OSV como a alternativa, então, da mesma forma, todos os modificadores adverbiais do verbo precedem o verbo.⁸

Conforme mencionado, o trabalho de Greenberg permitiu a formulação de inúmeros universais implicativos, não sendo, porém, nosso objetivo retomá-los na íntegra. Por essa razão, detemo-nos nos sete universais citados, entendendo que são suficientes para a análise dos dados contidos no próximo capítulo deste trabalho. Os quatro primeiros universais merecem destaque, sendo possível demonstrar que os padrões de ordem da LSB estão de acordo com tais universais.

Em relação ao *Universal 1*, é possível demonstrar a ampla ocorrência do padrão SVO. Em relação ao *Universal 2*, confirma-se a presença da preposição ATÉ, citada em Felipe (2007, p.93) (cf. ainda CAPOVILLA & RAPHAEL, 2006, p.239).

- (5) TREM SÃO-PAULO ATÉ RIO QUANT@-HORA? (tradução minha)
'Quanto tempo leva o trem de São Paulo até o Rio?'

De acordo com o *Universal 2*, assumindo-se a existência de preposição em LSB (e não posposição), a previsão é a de que o genitivo (possuidor) ocorra em posição posposta ao nome (possuído) regente, o que se confirma nos dados, conforme ilustrado em (6), em que o nome possuído CASA precede o possuidor SURD@:

- (6) MARACANÃ PERTO CASA SURD@? (Felipe, 2007, p.69)
'O Maracanã fica perto da casa do/a surdo/a?' (tradução minha)

⁶ "If a language has dominant SOV order and the genitive follows the governing noun, then the adjective likewise follows the noun" (p.79).

⁷ "All languages with dominant VSO order have SVO as an alternative or as the only alternative basic order" (p.79).

⁸ "If in a language with dominant SOV order, there is no alternative basic order, or only OSV as the alternative, then all adverbial modifiers of the verb likewise precede the verb" (p.80).

Na pesquisa realizada com o *corpus* desta dissertação (Capítulo 4), identificamos, além do padrão de ordem SVO, também sentenças com ordem SOV e OSV. Como será demonstrado, nas seções seguintes, as condições que permitem a coexistência de diferentes padrões de ordem na LSB estão associadas aos tipos de verbos – com ou sem concordância – à polaridade da sentença, à distribuição da informação na sentença, entre outros fatores.

2.2.2. O princípio da ordem hierárquica uniforme

O princípio da estrutura hierárquica determina a ordem dos termos nas diferentes línguas do mundo. Kayne (1993, 1994) (apud Roberts, 1997, p.27) propõe que a ordem linear é determinada pela estrutura hierárquica. A ordem linear corresponde à maneira como a sentença se apresenta – um termo após o outro, organizadamente e estabelecendo relações de dominância entre si. A estrutura hierárquica é o princípio que dá conta de representar todos os padrões de ordem das línguas, pois carrega as informações gerais capazes de definir os padrões de variação.

A ordem linear é variável de língua para língua, mas a hierarquia não, esta é comum a todas as línguas porque pode representar qualquer constituinte e como ele se forma a partir de um núcleo lexical ou funcional. Essa relação estrutural pode ser representada por meio da Teoria X-barra (cf. Figura 1).

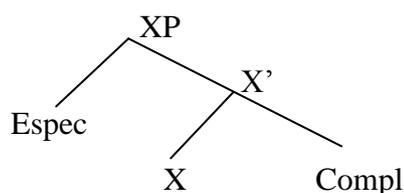


Figura 4. Configuração da Teoria X-barra

A configuração no esquema da Teoria X-barra exposta na Figura 4 dá conta de representar qualquer categoria lexical – nominal, verbal, preposicional, adjetival, adverbial – e qualquer categoria funcional, como as relacionadas à flexão (I), à força ilocucionária (pergunta/ ordem/ asserção)/ finitude (C), à definitude (D), entre outras.

O núcleo V de um VP pode ser posposicional, ou seja, posicionar-se depois do objeto, como no japonês; no entanto, para que o núcleo verbal seja posposicional, o esquema teria de representar o movimento do Complemento a partir da posição à direita, de acordo com a proposta de Kayne (1994), conforme a Figura 5.

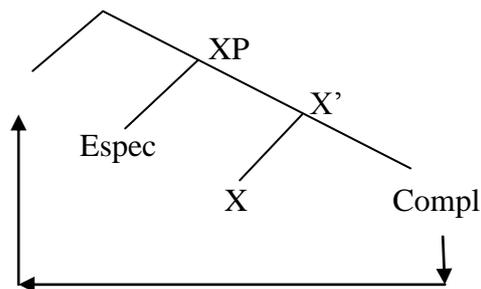


Figura 5. Representação do núcleo X na última posição no esquema X-barra

Segundo Berlinck et al. (2004, p.214), a ordem linear dos constituintes da sentença, para a teoria chomskyana, é estruturada a partir da competência do indivíduo. Tal competência permite que os usuários da língua reconheçam se a estrutura de uma oração está de acordo com o padrão sintático fixado na fase inicial de aquisição da língua materna, quer dizer, se a oração é boa ou gramatical; caso não esteja de acordo com o padrão, é considerada ruim ou agramatical, conforme exemplo (6).

- (7) a. Diadorim entregou o facão para Riobaldo. (Berlinck et al., 2004, p.214)
 b. O facão Diadorim entregou para Riobaldo.
 c. *Facão Riobaldo Diadorim o para entregou.

As sentenças (7a) e (7b) são gramaticais porque essas estruturas são possíveis na língua portuguesa. A primeira mostra-se estruturada em SVO, ordem básica, e a segunda em OSV, ordem secundária. A sentença (7c) é agramatical porque desrespeita os princípios hierárquicos: desmembra os elementos do complemento e coloca-os em três posições na sentença, comprometendo, assim, as relações de constituência.

Na língua portuguesa, as sentenças manifestam a ordem básica sujeito+verbo+objeto (SVO). Cada posição sintática S, V ou O é preenchida por um constituinte ou unidade de extensão linear indeterminada porque não se pode definir o número de itens pertencentes a cada constituinte, mas, sabe-se que nele há um item nuclear estabelecendo relações com os núcleos dos outros constituintes da sentença. Essas relações são possíveis devido à função sintática dos constituintes e às interpretações recebidas por cada um deles, como em (8) a seguir.

(8) a. Ana escreve a carta.

Na sentença (8), verifica-se a ocorrência do sujeito (S), [Ana], do verbo (V), [escreve], e do objeto (O), [a carta], na ordem básica SVO. Em (9) pode-se perceber os itens da sentença em inglês [Anne] [writes] e [the letter] nas mesmas posições sintáticas observadas no português, ou seja, SVO.

(9) b. Anne writes the letter.

Como em (8), do português, em (9), do inglês, o primeiro constituinte é o sujeito; o segundo, o verbo e, o terceiro, o objeto. Então, tem-se [Anne] [writes] [the letter] obedecendo a ordem SVO. As representações sintagmáticas para a ordem básica dessas línguas são as que se vê nas Figuras 6 e 7.

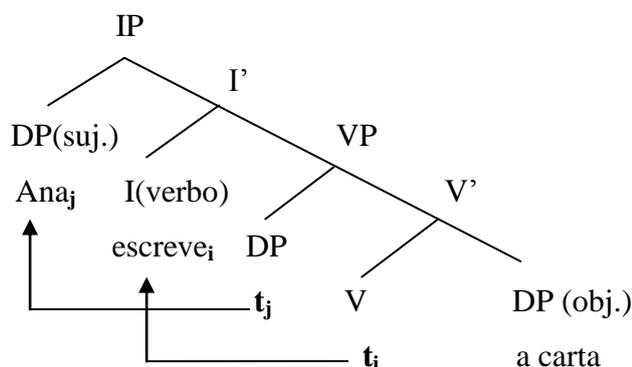


Figura 6. Representação sintagmática da ordem dos termos em português

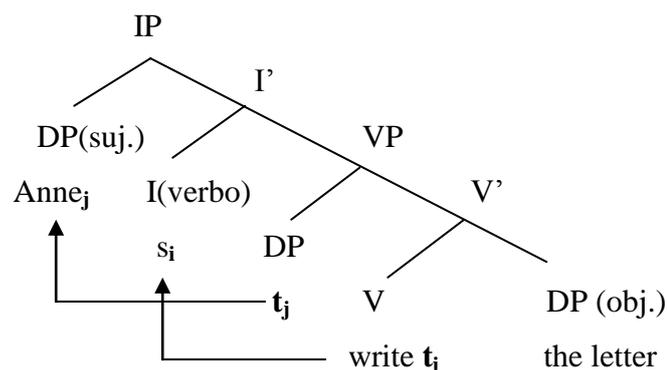


Figura 7. Representação sintagmática da ordem dos termos em inglês

Tanto a representação da sentença em português (Figura 6) quanto a da sentença em inglês (Figura 7) mostra os constituintes em posições específicas: o sujeito ocupa a posição final DP do IP ou SpecIP; o verbo ocupa a posição do núcleo do sintagma flexional (I); o objeto ocupa o DP complemento do VP.

A abordagem de Berlinck et al. (2004) investiga a hipótese de que a ordem estrutural sofre alterações de uma língua para outra, as quais estão associadas à distribuição da informação na sentença, como nos casos de topicalização, por exemplo. Além da topicalização, é possível que a variação na ordem na sentença seja um recurso para codificar a informação nova. Nesse sentido, a variação translinguística pode estar associada à flexibilidade na ordem dos termos da oração, o que, por sua vez, não interfere na ordem dos termos em outros contextos sintáticos, como na estrutura do PP ou do DP.

2.2.3. Variação da ordem básica dos termos de uma língua

Conforme visto na subseção 2.2.1, cada língua possui uma ordem estrutural básica na qual os enunciados são gerados, tornando-se, então, a ordem mais usada pelos falantes nativos. No entanto, as línguas podem apresentar ordens secundárias ou alternativas para suprir as necessidades comunicativas dos seus usuários.

Com base num estudo tipológico envolvendo 30 línguas, Greenberg (1966, p.77) afirma que, em larga maioria, o sujeito nominal tende a preceder o verbo nas línguas do mundo e a ordem básica mais frequente é a SVO. Num outro estudo encontrado no trabalho

de Steele (1975, apud Greenberg, 1978, pp.597-599), 63 línguas foram agrupadas de acordo com a ordem linear básica que apresentavam suas sentenças. Encontraram-se as ordens SOV, SVO, VSO e VOS; todas apresentavam variações de organização dos termos. As línguas do tipo SOV podem variar em OSV, SVO, OVS, VSO e VOS; as do tipo SVO podem variar em VOS, VSO, OVS⁹, SOV e OSV; as línguas que possuem o padrão VSO mostram variações de ordem para VOS, SVO, OVS, SOV e OSV; e as línguas com o padrão de ordem VOS permitem as ordens SVO e VSO como alternativas.

A pesquisa de Steele (1975, apud Greenberg, 1978, pp.597-599) serve para atestar a afirmação feita no início dessa subseção segundo a qual: em qualquer língua natural, há uma ordem de termos com maior índice de ocorrência se comparada às outras ordens existentes. A língua portuguesa, por exemplo, apresenta além da ordem SVO, como a básica, outras ordens secundárias, a OSV é uma delas. O exemplo (10) exhibe uma ordem variante em português.

(10) Morangos, a Ana não come. (Duarte & Brito, 1996, p.263)

A sentença em (10) está na ordem OSV, uma variante da ordem básica SVO do português. Esse é um exemplo clássico do deslocamento do objeto para a primeira posição no intuito de enfatizá-lo, haja vista a sentença apresentar a estrutura básica *A Ana não come morangos*, com o objeto na sua posição *in situ*.

2.3. A ordem dos termos na LSB e na ASL

2.3.1. A ordem básica nas línguas de sinais

O estudo das sentenças da Língua de Sinais Brasileira (LSB) tem mostrado que há um padrão de ordem dos constituintes semelhante ao da língua portuguesa, ou seja, SVO

⁹ Parece que houve um erro de impressão na fonte pesquisada, uma vez que o padrão VOS se repete no texto "Similarly, taking the SVO languages together we find not only the basic SVO word order but also VOS, VSO, VOS, SOV, and OSV." (Steele, 1975, apud Greenberg, 1978, p.598). No entanto, pela informação contida no trecho a seguir "CLASSICAL AZTEC allows all but OVS and OSV;..." (Steele, 1975, apud Greenberg, 1978, p.598), acredita-se que a quinta variação da ordem básica SVO seja a OVS.

sujeito+verbo+objeto (cf. Quadros, 1999; Quadros & Karnopp, 2004). Há também pesquisas que demonstram que a Língua Americana de Sinais (American Sign Language (ASL)) possui ordem básica SVO – cf. Fisher, 1973; Liddell (1980, apud Quadros & Karnopp, 2004); Sandler & Lillo-Martin, 2006. Exemplos de estruturas da LSB e da ASL podem ser vistos em (11a) e (11b).

(11) a. **HOMEM VER CINDERELA** (Hessel, Karnopp & Rosa, 2011, p.28)

‘O homem viu a Cinderela’

b. **MAN NOTICE CHILD** (Sandler & Lillo-Martin, 2006, p.289)

‘O homem observou a criança’

As representações de derivação das sentenças em (11a) e (11b) são apresentadas nas Figuras 8 e 9 a seguir.

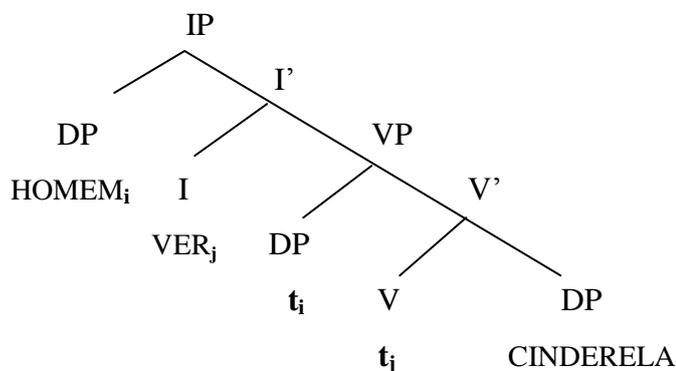


Figura 8. Representação de derivação da sentença (11a)

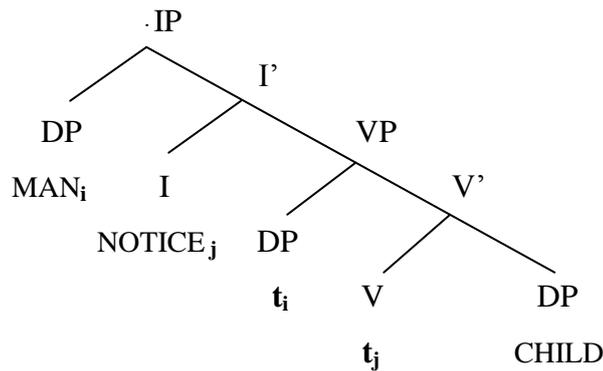


Figura 9. Representação de derivação da sentença (11b)

As Figuras 8 e 9 mostram como os termos se ordenam na sentença (11a) da LSB e na sentença (11b) da ASL: os elementos referentes ao SpecVP (HOMEM/ MAN) e V (VER/ NOTICE) se deslocam da projeção de VP para se posicionarem no especificador e no núcleo da categoria funcional IP, respectivamente. Os verbos VER e NOTICE são verbos com concordância¹⁰ e, dessa forma, recebem, na própria configuração do sinal, as marcas do sujeito (SpecVP) HOMEM/ MAN e do objeto (ComplVP) CINDERELA/ CHILD. Por meio do parâmetro do movimento, o ponto de início do movimento do sinal marca o argumento/DP, realizado como sujeito; e o ponto final do movimento do sinal marca o argumento/DP, realizado como objeto. O verbo concorda com os argumentos/DP, então, é alçado para o núcleo I na sintaxe aberta – o núcleo I é a posição adequada para licenciar as marcas de concordância.

As representações em 8 e 9 podem se expandir, considerando o desmembramento do IP nas categorias AgrS, TP, AgrOP. Além disso, desenvolvimentos da teoria postulam que o argumento externo seja realizado em uma categoria funcional acima de VP – que pode ser o núcleo funcional ‘v’ (*little v*/ vezinho) ou núcleo funcional *voice/ voz*. A presença dessas categorias não é relevante para as considerações formuladas neste ponto do trabalho.

Liddell (1980, apud Quadros & Karnopp, 2004, p.136) conclui que outras ordenações para ASL – OSV, VOS e SOV, segundo Fisher (1973, apud Quadros & Karnopp, 2004) – são

¹⁰ Os conceitos de verbos com concordância e verbos sem concordância estão expostos no Capítulo 3.

derivadas da ordem básica SVO e que somente estruturas com o padrão SVO podem ser transformadas em interrogativas de respostas sim ou não – <JOÃO COMPRAR CARRO>sn ‘O João comprou um carro?’ (Quadros & Karnopp, 2004, p.187).

Nessa perspectiva, Quadros & Karnopp (2004) observam, com base no estudo de Quadros (1999), que a ordem SVO para a LSB surge em orações simples, em orações subordinadas das sentenças complexas, na presença de auxiliares e na presença de advérbios e modais – cada situação será retomada na subseção 2.3.2.

Os exemplos (12), (13) e (14), a seguir, são estruturas da LSB que apresentam os casos de ordem básica supracitados. Cada caso de ordem básica será discutido, observando-se quais fatores sintáticos desencadeiam a posição básica dos elementos, tomando-se por base o estudo de Quadros & Karnopp (2004).

Os exemplos (12a) e (12b) são orações simples com o verbo ASSISTIR que possui marca de concordância; a primeira é gramatical porque segue a ordem SVO, mas a segunda está em outra ordem (OSV), por isso torna-se agramatical. Um dos fatores que contribui para a gramaticalidade da sentença é a presença de marcas não manuais como a direção do olhar (do) – cf. exemplo (12a).

(12) a. <IXa aASSISTEb bTV>do (Quadros & Karnopp, 2004, p.139)
‘El@ assiste TV’

b. *TVb IXa aASSISTEb (Quadros & Karnopp, 2004, p.141)
‘El@ assiste TV’

As sentenças (13a), (13b) e (13c) contêm os advérbios AMANHÃ e ALGUMAS-VEZES, em posição final ou anteposta o verbo, mantendo-se, assim, a gramaticalidade das sentenças. Quadros (1999, apud Quadros & Karnopp, 2004, p.143) acrescenta que os advérbios temporais surgem antes ou depois da oração, diferentemente dos advérbios de frequência que surgem antes ou depois do VP. As sentenças em (13) mostram a posição dos advérbios temporal e de frequência.

(13) a. JOÃO COMPRAR CARRO AMANHÃ (Quadros & Karnopp, 2004, p.144)
‘João vai comprar o carro amanhã’

b. EU ALGUMAS-VEZES BEBO LEITE (Quadros & Karnopp, 2004, p.145)

‘Algumas vezes eu bebo leite’

c. EU BEBO LEITE ALGUMAS-VEZES (Quadros & Karnopp, 2004, p.145)

‘Algumas vezes eu bebo leite’

As exemplos em (14) mostram uma oração subordinada na posição de objeto (14a) e o AUX estabelecendo concordância numa sentença com verbo sem concordância (14b).

(14) a. EU QUERER MARIA TRABALHAR MELHOR

(Quadros & Karnopp, 2004, p.143)

‘Eu quero que a Maria trabalhe melhor’

b. aJOÃO GOSTAR bMARIA, <bAUXa>do <TAMBÉM>mc

(Quadros & Karnopp, 2004, p.165)

‘João gosta da Maria e (ela) também’

O exemplo (14a) é uma sentença complexa com uma subordinada [MARIA TRABALHAR MELHOR] na posição de objeto; sempre que isso ocorre, o objeto não pode mudar de ordem, afirmam Quadros e Karnopp (2004, p.142). A sentença (14b) possui um auxiliar (AUX) que estabelece a concordância entre os argumentos da oração, pois GOSTAR é um verbo sem concordância; dessa forma, pode manter a ordem básica. As representações sintagmáticas das sentenças (14a) e (14b) podem ser observadas na Figura 10, logo a seguir, e na Figura 11, mais adiante.

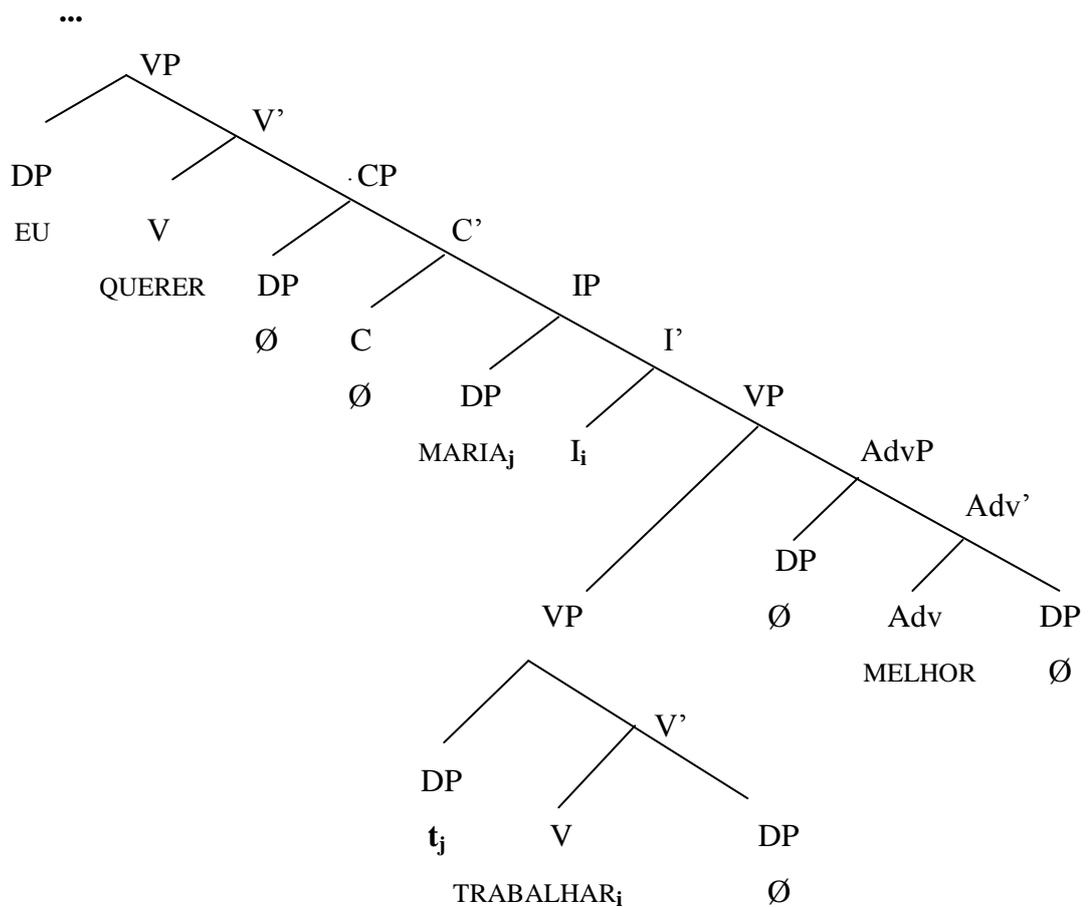


Figura 10. Representação da sentença complexa (14a)

Na Figura 10, a subordinada com função de objeto direto está representada na categoria CP (*Complementizer Phrase* ou Sintagma Complementizador). O núcleo C fica vazio porque a conjunção *que* não é realizada na LSB, ou seja, não há nenhum sinal que a defina. O VP superior ao CP é preenchido pela oração principal [EU QUERER] e o VP abaixo do CP é preenchido pelo predicado da subordinada [MARIA TRABALHAR]. O termo MELHOR posiciona-se no núcleo da categoria AdvP, uma vez que é o adjunto de VP referente à segunda oração.

A figura 11 mostra a derivação da oração (14b), que contém um AUX para promover a concordância pessoal.

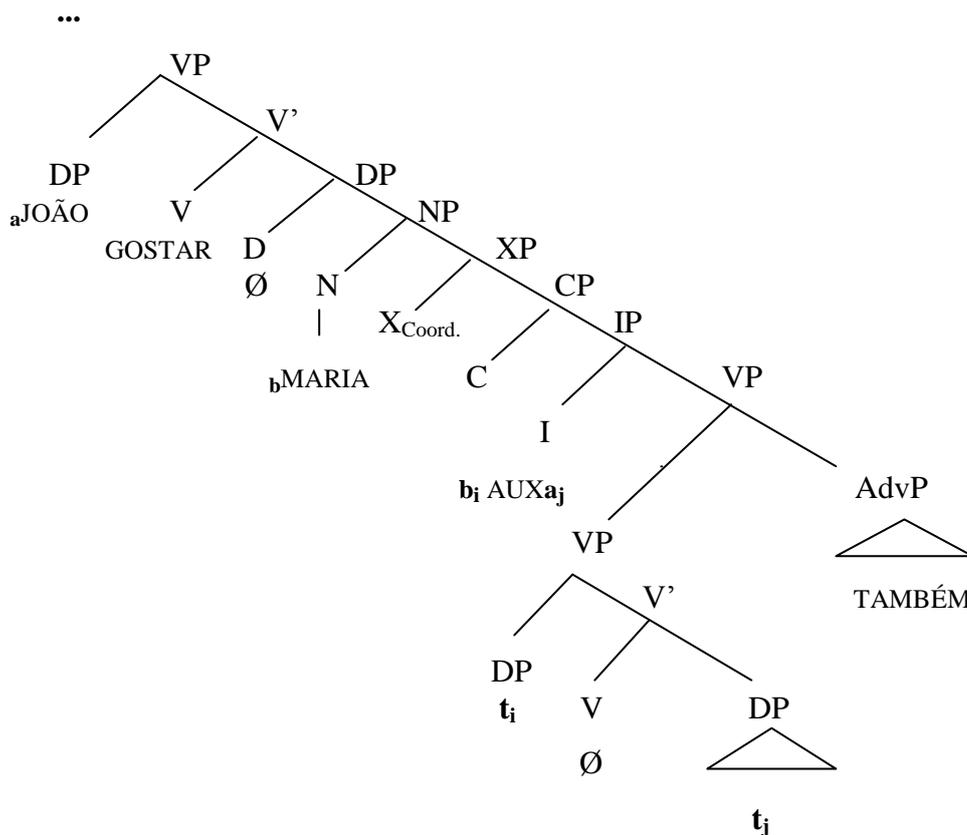


Figura 11. Posição do AUX na projeção sintagmática – representação da sentença (14b)

A sentença (14b) possui um AUX, o qual é posicionado sob o núcleo I, uma vez que a estrutura possui verbo sem concordância GOSTAR. Nesta posição, encontram-se, também, o argumento externo (EXPERIENCIADOR_i) e o argumento interno (TEMA_j) do VP inferior (em elipse), alçados para I, haja o ponto inicial da trajetória do sinal auxiliar marcar como sujeito o argumento MARIA (b), complemento do V superior, e o ponto final marcar como objeto o argumento JOÃO (a), especificador do VP superior.¹¹

Como o verbo GOSTAR não seleciona uma preposição na LSB, o objeto é realizado como um DP (*Determiner Phrase* ou Sintagma Determinante). O núcleo do VP inferior está

¹¹ Em relação à presença do verbo auxiliar (AUX), em (14b), a Profa. Dra. Adriana Lessa (em comunicação pessoal – C.P.) sugere a possibilidade de ser analisado como um sinal LOC de apontação para o argumentos, conforme PRADO (2014) – no caso MARIA e JOÃO, em uma estrutura de elipse de VP. Neste trabalho, não vamos nos deter na discussão dessas hipóteses. Agradecemos a contribuição para esta discussão.

elíptico (elipse de VP), sendo os argumentos introduzidos na segunda oração por meio da configuração [<bAUXa>do <TAMBÉM>mc]. O advérbio TAMBÉM promove identidade com o verbo GOSTAR da primeira oração [aJOÃO GOSTAR bMARIA,], o que permite a omissão do verbo na segunda oração (cf. item 10 da subseção 2.3.3 (Capítulo 2) e exemplo (3.e) da subseção 3.1.2 (Capítulo 3)).

As análises feitas nesta subseção serviram para mostrar os casos em que as sentenças da LSB apresentam-se ordenadas em SVO. Na próxima subseção serão explicitadas as razões de se defender a SVO como a ordem básica dos termos da oração na LSB.

2.3.2 A ordem dos termos nas sentenças da LSB

Há uma série de fenômenos e propriedades presentes na LSB que são utilizados como suporte para defender a ordem SVO como a mais básica desta língua. Quadros (1999) defende a ordem SVO para a LSB com os argumentos a seguir.

1. Todas as sentenças SVO são gramaticais.

- (15) IX GOSTA FUTEBOL (Quadros & Karnopp, 2004, p.140)
'El@ gosta de futebol'

2. Sentenças com verbos com concordância parecem apresentar mais liberdade na sua ordenação do que aquelas contendo verbos sem concordância. (p. 158)

- (16) a. <MARIA>do <JOÃOa aOLHARb>do (Quadros e Karnopp, 2004, p.158)
'João olha para a Maria.'

- b. *MARIA <JOÃO GOSTAR> (Quadros e Karnopp, 2004, p.158)
'João gosta da Maria'

3. Não há elevação do objeto oracional para uma posição mais alta em estruturas complexas como há nas sentenças simples.

- Sentenças complexas (sem elevação do objeto oracional)

(17) a. EU QUERER MARIA TRABALHAR MELHOR

(Quadros & Karnopp, 2004, p.143)

‘Eu quero que a Maria trabalhe melhor’

b. *EU MARIA TRABALHAR MELHOR QUERER

(Quadros & Karnopp, 2004, p.143)

‘Eu quero que a Maria trabalhe melhor’

- Sentença simples (com elevação do objeto oracional)

(17) c. JOÃO^a MARIA^b DAR^b LIVRO NÃO (Quadros & Karnopp, 2004, p.154)

‘João não deu o livro a Maria’

4. Advérbios temporais e de frequência levam-nos a conceber que há um constituinte VP na LSB que inclui o verbo e o objeto [VP[V NP]]. Esta relação não pode ser interrompida por um advérbio, um argumento adicional para se confirmar que SVO é a ordem básica na LSB.

(18) a. JOÃO COMPRAR CARRO AMANHÃ (Quadros & Karnopp, 2004, p.144)

‘João vai comprar o carro amanhã’

b. AMANHÃ JOÃO COMPRAR CARRO (Quadros & Karnopp, 2004, p.144)

‘João vai comprar o carro amanhã’

c. *JOÃO COMPRAR AMANHÃ CARRO (Quadros & Karnopp, 2004, p.144)

‘João vai comprar o carro amanhã’

5. Os auxiliares também evidenciam a ordem básica na LSB. “O auxiliar na língua de sinais brasileira é uma expressão pura de concordância estabelecida através do

movimento de um ponto ao outro (estes pontos compreendem o sujeito e o objeto da sentença).” (Quadros e Karnopp, 2004, 163)

(19) a. JOÃO_a aAUX_b <NÃO GOSTAR>_n (Quadros & Karnopp, 2004, p. 163)
'João não gosta dela'

b. *JOÃO <NÃO GOSTAR CARRO>_n (Quadros & karnopp, 2004, p.162)
'João não gostou do carro.'

6. A ordem (S)V(O) licencia argumentos nulos porque a LSB é uma língua pro-drop (Quadros, 1995).

(20) aDAR_b (Quadros & Karnopp, 2004, p.154)
'(El@) deu (algo) (el@)'

Conforme verificado nos exemplos desta subseção, a gramaticalidade, a ausência de ambiguidade, a não elevação do objeto oracional para uma posição mais alta em estruturas complexas, mantendo-o na posição *in situ*, a não interrupção da relação verbo-objeto pelo advérbio, o qual tende a ocupar a posição anterior ou posterior ao IP na sentença, e o licenciamento de argumentos nulos, postulam a ordem SVO como básica para as sentenças da LSB.

2.3.3. Alteração da ordem básica na LSB

Quadros & Karnopp (2004, p.158) observam que os verbos com concordância tendem a influenciar mais na mudança da ordem da estrutura oracional se comparados aos verbos sem concordância. Essa observação das autoras implica em se ter o conhecimento prévio sobre os tipos de verbos nas línguas de sinais e na LSB (cf. capítulo 3). Neste ponto, basta dizer que os verbos com concordância apresentam marcas na estrutura do sinal que correspondem aos argumentos do predicado, os quais são indicados na origem e no término do movimento, com a presença obrigatória da marca não-manual 'direção do olhar'/do. Essa propriedade não está presente em verbo sem concordância.

As autoras observam que “sentenças com verbos com concordância parecem apresentar mais liberdade na sua ordenação do que aquelas contendo verbos sem concordância” (p.158) – uma hipótese investigada neste trabalho.

(21) a. <MARIAb>do <JOÃOa aOLHARb>do (Quadros & Karnopp, 204, p.158)
‘João olha para a Maria’

b. *MARIA <JOÃO GOSTAR> (Quadros e Karnopp, 2004, p.158)
‘João gosta da Maria’

c. LEÃO COELHO COMER
_____hn (Quadros, 1999)
“LION RABBIT EAT”
‘O leão comeu o coelho’

A mudança de ordem linear básica na LSB pode ser notada nas seguintes situações:

1. *A topicalização permite mudança na ordem dos termos, desde que indicada por meio de sinais não-manuais.*

(22) <FUTEBOL>top <JOÃO GOSTAR>mc (Quadros & Karnopp, 2004, p.147)
‘De futebol, João gosta’

2. *O foco em sentenças permite mudança na ordem dos termos (incluindo verbos sem concordância). Construções com foco envolvem duplicação do elemento focalizado ao final, sem pausa antes do elemento final (‘construções duplas’, conforme análise para ASL em Petronio e Lillo-Martin (1997, apud Quadros & Karnopp, 2004, p. 152), também válida para LSB, conforme Quadros & Karnopp, 2004).*

(23) a. EU PERDER LIVRO <PERDER>mc (Quadros & Karnopp, 2004, p. 152)
‘Eu perdi o livro’

b. EU ~~PERDER~~-LIVRO <PERDER>mc (Quadros & Karnopp, 2004, p.153)
'Eu perdi o livro'

3. *A mudança na posição do objeto pode ocorrer em orações com verbos com concordância.*

(24) JOÃO^a MARIA^b aDAR^b LIVRO NÃO (Quadros & Karnopp, 2004, p. 154)
'João não deu o livro a Maria'

Como regra geral, as ordens OSV e SOV só são geradas com alguma característica ou traço especial na sentença, como a concordância e os marcadores não-manuais, incluindo a direção do olhar ou o movimento de cabeça. Quadros (1999) afirma que outras combinações dos termos, como VSO, OVS e VOS, também são possíveis na LSB, desde que haja a presença de um marcador especial na sentença.

Em relação aos tipos de verbos na LSB, Quadros (1999) apresenta alguns comportamentos sintáticos da negação ou do AUX, por exemplo, que podem aparecer nas ordens OSV e SOV. A saber:

1. *As sentenças com verbos com concordância parecem ter mais liberdade nas estruturas que as com verbos sem concordância (cf.(19)).*

2. *Marcadores não-manuais são obrigatórios com verbos com concordância e opcionais com verbos sem concordância.*

(25) a. <JOÃO>do <MARIA>do <aAJUDAR^b>do (Quadros & Karnopp, 2004, p.159)
'João ajuda a Maria'

b. JOÃO <aAJUDAR^b MARIA>do (Quadros & Karnopp, 2004, p.159)
'João ajuda a Maria'

c. JOÃO <GOSTAR MARIA>do (Quadros & Karnopp, 2004, p.158)
'João gosta da Maria'

d. JOÃO GOSTAR MARIA (Quadros & Karnopp, 2004, p.159)
'João gosta da Maria'

3. *Argumentos nulos ocorrem com verbos com concordância, mas não em sentenças com verbos sem concordância.*¹²

(26) a. AMANHÃ <aDARb>do LIVRO (Quadros & Karnopp, 2004, p.160)
'Amanhã (você) dará o livro (a el@)'

b. <AMANHÃ> IXa CONVERSAR IXb (Quadros & Karnopp, 2004, p.160)
'Amanhã el@ conversar com el@'

c. *AMANHÃ CONVERSAR (Quadros & Karnopp, 2004, p.160)
'AMANHÃ (el@ conversa com el@)'

3. *A distribuição da negação nas sentenças com verbos sem concordância é diferente da que ocorre nas sentenças com verbos com concordância. A negação pode preceder verbos com concordância.*

(27) a. JOÃOa <NÃO aDARb LIVRO>n (Quadros & Karnopp, 2004, p.161)
_____neg (Quadros, 1999)
"JOHNa NÃO aGIVEb BOOK"
'João não deu o livro para (el@)'

4. *Os verbos sem concordância não podem preceder a negação; é necessária a presença de um verbo auxiliar (cf. (17a-b) e (25a)).*

¹² Considerando a análise dos dados, verificou-se que existem argumentos em sentenças com verbos sem concordância – estruturas de coordenação e de controle (cf. Capítulo 4). Nesses casos, a posição de sujeito e de objeto é identificada entre parênteses e tratada como nula.

(28) a.*JOÃO <NÃO GOSTAR CARRO> (Quadros & Karnopp, 2004, p.162)
'João não gostou do carro'

b. JOÃO_a aAUX_b <NÃO GOSTAR>_n (Quadros & Karnopp, 2004, p.163)
'João não gosta dela'

5. *Os verbos sem concordância não podem preceder advérbios que são adjungidos à esquerda de VP* (compare com (16c), com advérbios de frequência).

(29) *JOÃO COMPRAR SEMPRE BALAS (Quadros & Karnopp, 2004, p.164)
'João sempre compra balas'

6. *Os verbos sem concordância podem ser elididos em sentenças complexas através de identidades com sua forma explícita.*

(30) aJOÃO GOSTAR bMARIA, <aAUX_b>do <TAMBÉM>_{mc}
(Quadros & Karnopp, 2004, p.165)
'João gosta da Maria e (ela) também'

7. *Os verbos com concordância podem preceder a negação se possuírem traços fortes ou seguir a negação, caso possuam traços fracos* (cf. (19a)).

8. *As sentenças com verbos com concordância não precisam do AUX como do-support* (cf. (21a)).

9. *Os verbos com concordância só podem ser elididos em sentenças complexas quando houver algo presente que garanta a identidade entre os verbos e seus antecedentes* (cf. (28); compare-se com (12)).

(31) MARIA PODER [<(a)ENTREGAR(b)>do LIVRO]_i, EU <TAMBÉM>_{mc} <PODER [e]_i>_{mc+} (Quadros & Karnopp, 2004, p.168)
'Maria pode entregar o livro (a ele), eu também posso'

Conclui-se que, além da ordem SVO, a manifestação de outros padrões de ordem dos constituintes, como OSV e SOV, é possível, destacando-se a existência de restrições

associadas aos tipos de verbos. A questão dos tipos de verbos será discutida com mais detalhe no capítulo 3, incluindo-se as propriedades das construções com classificadores, que, por hipótese, envolvem (re)ordenação dos argumentos na estrutura oracional.

CAPÍTULO 3

AS CLASSES VERBAIS E AS ESTRUTURAS CLASSIFICADORAS NAS LÍNGUAS DE SINAIS E NA LSB

Este capítulo trata da classificação dos verbos nas línguas de sinais e os fatores relacionados e relevantes aos objetivos deste trabalho, os quais são: a) descrever a ordem básica das sentenças da Língua de Sinais Brasileira (LSB) na relação com a tipologia verbal e com a presença de classificadores; b) investigar as propriedades da Gramática Universal (GU) na relação com as línguas de sinais, e com a LSB, em particular.

O capítulo está organizado em duas seções: a primeira apresenta a classificação dos verbos nas línguas de sinais com base em Padden (1983/ 1988) e Quadros & Karnopp (2004), finalizando com uma subseção referente à revisão bibliográfica do artigo de Quadros & Quer (2008); a segunda traz a distinção entre classificadores e estruturas classificadoras, com ênfase na revisão bibliográfica do artigo de Veloso (2010). Ao final de cada revisão, há esclarecimentos de como as propostas teóricas desses autores contribuem para a discussão dos fenômenos abordados nesta pesquisa.

3.1. As classes verbais nas línguas de sinais e na LSB

Padden (1983/ 1988, apud Quadros & Quer, 2008) classifica os verbos das línguas de sinais em verbos simples, verbos de concordância e verbos espaciais. Os verbos espaciais identificam pontos no espaço de sinalização, vinculando-os com os argumentos locativos selecionados pelo verbo; os verbos de concordância marcam, por meio da configuração do sinal, um ponto inicial, no espaço de sinalização, que corresponde à localização do argumento externo/ sujeito, e um ponto final, no espaço de sinalização, que corresponde à localização do argumento interno/ objeto, o que permite dizer que o sinal incorpora os traços de concordância de pessoa e número desses argumentos. Os verbos simples não identificam, na estrutura do sinal, pontos no espaço de sinalização com seus argumentos, o que exclui que manifestem traços de pessoa e número.

Considerem-se os dados a seguir.

- (1) a. BRUXA TRAZER COMIDA (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.16)
'A Bruxa trazia comida'
- b. HOMEM VER CINDERELA (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.28)
'O homem viu a Cinderela'
- c. RAPUNZEL COMPREENDER LÍNGUA DE SINAIS (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.24)
'Rapunzel compreendia a língua de sinais'

Em (1a), o verbo TRAZER é espacial porque marca dois pontos no espaço: o ponto de partida do sinal ou a Fonte, que é onde se encontra o argumento locativo; e o ponto de chegada do sinal ou o Alvo, que é a localização referente ao argumento externo BRUXA. Em (1b), o verbo VER é um verbo de concordância porque, na realização/ estrutura do sinal, o ponto inicial do movimento corresponde à localização do argumento interpretado como Experienciador HOMEM, o qual assume a função de sujeito, e o ponto final do movimento corresponde à localização do argumento interpretado como Tema CINDERELA, o qual assume a função de objeto (direto) na estrutura oracional. Assim, ao indicar, nos pontos de articulação, os argumentos do verbo, o sinal traz marcas que determinam os traços formais de pessoa (e número) desses argumentos, o que permite dizer que representam a concordância verbal de pessoa e número. A sentença (1c) mostra o verbo simples ENTENDER, o qual é sinalizado sem identificar, em sua estrutura (por meio dos parâmetros), um ponto no espaço que corresponda aos referentes dos argumentos realizados como sujeito e objeto; cada termo que corresponde aos argumentos é sinalizado em localizações distintas no espaço de sinalização, ou seja, os argumentos RAPUNZEL e LÍNGUA DE SINAIS estão indicados separadamente em relação ao ponto de articulação do sinal, que é a lateral da testa.

Para Quadros (1999, apud Quadros & Karnopp, 2004, pp.201-202), a LSB possui verbos sem concordância e verbos com concordância. Os verbos espaciais incluem-se na classe dos verbos com concordância porque têm traços formais a serem checados no IP (Sintagma Flexional – *Inflectional Phrase*), assim como os verbos com concordância, considerando-se que existe marcação morfológica no verbo. Os verbos simples são os verbos sem concordância, ou seja, sem marcação morfológica no verbo. Os argumentos dos verbos

sem concordância são licenciados por meio de traços formais abstratos (em IP), exatamente como os verbos com concordância, distinguindo-se destes por não apresentar a marca flexional no verbo, a qual autoriza a realização nula da função de sujeito e de objeto (no caso dos verbos com concordância), e por não autorizar o movimento do verbo na sintaxe aberta.

As projeções a seguir mostram a derivação de orações com verbos com concordância e verbos espaciais em LSB. Nestas e nas outras representações arbóreas deste trabalho, adotamos a teoria X-barras, conforme Miotto, Silva & Lopes (2007), a qual está formulada, com adaptações, de acordo com Chomsky (1995), e postula posições funcionais para o licenciamento do argumento na posição de sujeito e de objeto, respectivamente no sintagma de concordância de sujeito (AgrSP), que domina o sintagma de tempo (TP), e no sintagma de concordância de objeto (AgrOP), situado acima do VP. A Figura 1 e a Figura 2 ilustram o movimento aberto de V para AgrS, para checar o traço forte de concordância, bem como o movimento aberto do DP sujeito para SpecAgrSP, a fim de checar o traço forte de concordância em AgrS, passando por T, a fim de checar o EPP¹³.

¹³ O EPP estabelece que toda sentença tem um sujeito. “O EPP garante que Spec IP é uma posição sempre presente e conspira para que certos fenômenos relacionados com essa posição se produzam na sentença. Se o verbo tem argumento externo, é este que deve ocupar a posição sujeito, por razões que concernem a teoria do Caso (...) se o verbo não tem argumentos, só um expletivo pode satisfazer o EPP; este elemento é nulo ou com matriz fonética, dependendo de propriedades paramétricas das línguas.” (Miotto et al. 2007, pp.144-145).

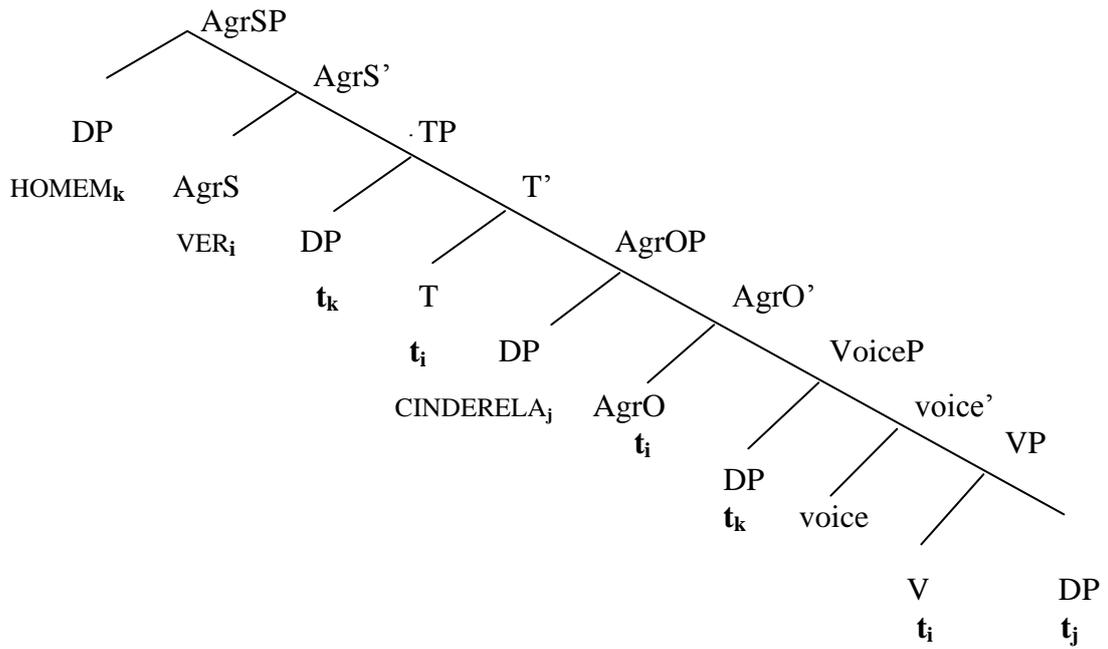


Figura 1. Representação da estrutura frasal com verbo com concordância

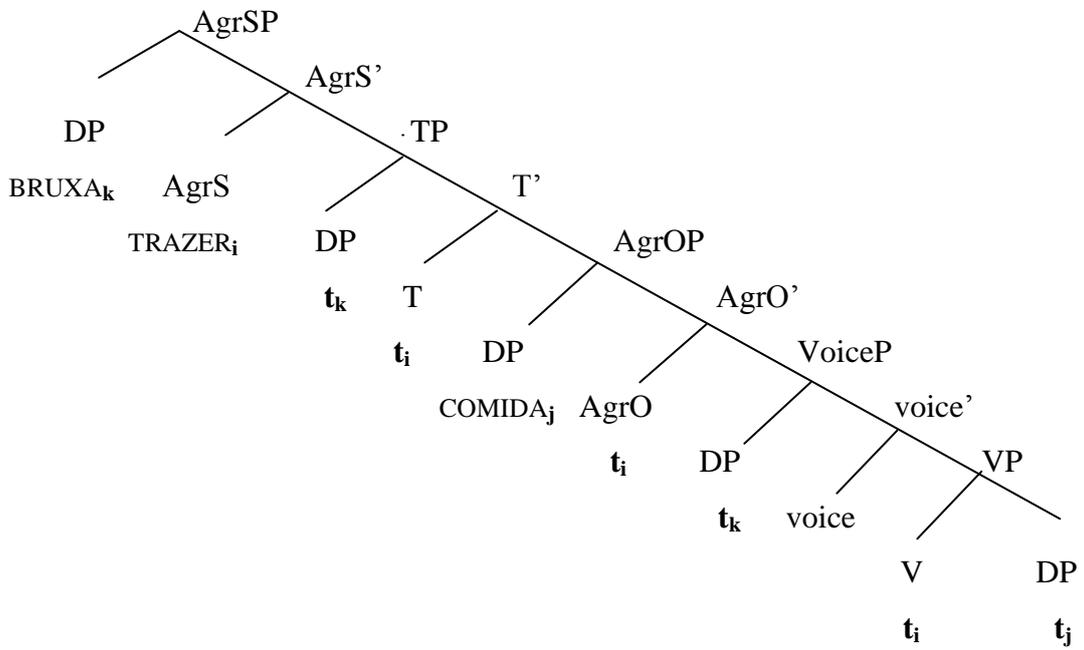


Figura 2. Representação da estrutura frasal com verbo espacial

Ao observar a Figura 1 e a Figura 2, percebe-se que, em ambas as representações, os traços formais do DP sujeito são checados na projeção da categoria funcional AgrSP, mediante o movimento aberto do DP para SpecAgrP, e os traços formais do DP objeto são checados na projeção da categoria funcional AgrOP, mediante movimento na sintaxe aberta (indicado pelos índices) (Chomsky, 1995, p.59). Na Figura 1 e na Figura 2, os verbos VER e TRAZER são gerados no núcleo V.

A seguir, apresenta-se a projeção sintagmática da estrutura 1(c) com verbo simples.

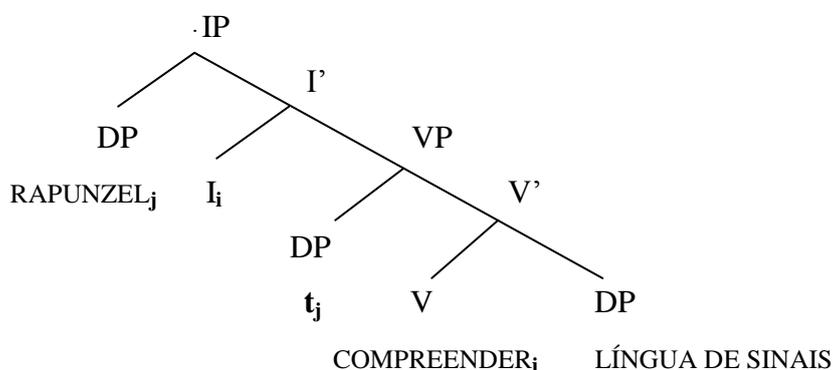


Figura 3. Representação arbórea de uma estrutura com verbo simples

A Figura 3 mostra que o verbo simples COMPREENDER não se desloca, na sintaxe aberta, para o núcleo funcional I. O argumento externo PRÍNCIPE movimenta-se do SpecVP para o SpecIP, na sintaxe aberta, para satisfazer o EPP; e o argumento interno LÍNGUA DE SINAIS não sofre movimento na sintaxe aberta, mantendo-se na posição de complemento de V. Na derivação das estruturas com verbos simples ou sem concordância, por hipótese, a categoria IP ocorre sem ser desmembrada em AgrSP, TP, AgrOP, conforme propõem Quadros & Karnopp, 2004, p.169). Tal configuração explicaria por que estruturas com os verbos sem concordância não costumam ter movimentos de seus termos para posições que mudariam a ordem básica.

Nas próximas subseções, retomaremos a discussão a respeito dos verbos com e sem concordância, considerando a forma como se manifestam em relação à ordem dos termos na estrutura da oração, tema desta dissertação. A partir daqui e para as análises dos dados neste

trabalho, utilizam-se apenas essas duas classificações: verbos sem concordância e verbos com concordância. Optou-se pela divisão de Quadros & Quer (2008) por ser a mesma posição de checagem dos traços formais para os verbos de concordância e verbos espaciais, como vistos nas Figuras 1 e 2.

3.1.1. Verbos sem concordância

Conforme mencionado anteriormente, os verbos sem concordância ou verbos simples não possuem nenhuma marca morfológica de concordância, ou seja, não incluem, na configuração do sinal, a pessoa do discurso. Nesse sentido, os argumentos devem ser explícitos e não acionam a direção do movimento de acordo com a pessoa do discurso ou com os argumentos aos quais se referem.

Felipe (2007, p.165) afirma que esses verbos admitem o uso de intensificadores e de advérbios de modo como modificadores verbais. Dessa forma, os intensificadores ou os advérbios podem causar alguma alteração na configuração do sinal como, por exemplo, o movimento.

Os dados a seguir apresentam exemplos de verbos sem concordância. O exemplo (2a) mostra o verbo sem concordância TRABALHAR. Na relação com o sujeito EU, esse verbo ocorre na segunda posição, gerando a ordem básica SV(O), seguindo-se o adjunto adverbial de lugar FENEIS. No exemplo (2b), o verbo TRABALHAR é modificado pelo intensificador *muito*, o qual é incorporado ao sinal verbal. Pela incorporação do intensificador ao verbo, o sinal TRABALHAR passa a ser sinalizado com repetição e movimento mais acelerado.

- (2) a. EU TRABALHAR FENEIS (Felipe, 2007, p.165)
‘eu trabalho na Feneis’
- b. FENEIS ELA TRABALHARmuito LÁ (Felipe, 2000, p.165)
‘ela trabalha muito na Feneis’

Em (2c), a seguir, há um verbo sem concordância e, por ele não poder licenciar argumentos nulos, a sentença torna-se agramatical (cf. Quadros & Karnopp 2004, p.160).¹⁴ As autoras acrescentam que os verbos sem concordância não podem ter a negação em posição anteposta, como ilustrado em (2d), a menos que haja a presença do auxiliar (AUX) na sentença – exemplo (2e).

(2) c. *AMANHÃ CONVERSAR (Quadros & Karnopp, 2004, p.160)

‘Amanhã (el@ conversa com el@)’

d. *JOÃO <NÃO GOSTAR¹⁵ CARRO>n (Quadros & Karnopp, 2004, p.163)

‘João não gostou do carro’

e. JOÃO aAUXb <NÃO GOSTAR>n (Quadros & Karnopp, 2004, p.163)

‘João não gosta dela.’

Quadros & Karnopp (2004) observam ainda que verbos simples, sem concordância, também não podem preceder advérbios adjuntos a VP (uma restrição também observada em inglês – **John plays always soccer*).

(2) f. *JOÃO COMPRAR SEMPRE BALAS (Quadros & Karnopp, 2004, p.164)

‘João sempre compra balas.’

As sentenças (2g), (2h) e (2i) apresentam os verbos transitivos diretos sem concordância LER, PLANEJAR e COLHER, e os termos estão ordenados em SVO.

¹⁴ Conforme observado pela Profa. Dra. Adriana Lessa (c.p.), na primeira pessoa, o argumento pode ser nulo. Nesse sentido, se não há referência a outro argumento no espaço de sinalização, a interpretação *default* é a de que o argumento é a 1ª pessoa. Essa questão merece estudo mais aprofundado.

¹⁵ A expressão NÃO GOSTAR em (2d) corresponde, nesta transcrição, a dois sinais distintos: a negação NÃO e o verbo, que, como esclarecem as autoras, corresponde a ‘desejar’ (cf. Quadros & Karnopp, 2004, p.44). Segundo as autoras, o sinal NÃO-GOSTAR (com a incorporação da negação) não se aplica em (2d).

- (2) g. MADRASTA LER CARTA (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.14)
 ‘A madrasta leu a carta’
- h. DOIS PLANEJAR FUGA (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.22)
 ‘Os dois planejaram uma fuga’
- i. HOMEM COLHER RABANETES (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.8)
 ‘O homem colhia rabanetes’

3.1.2. Verbos com concordância

Os verbos com concordância podem marcar não manualmente as pessoas do discurso e, por isso, sofrem alteração em relação ao ponto inicial e final: um concorda com o sujeito e o outro com o objeto, nesta ordem. Quer dizer, esses verbos se flexionam em pessoa, número, e podem, também, possuir afixo locativo, conforme Quadros & Karnopp (2004, p.201).

Um verbo com concordância possui a trajetória que marca o sujeito no ponto inicial e o objeto no ponto final, quer dizer, a trajetória do movimento começa no sujeito e termina no objeto. A concordância é feita pela direcionalidade (palma da mão ou ponta dos dedos) e por sinais não manuais, como o movimento de cabeça ou a direção do olhar. A flexão verbal é, portanto, representada na estrutura do sinal pelas marcas na trajetória do movimento associadas ao argumento externo e ao argumento interno, respectivamente.

Observem-se os exemplos (3a) e (3b). A sentença (3a) está na ordem OSV e apresenta um verbo com concordância. O verbo OLHAR associado à marca não manual ‘direção do olhar’ (*do*) determinam a mudança na ordenação dos constituintes, segundo Quadros (1999) (apud Quadros & Karnopp, 2004, p.140) – tal comportamento também pode ser observado com os verbos sem concordância. No entanto, para que a sentença esteja na ordem básica, parece ser obrigatória a marcação não manual ‘direção do olhar’ (*do*), associada ao verbo com concordância – exemplo (3b) –, a qual é opcional com verbo sem concordância.

- (3) a. <MARIA>do <JOÃOa aOLHARb>do (Quadros & Karnopp, 2004, p.158)
 ‘João olha para Maria’

- b. JOÃO <aAJUDARb MARIA>do (Quadros & Karnopp, 2004, p.159)
'João ajuda a Maria'

Quadros & Karnopp (2004, p.160) observam também que os verbos com concordância podem licenciar argumentos nulos; isso se percebe em (3c) (diferentemente de (2c), acima). Ainda segundo as autoras, os verbos com concordância podem ser precedidos de negação, conforme a oração (3d), mas os verbos sem concordância não podem, a menos que haja a presença do auxiliar (AUX) na sentença – exemplo (2d).

- (3) c. AMANHÃ <aDARb>do LIVRO (Quadros & Karnopp, 2004, p.160)
'Amanhã (você) dará o livro (a el@)'

- d. JOÃO <NÃO aDARb LIVRO>n (Quadros & Karnopp, 2004, p.161)
'João não deu o livro (para el@)'

O último exemplo, a seguir, mostra a agramaticalidade da sentença (3e) porque há omissão do verbo QUERER na oração principal e o verbo com concordância ENTREGAR não possui identidade com o verbo da oração subordinada. Contudo, se houvesse algum fator que identificasse o verbo com o seu antecedente, o verbo QUERER poderia ser omitido. Quadros & Karnopp (2004, p.167) afirmam que os verbos *have* e *be* na língua inglesa, em sentenças complexas como em *John will be here, and Mary will too*, comportam-se de forma semelhante aos verbos com concordância da LSB; na sentença em inglês, o do-support *will* é a identidade verbal entre a oração principal e a subordinada, podendo haver, assim, a omissão do verbo *be* (_) na oração complexa.

- (3) e. *MARIA <aENTREGARb>do LIVRO, EU <TAMBÉM>mc <QUERER>mc+
(Quadros & Karnopp, 2004, p.168)
'Maria quer entregar (a ele) o livro, eu também quero'

Assim, na oração MARIA QUERER [<(a)ENTREGAR(b)>do LIVRO]i, EU <TAMBÉM>mc <QUERER [e]i> (Quadros & Karnopp, 2004, p.168) 'Maria quer entregar (a ele) o livro, eu também quero', o verbo QUERER da subordinada EU <TAMBÉM>mc

<QUERER [e]_i> identifica-se com o verbo QUERER da oração principal MARIA QUERER [<(a)ENTREGAR(b)>do LIVRO]_i, o que torna a sentença gramatical.

3.1.3. O debate sobre a classificação verbal nas línguas de sinais segundo Quadros & Quer (2008)

Em *Revertendo os verbos reversos e seguindo em frente: sobre concordância, auxiliares e classes verbais em línguas de sinais*, Quadros & Quer (2008) revisam a literatura sobre classes verbais e verbos com concordância e espaciais e verbos auxiliares nas línguas de sinais. Na discussão, apontam os problemas encontrados na caracterização desses verbos e aperfeiçoam as abordagens estudadas no sentido de solucionar aquelas mais problemáticas.

Inicialmente, os autores explicam brevemente a classificação tripartite dos verbos das línguas de sinais, proposta por Padden (1983/ 1988), afirmando que os verbos de concordância concordam com os argumentos sujeito e objeto, e os verbos espaciais fazem concordância locativa, distinguindo-se dos verbos simples (sem concordância), que não se flexionam em número e pessoa – nem aceitam afixos locativos. Na análise de Meir (1998, 2002), os verbos de concordância e os verbos espaciais usam o morfema direcional DIR para realizar a concordância.

Segundo Fischer & Gough (1975), os papéis temáticos FONTE e ALVO podem ocupar os espaços da trajetória nas classes dos verbos de concordância e dos verbos espaciais (de concordância locativa); contudo encontra-se um grande problema aqui, haja vista os verbos reversos pertencerem à classe dos verbos de concordância e não se alinharem na trajetória com o sujeito e o objeto, e sim ao contrário – o morfema direcional parte do locus do objeto em direção ao locus do sujeito.

Padden (1983/ 1988), Fischer (1996) e outros, a partir de diferentes análises, tentam distinguir concordância sintática e/ ou semântica de concordância espacial; ambas são compreendidas como a realização morfológica da concordância, ou seja, traduzem-se como o movimento entre dois pontos associados aos argumentos do verbo. Eles defendem que a primeira é uma relação gramatical entre o sujeito e o objeto, realizada pelo movimento de trajetória e/ou de orientação; e a segunda é uma relação locativa em que um ponto de localização se associa ao outro no espaço de sinalização, podendo acontecer de um ponto ser o início (fonte) e o outro ser o final (alvo) no movimento realizado na estrutura do sinal.

Em relação à concordância, não há consenso entre os inúmeros autores. Kegl (1985) argumenta que tanto os verbos de concordância quanto os espaciais podem concordar com a fonte-alvo. Para Aronoff, Meir e Sandler (2005), na concordância há um controlador e um alvo da concordância. A concordância sintática representa a cópia de índices referenciais e a verificação dessas características sob condições sintáticas específicas, enquanto a concordância morfológica é a realização manifesta dos índices sintáticos envolvidos – o controlador é sujeito (o elemento nominal do qual o índice é copiado) e o alvo é elemento sobre o qual o índice é copiado. Nas línguas de sinais, a concordância é expressa diretamente através da cópia dos *loci* referenciais (*R-loci*) nos espaços morfológicos correspondentes dos verbos de concordância. Citando a proposta de Meir (1998), os autores distinguem verbos de concordância e verbos espaciais: enquanto nos verbos de concordância, a direção da trajetória é determinada por papéis temáticos dos argumentos (FONTE-ALVO) e a orientação da mão é determinada pela função sintática dos argumentos (sujeito-objeto), nos verbos espaciais, a trajetória do verbo é uma representação direta da trajetória do argumento realizado como objeto. Semanticamente, verbos de concordância denotam TRANSFERÊNCIA, e verbos espaciais denotam MOVIMENTO.

Meir (1998) acrescenta que, se há verbos reversos (o objeto é a posição inicial do movimento na estrutura do sinal, e o sujeito é a posição final), a direcionalidade deve ser isolada. A orientação da mão, com a palma em direção ao objeto, é mantida como em qualquer verbo de concordância. Então, Meir sugere a marcação dupla – concordância da trajetória temática (fonte-alvo) e concordância sintática (“orientação da mão em direção ao objeto”). Alguns exemplos de verbos reversos nas línguas ASL (Língua de Sinais Americana) e ISL (Língua de Sinais Israelense) são COPY [COPIAR], INVITE [CONVIDAR], TAKE [LEVAR, PEGAR].

Há três testes oferecidos por Padden (1983/ 1988) para os casos em que há morfemas superficialmente semelhantes envolvidos na concordância sintática e na locativa, conforme os exemplos em (4)¹⁶. Se a concordância for interpretada como um movimento entre pontos específicos de localização no espaço, tem-se a locativa, como o exemplo (4a); caso a concordância seja interpretada considerando-se os pontos inicial e final do movimento

¹⁶ Os exemplos citados são traduzidos do inglês para o português, na transcrição.

correspondentes às posições de sujeito e objeto, então, ela será sintática, conforme (4b). Somente na concordância de pessoa verifica-se a marcação distributiva ou exaustiva – exemplo (4c); com o verbo espacial, sentenças com a forma semelhante a (4d) contêm verbo com a concordância locativa. Os verbos de concordância permitem que haja a marcação recíproca como em (4e); mas, os verbos espaciais só permitem interpretação locativa – exemplo (4f).

- (4) a. a-LEVAR-COM A-MÃO-b
‘Eu o levo daqui para lá’
- b. 1-DAR-2
‘Eu lhe dou’
- c. DAR-3ista
‘Eu o dou para (cada um) (d) eles’
- d. COLOCAR-a COLOCAR-b COLOCAR-c
‘Eu os coloco ali, lá e acolá’
- e. a-DAR-b/ b-DAR-a
‘Eles deram algo um para o outro’
- f. a-COLOCAR-b/ b-COLOCAR-b
‘Eu coloco um no lugar do outro’

Quadros e Quer (2008) apresentam em seguida, testes sintáticos adicionais, propostos por Rathmann & Mathur (no prelo), no sentido de demonstrar a separação entre verbos espaciais e verbos de concordância. A saber: verbos espaciais (mas não verbos de concordância) podem apresentar o argumento LOCATIVO interpretado como FONTE-XP (origem do movimento) (JORNAL JOHN-i CASA-a ESCOLA-b a-TRAZER-b ‘John trouxe jornal de casa para a escola’/ *JORNAL JOHN-i BILL-j MARY-k j-DAR-k); os verbos espaciais podem mudar a trajetória, ou seja, a interrupção do movimento pela metade com

verbos espaciais não produz agramaticalidade (JORNAL JOHN-i CASA-a ESCOLA-b a-TRAZER-b /interrompendo o movimento/ ‘John trouxe o jornal para a escola /interrompendo o movimento/’); o argumento referente ao papel temático alvo nos verbos espaciais pode ser questionado por ONDE (ONDE JOHN-i TRAZER-a JORNAL ‘Para onde o John levou o jornal?’).

Rathmann & Mathur (no prelo) também explicam que, ao selecionar dois argumentos, o verbo pode concordar com o sujeito e o objeto com traços de pessoa e número. Contudo, essa análise exclui a concordância de pessoa com argumentos inanimados. Quadros e Quer (2008) remetem então ao estudo de Janis (1992, 1995), em que a concordância é feita com o caso locativo ou com o caso direto (concordância gramatical), ou seja, a autora desconsidera as classes verbais ao admitir a existência da concordância de caso em que o argumento controlador define o tipo de concordância.

Segundo a classificação verbal de Fischer e Gough (1978), os aspectos direcionalidade, reversibilidade e locacionalidade correspondem à flexão verbal de pessoa nas línguas de sinais. A direcionalidade é o movimento dos verbos de concordância ou espaciais em direção ao(s) argumento(s) estabelecido(s) no espaço. Verbos direcionais como DAR, TRAZER, LEVAR, MORDER, ATINGIR, MACHUCAR, SANGRAR concordam com os NPs e com os PPs. O processo da reversibilidade diz respeito aos verbos reversos, a maioria dos quais são de concordância. Aqui, há o direcionamento do sinal e uma mudança da orientação da mão. São exemplos de verbos reversos: ENCONTRAR, ELOGIAR, FREQUENTAR. No aspecto de locacionalidade, estão os verbos locacionais, como QUERER, em que se pode articular o sinal ou perto da localização do sujeito ou perto da localização do objeto.

Quadros e Quer (2008) acrescentam que, nas línguas de sujeito nulo, como a ASL e a LSB, os pronomes nulos são permitidos, mas há restrições em relação à informação no verbo – só se permite argumentos nulos (externo e/ou internos) se a concordância for relacionada à pessoa. Kegl (1985: 108) apresenta o verbo HAND-OVER/ ENTREGAR, dizendo que tal verbo tem uma localização associada à fonte e outra associada a alvo. A noção de transferência de posse é indiferente para a interpretação do sinal.

Janis (1992) defende que os verbos não-locativos, quer dizer, de concordância, “seriam formas lexicalizadas de predicados classificadores” (p.77). Janis verifica também que os marcadores de concordância na proposta de Padden (1983/ 1988) serão ou do tipo sujeito/

objeto, ou do tipo locativo. No entanto, alguns verbos podem fazer mais de um tipo de concordância, como ENSINAR ora pertencendo à classe de concordância, ora à classe espacial, o que implica que seja listado duas vezes no léxico, o que não é desejável. Além disso, se a concordância ocorre nos dois casos, a classe verbal não pode determinar o tipo.

Em relação à abordagem baseada em papéis temáticos de Meir (1998), Quadros e Quer (2008) observam que existem vários contra-argumentos. O primeiro afirma que os verbos de concordância não denotam a realidade são a realização da trajetória associada à interpretação de transferência porque “o significado de transferência não está prontamente disponível” (p.78). É o que ocorre com os verbos de concordância, os quais são transitivos e só podem concordar com objeto direto, excluindo a hipótese de bitransitividade. O segundo contra-argumento diz que, em verbos de concordância, o segundo argumento pode ser ALVO ou TEMA, e não unicamente o ALVO, conforme a proposta de Meir (1998). Em IMPRIMIR, o segundo argumento marcado pela concordância é o TEMA. O terceiro contra-argumento defende que o auxiliar de concordância (AUX), existente em certas línguas de sinais, não concorda com a FONTE e o ALVO, mas sim com o sujeito e o objeto.

Segundo Quadros e Quer (2008), os testes de Rathmann e Mathur (no prelo) não são válidos para a LSB, nem para a Língua de Sinais Catalã (LSC) pelas seguintes razões: (i) a semântica de transferência associada aos verbos de concordância nem sempre está disponível, como no caso do verbo ESCOLHER; (ii) o papel temático do segundo argumento de verbos de concordância nem sempre é um ALVO, podendo ser TEMA, como no caso de IMPRIMIR/CONVIDAR; (iii) na presença de um AUXILIAR, verifica-se a concordância com o sujeito e o objeto, e não com FONTE e ALVO temáticos (MENINA 2-AUX-3 LEVAR); em relação à restrição de que concordância só ocorre com argumentos animados, existem casos em que tal restrição não se sustenta, como em NOTAS IX-1 3-COPIAR-1; a fonte pode coocorrer com o TEMA pessoal, como em AEROPORTO MARIA IX-2 2-PEGAR-3; um mesmo verbo permite que tema e fonte sejam questionados (<ONDE IX-1 1-PEGAR-3 MULHER ONDE>qu/ <QUEM PESSOA IX-1 1-PEGAR-3 AEROPORTO ONDE>qu); em verbos espaciais ou verbos de concordância, é possível a modificação da trajetória, com implicações para a interpretação aspectual (LIVRO JOHN-i MAR-j i-DAR-j (metade do caminho) ‘John quase passou o livro para Mary’/ LIVRO JOHN-i ESCOLA-a TRAZER-a (movimento interrompido) ‘John quase trouxe o livro para a escolar).

Em síntese, os autores observam que os verbos reversos nas ASL, ISL, LSB, LSC não são bitransitivos, pois possuem um só argumento interno de marcação acusativa como obrigatório, o qual é interpretado como TEMA. Sendo assim, os verbos reversos devem ser tratados como pertencentes à subclasse dos verbos manuais, que por sua vez, pertencem à classe dos verbos espaciais transitivos. Esses verbos manuais têm trajetória que concorda com as localizações e não com os argumentos sintáticos – tratando-se de predicados classificadores manuais, o sujeito é sempre animado, enquanto o objeto pode ou não ser animado (BOOK-x x-TAKE-1, LSC/ LSB).

Quadros & Quer (2008) adotam a terminologia de Quadros (1999) para sugerir que os verbos das línguas de sinais deveriam ser classificados em verbos com concordância e verbos sem concordância. Morfologicamente, a concordância é a trajetória, e esta pode concordar com traços espaciais ou traços de pessoa e número. Isso é percebido na coocorrência do AUX com verbos reversos, onde se nota a trajetória direcional do AUX oposta àquela do verbo reverso; parece que o AUX só pode surgir com objetos animados (CRIANÇA-3 2-AUX-3 3-LEVAR, LSB).

A concordância locativa “se reduz a concordância com os loci identificados pelos argumentos dotados de traços locativos” (p.83), sendo possível a concordância de uma mesma trajetória com dois argumentos, um pessoal e um locativo, tendo a participação de um único verbo. Em se tratando de concordância temática, não existiria o fenômeno da variação entre as línguas ou dentro da mesma língua se a estrutura FONTE-ALVO fosse decisiva para a expressão de concordância. Assim, é possível encontrar a mesma estrutura conceitual lexical com diferentes lexicalizações em relação à direcionalidade, como em (PERGUNTAR: LSB regular vs LSC:reversa).

A proposta de Quadros & Quer (2008) sobre a divisão dos verbos nas línguas de sinais em verbos com concordância e verbos sem concordância é importante para este trabalho de pesquisa porque, com o uso desta classificação, consegue-se identificar com mais precisão os vários tipos de verbos e enquadrá-los em uma ou outra classe. Tal procedimento leva a melhor análise dos dados em se tratando de anular as diferenças de comportamento entre os verbos espaciais e de concordância, uma vez que, para Quadros (1999, apud Quadros & Karnopp, 2004, p.201-202), tanto estes quanto aqueles têm traços de pessoa e número a serem checados no IP (Sintagma Flexional ou *Inflectional Phrase*). A identificação dos verbos reversos com verbos de concordância baseia-se na consistência entre a direção da mão e a

função sintática de objeto (direto), o que permite identificá-los em relação à marcação de Caso. Do ponto de vista da ordem dos termos, é evidente que verbos reversos manifestam o padrão OVS.

Os classificadores, enquanto morfemas que se ligam a verbos, também são, por hipótese, checados no IP e se comportam como os verbos com concordância, uma vez que se ligam a eles. Esse assunto será discutido na próxima seção.

3.2. Estruturas classificadoras nas línguas de sinais e na LSB

Para Felipe (2007, p.172), o classificador pode ser definido como uma qualidade atribuída a alguma coisa, ou seja, é uma adjetivação descritiva como: coisa-arredondada, coisa-quadrada, coisa-de-listras, coisa-cheia-de-bolas, entre outras. Entretanto, segundo a autora, para os estudos linguísticos, “um classificador é uma forma que existe em número restrito em uma língua e estabelece um tipo de concordância” (p.172). Essa última definição é mais apropriada para essa pesquisa, pois estamos tratando da ordem dos constituintes na LSB e a concordância é um processo sintático realizado entre constituintes oracionais.

Felipe (2007, p.172) afirma ainda que na Língua de Sinais Brasileira, os classificadores são configurações de mãos relacionadas a nomes que se prendem à raiz de certos verbos, como ANDAR, MOVER, CAIR. Essa junção entre classificador e verbo ou vice-versa estabelece a concordância entre o verbo e o sujeito ou o objeto e pode promover alteração da ordem básica dos constituintes, conforme veremos mais adiante.

As sentenças abaixo apresentam classificadores para os nomes ‘pessoa’ e ‘carro’.

- (5) a. DOIS PESSOA pessoaANDAR (me) pessoaANDAR-ATRÁS-DA-OUTRA (md)
(Felipe, 2007, p.172),

‘Duas pessoas andam uma atrás da outra’ (tradução minha)

b. <JOÃO>t <CARRO>t <CL(carro)-BATER-POSTE+>cl/mc

(Quadros & Karnopp, 2004, p.210)

‘João estava de carro e bateu no poste, detonando completamente o veículo’

No exemplo (5a), o classificador sujeito PESSOA une-se ao verbo de movimento ANDAR, formando uma configuração de mão esquerda pessoaANDAR e uma configuração de mão direita pessoaANDAR-ATRÁS-DA-OUTRA, respectivamente. Nesta sentença, o verbo é inergativo e concorda com o único argumento, o sujeito; a ordem percebida é SV para cada configuração de mão. Em relação à sentença (5b), o verbo possui dois argumentos JOÃO e CARRO, mas apenas o argumento interno, CARRO, liga-se ao verbo por meio do classificador. Assim tem-se <CL(carro)-BATER-POSTE+>cl/mc. O complemento verbal também se une ao verbo, ou seja, a construção terá duas configurações de mãos: uma para o argumento interno CARRO, mais o verbo BATER; outra para o complemento verbal POSTE.

Felipe (2007, p.156) propõe incluir a concordância em relação ao traço de animacidade (descrito por ela como concordância de gênero) e afirma que, nesse caso, existem verbos com concordância de gênero. Tais verbos manifestam classificadores em sua estrutura, pois a configuração de mão descreve o argumento, o qual pode ser [+ humano] ou [- humano]. Nos exemplos (6a) e (6b), a seguir, percebe-se os verbos modificados pelos classificadores *pessoa* [+humano] e *coisa-redonda* [-humano]; ao ser sinalizado, o verbo sofre uma transformação em relação à configuração de mão, uma vez que ele incorpora a forma do classificador na estrutura do sinal para realizar o movimento.

(6) a. pessoaCAIR (Felipe, 2007, p.168)
'alguém caiu'

b. coisa-redondaCAIR (Felipe, 2007, p.168)
'algo redondo caiu'

Veloso (2010, p.59) defende que os classificadores podem ser descritos como configurações de mãos (morfema ou itens lexicais) que fazem ligação com os verbos de deslocamento e o resultado dessa união é o surgimento de uma construção classificadora (CC). Conforme Quadros (1999, apud Quadros e Karnopp, 2004, p.201), os verbos classificadores possuem além da informação verbal, informações do sujeito e/ ou do objeto (cf. (7a) e (7b)) e também podem estar associados a número e grau.

(7) a. VEÍCULO_ULTRAPASSAR(md) VEÍCULO(me) (Veloso, 2010, p.160)
'Um carro ultrapassou outro carro.'

b. <JOÃO> <TELA>t <PINTAR-PINCEL>cl/mc (Quadros & Karnopp, 2004, p.209)
'João pinta a tela com o pincel'.

Liddell (1980, apud Quadros & Karnopp, 2004, p.206) nota que estruturas OSV podem ser geradas na ASL quando as sentenças possuírem predicados complexos – também chamados de classificadores –; a LSB também pode gerar estruturas assim.

Quadros & Karnopp (2004, p.209) defendem, com base em Mathur e Rathmann (2002), que os classificadores ocupam a posição final da sentença e são associados à marcação não-manual de concordância. Assim, SOV e OSV parecem ser ordens linear padrão para estruturas formadas com os verbos classificadores.

Considerando os classificadores como licenciadores de concordância verbal, Benedicto & Brentari (2004, apud Sandler & Lillo-Martin 2006, p.352) apresentam uma proposta de análise sintática para as construções classificadores da ASL, enfocando as propriedades dos argumentos dos classificadores. Para os autores, se o argumento for um classificador instrumental manual (*handling instrumental classifier*), o predicado será transitivo, pois fará concordância com o sujeito e/ ou o objeto; se o argumento for um classificador instrumental descritivo (*descriptive instrumental classifier*), então o predicado será inacusativo, ou seja, a concordância será feita com o objeto. Caso o classificador retrate uma parte do corpo (*classifier depicting a body part*), o verbo concordará com o argumento externo sujeito e o predicado será inergativo. Usaremos os dados (8a), (8b) e (8c), da LSB, para identificar tais classificadores combinados com verbos transitivos, inacusativos ou inergativos.

- (8) a. BRUXA LARGAR-[TRANÇAS]¹⁷ (Silveira, Karnopp & Rosa, p.28)
 ‘A Bruxa largou as tranças’
- b. coisa-planaCAIR (Felipe, 2007, p.168)
 ‘algo plano caiu’
- c. pessoaANDAR (Felipe, 2007, p.169)
 ‘alguém está andando’

Em (8a), o argumento objeto [TRANÇAS] é o classificador instrumental manual do predicado transitivo; o objeto concorda com o verbo LARGAR, combinando-se um com o outro. O argumento objeto “coisa-plana” da sentença (8b) é o classificador instrumental descritivo do predicado inacusativo, uma vez que o verbo CAIR só requer o argumento interno (aqui, “coisa-plana) para se combinarem e formarem a construção classificadora “coisa-plana CAIR”. No predicado inergativo (8c), o verbo ANDAR concorda com o argumento sujeito “pessoa”, juntando-se um ao outro. O argumento externo “pessoa” é o classificador dessa sentença.

Na proposta de estrutura sintática de Benedicto & Brentari (2004, apud Sandler & Lillo-Martin, 2006, pp.352-353), os classificadores de predicados inergativos ou inacusativos são realizados como núcleos de uma das projeções funcionais acima de VP, rotuladas *fIP* e *f2P*. O verbo se combinará com o classificador por meio dos movimentos de núcleo para núcleo, o que permite o licenciamento de argumentos nulos, por uma operação do tipo AGREE. Os argumentos associados aos classificadores se movem para os *SpecfIP* (predicados inergativos) ou *Specf2P* (predicados inacusativos) ou para ambos (predicados transitivos), exatamente como na operação AGREE.

Com base em Benedicto & Brentari (2004, apud Sandler & Lillo-Martin, 2006, p.351), propõe-se a representação arbórea a seguir, em que o classificador se situa na projeção AgrSP ou AgrOP (distribuídos de acordo com o estatuto do verbo – inacusativo (8b); inergativo

¹⁷ Optou-se por registrar o argumento interno TRANÇAS entre colchetes porque este termo encontra-se sinalizado pelo movimento das mãos, como um classificador, ou seja, está unido ao verbo LARGAR; portanto, os traços deste termo associam-se ao verbo na sentença (8a).

(8c)), ou em ambos (se o verbo for transitivo, como em (8a)). Na figura abaixo, pode-se observar a representação sintagmática para a sentença (8c).

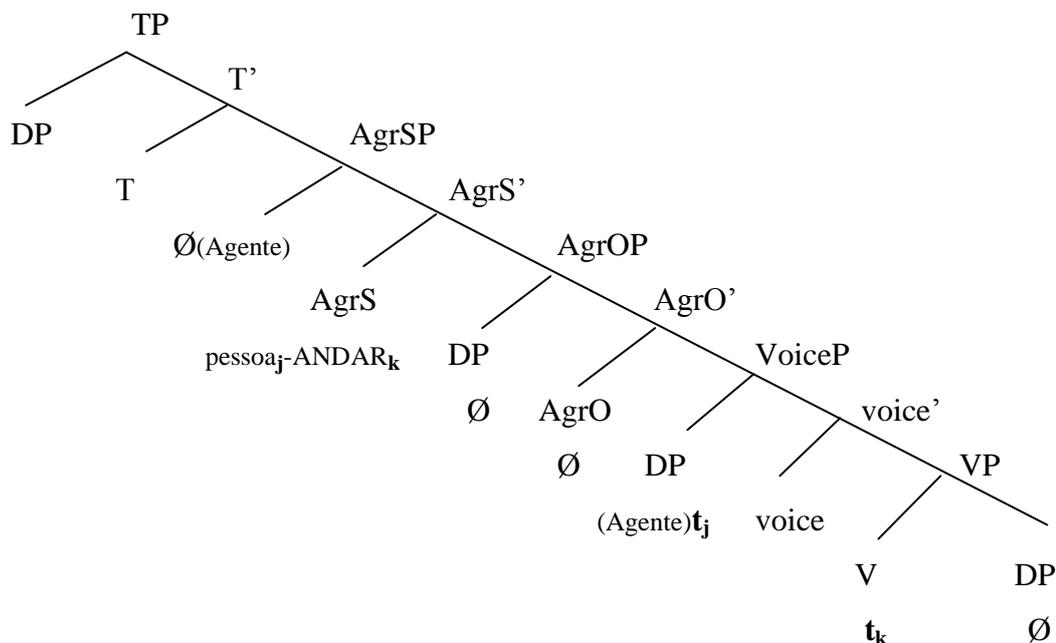


Figura 4. Posição do classificador + verbo inergativo na projeção sintagmática – estrutura baseada em Benedicto & Brentari (2004, apud Sandler & Lillo-Martin, 2006, p.351)

A estrutura referente à Figura 4 mostra a concordância do classificador PESSOA, no núcleo AgrS, com ao verbo ANDAR, mediante o movimento do verbo na sintaxe aberta; o classificador refere-se a uma parte do corpo e está indexado com o argumento Agente, gerado no SpecVoiceP. A derivação prossegue com o movimento do verbo para o núcleo T, passando pelo núcleo AgrS, onde se combina com o classificador. O sujeito é nulo, mas é possível inserir um DP na posição de specTP, gerando-se a ordem SV.

A estrutura sintagmática sugerida na Figura 5, abaixo, baseada em Benedicto & Brentari (2004, apud Sandler & Lillo-Martin, 2006, p.351), com adaptações, mostra o licenciamento da estrutura com classificador em predicado transitivo.

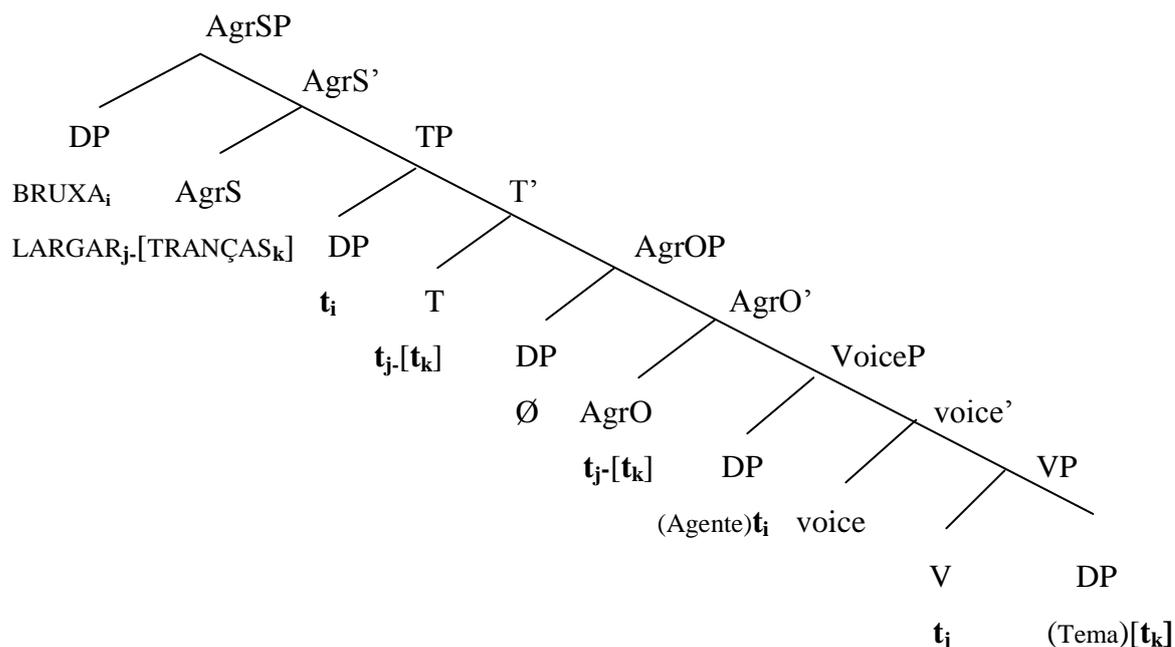


Figura 5. Posição do verbo transitivo + classificador na projeção sintagmática – estrutura baseada em Benedicto & Brentari (2004, apud Sandler & Lillo-Martin, 2006, p.351)

Conforme a Figura 5, o classificador associado ao argumento interno [TRANÇAS], está realizado no núcleo AgrO, e forma com o V LARGAR um núcleo complexo, que se desloca para o núcleo T e depois para AgrS. O argumento externo BRUXA, gerado no SpecVoiceP, é alçado para SpecTP, deslocando-se finalmente para SpecAgrSP. A ordem resultante é analisada como SV[O], haja vista o argumento interno, enquanto classificador, unir-se ao verbo.

Nas figuras anteriores (4 e 5), pudemos verificar a concordância sendo estabelecida a partir da presença dos classificadores. A Figura 4 mostra a concordância do sujeito classificador com o verbo inergativo, e a Figura 5 mostra a concordância do verbo transitivo com o objeto classificador. A concordância das duas construções classificadoras representadas são licenciadas nas projeções funcionais AgrSP ou AgrOP.

No presente estudo, aprofundaremos a questão da ordem, considerando o papel dos classificadores e/ou construções classificadoras e o uso de sinais não manuais na marcação de concordância.

3.2.1. Análise de Veloso (2010) para estruturas classificadoras como *loci* de concordância

Segundo Veloso (2010), muitos linguistas dizem que os classificadores das línguas de sinais são “morfemas (configuração de mãos) que se ligam a verbos para formar construções classificadoras” (p.59) – CCs. No entanto, tal posição não é unânime porque há autores que discutem o status morfológico e sintático dessas estruturas, e, muitos outros, questionam se os classificadores realmente constituem elementos linguísticos.

O trabalho da autora tem o objetivo de analisar as CCs na Língua de Sinais Brasileira (LSB) e se baseia no quadro teórico da Morfologia Distribuída (MD), segundo Halle & Marantz (1993), Harley & Noyer (2003) e Marantz (2001). Foram utilizadas, também, as análises de Glück & Pfau (1998) – Línguas de Sinais Alemã (DGS) –, Zwitserlood (2003) – Língua de Sinais Holandesa (NGT) – e Avelar (2004, 2007) – português brasileiro.

Os dados para análise de Veloso (2010) foram extraídos de verbetes de Capovilla & Raphael (2001), reportados na literatura, coletados de narrativas sinalizadas por informantes surdos, dados eliciados e obtidos de julgamentos de gramaticalidade de sentenças realizadas por informantes surdos.

A autora faz uma análise das CCs com os verbos de deslocamento, existenciais e de localização e diz que na LSB há um sistema de concordância: alguns verbos podem se utilizar de marcador *locus*; alguns, de configurações de mãos classificadoras; e outros, de marcador *locus* e configuração de mãos classificadoras. Há, também, alguns verbos que não possuem flexão.

Ela apresenta o verbo PERGUNTAR, dizendo que, de acordo com Capovilla & Rafael (2001, p.1033), este verbo é de concordância, ou seja, possui marcador de *locus* e envolve uma modificação na sua realização; geralmente, o início do movimento corresponde ao *locus* referente ao argumento externo, e o fim do movimento corresponde ao *locus* referente ao argumento interno. A mão que o realiza direciona-se para o argumento interno, e a modificação na realização deste verbo, relacionada à atribuição dos *loci*, é a mesma.

Seguindo a análise de Quadros (1999) para verbos com concordância, Veloso (2010) parte da observação de que, como os verbos com concordância na LSB, as CCs podem seguir a negação sem o auxiliar *do-support*, conforme o exemplo (9) (comparando-se a (10), com verbo de concordância), a seguir, e licenciar argumentos nulos como em (11), abaixo.

(9) JOÃO NÃO VEÍCULO_ULTRAPASSAR_VEÍCULO

‘João não ultrapassou o carro.’

_____neg

(10) IX<the> JOHNa NO <a>GIVE BOOK (Quadros, 1999)

‘John does not give the book to (her).’

(11) JOÃO VEÍCULO_ULTRAPASSAR_VEÍCULO SEMPRE

‘João sempre ultrapassa Ø.’

Veloso (2010) conclui que as CCs podem ser divididas em dois tipos: as intransitivas, em que o uso do classificador faz a representação direta de um argumento – exemplo (11), acima; e as transitivas, em que o classificador faz representação indireta de um argumento – exemplo (12a-b), abaixo.

(12) a. EU CAIXA_DE_SAPATOS aCARREGARb

b. (a+1SG) CARREGARb

‘Eu carreguei a caixa de cá para lá.’

Diante da evidência de que o Classificador é um tipo de ‘concordância’ *loci*, Veloso assume a análise de Zwitserlood (2003), no modelo da MD (Halle & Marantz, 1993), e apresenta, em (13) e (14), a derivação de estruturas desses tipos.

(13) CARRO VERMELHO xVEÍCULO_MOVERy

‘O carro vermelho se moveu de x para y.’

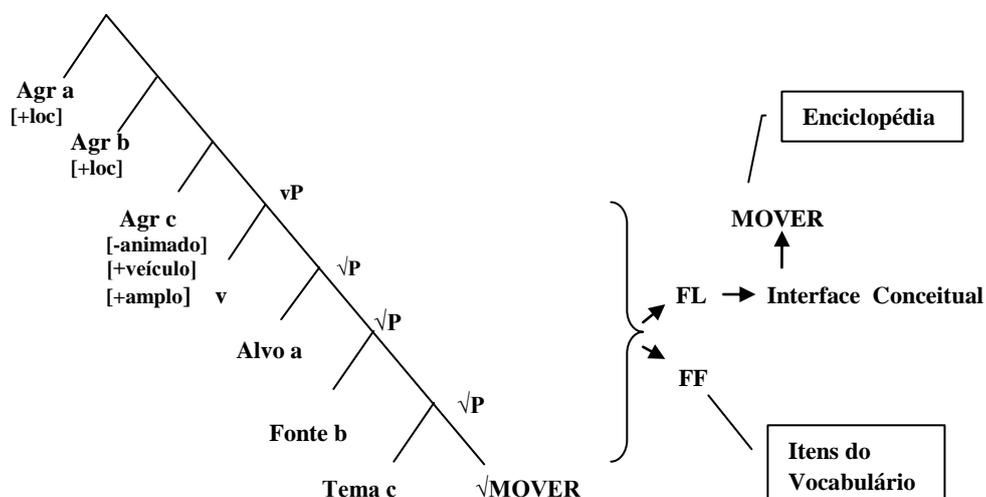


Figura 6. Concatenação de nós de concordância na representação direta de referentes

Em relação à estrutura intransitiva acima, o verbo de deslocamento MOVER apresenta concordância *locus* (x,y) e concorda com o argumento Tema (CARRO) expresso pela configuração de mão classificadora. A derivação da estrutura “envolve a concatenação de um argumento interno com a raiz de movimento” (p.64) – se os argumentos internos Fonte e Alvo estiverem presentes, serão concatenados igualmente. Concatena-se um nó ‘v’, “criando um domínio cíclico, e a derivação é enviada para FF, FL e para a Interface Conceitual” (p.64).

A Inserção Vocabular insere a raiz e a estrutura recebe a interpretação ‘andar’. Em seguida, os Itens de Vocabulário são inseridos nos nós de concordância correspondentes. “Todos os DPs podem ser conectados com ambos os tipos de traços- ϕ ” (pp.65-66), ou seja, traços de pessoa e número. CARRO conecta-se com traços *locus* (loc_x , loc_y) e com traços classificadores; a derivação é, mais uma vez, enviada para FF e FL, então a Inserção Vocabular insere “um Item de Vocabulário para o feixe de traços morfossintáticos mais internos que ainda não tem traços fonológicos” (p.66). O nó de concordância mais próximo da raiz e que possui mais especificações de traços é aquele que contém o marcador de concordância para o Tema, interpretado com a configuração de mão classificadora apropriada. O morfema de concordância do argumento Fonte interpreta um Item de Vocabulário como marcador *locus* (x).

(14) ESTANTE TER LIVRO EM-CIMA PEGAR_OBJETO_PLANO_a
 GUARDAR_OBJETO_PLANO_b

‘Tinha um livro na parte de cima da estante, eu peguei e guardei (embaixo).’

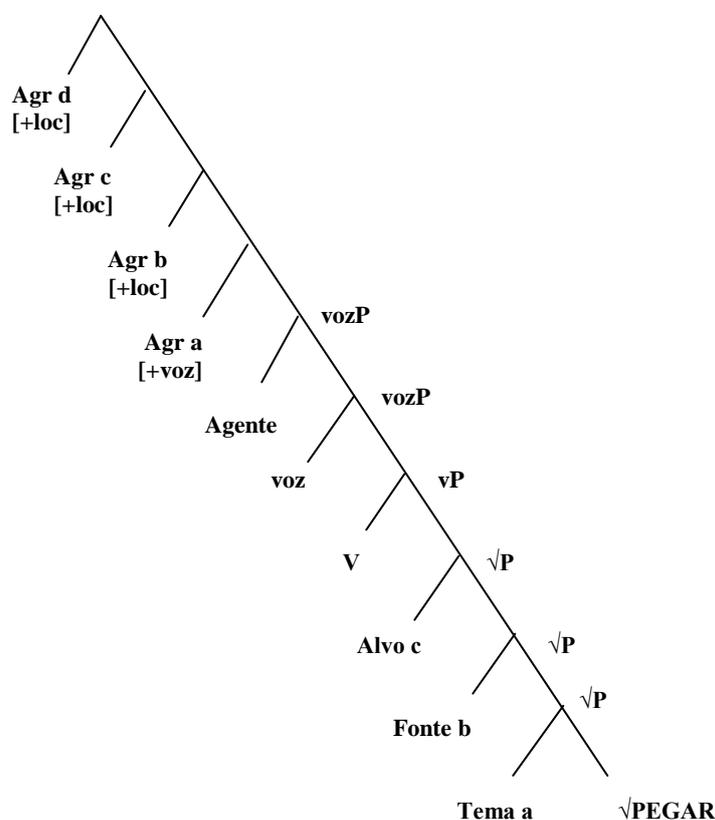


Figura 7. Concatenação de nós de concordância na representação indireta de referentes

O predicado acima (predicado de manipulação) é inserido em estrutura transitiva; então, conforme Zwitserlood (2003, p.209), o verbo precisará de um nó de voz que projetará um Agente sobre v. Assim, a inserção de uma configuração de mão de manipulação poderá ser interpretada. Uma “raiz é concatenada com os argumentos internos Tema e Fonte, v é concatenado, e a derivação é enviada para FF, FL e para a Interface Conceitual” (p.68).

Um nó de voz desencadeia a concatenação de outro nó e este contém o argumento externo. Em seguida, acontece a concatenação dos nós de concordância; então, envia-se a derivação para FF e FL e a concordância para o argumento Tema, a qual corresponde à configuração de mão específica (Item de Vocabulário relevante), é inserida no contexto de um

traço [+voz]. O nó de concordância relacionado à Fonte é inserido com um *locus* no espaço de sinalização. Os Itens de Vocabulário, que também fornecem os pontos de articulação, interpretam os traços morfossintáticos e concordam com os marcadores Fonte e Alvo (o sinal se move do *locus* Fonte para o *locus* Alvo).

Na construção (15), a seguir, há três apontamentos (ESSA, LÁ, LÁ) que atribuem *loci* aos referentes.

- (15) PESSOA(me) M-A-R-I-A(md) ESSA(md) PESSOA(me) FALAR TER
BICICLETA JUNTO LÁ
CARRO VERMELHO VEÍCULO(md)
LADO_VEÍCULO_DUAS_RODAS(me) LÁ(md)
LADO_VEÍCULO_DUAS_RODAS(me)
'Maria falou que tem uma bicicleta do lado do carro vermelho.'

O primeiro apontamento atribui *locus* para o argumento MARIA, que poderá ser usado em outros momentos da narrativa, ao se referir a esta mesma pessoa. O segundo e o terceiro apontamentos marcam o local em que se encontram os argumentos CARRO VERMELHO e BICICLETA. A localização da BICICLETA em relação ao CARRO é definida por uma construção com configuração de mão classificadora; essa construção concorda com os dois referentes, uma vez que “cada mão exibe uma configuração que representa um dos referentes mencionados” (p.73), além de ocuparem locais do espaço de sinalização que representam o espaço real.

O estudo de Veloso (2010) considera ainda construções locativas e existenciais em LSB. Para tanto, apresenta a análise de Freeze (1992), que demonstra, com dados de línguas orais como o russo e o finlandês, que sentenças com predicado existencial apresentam a ordem Locativo-Verbo-Tema, embora a ordem básica nessas línguas seja SVO. A LSB se inclui neste padrão com a diferença de não possuir um verbo foneticamente realizado nos predicados locativos.

- (16) a. kniga **byla** na stole. (russo)
book.NOM.FEM **was** on table.LOC
'The book was on the table'

de mão classificadora. Dessa forma, cabe indagar: haveria a possibilidade lógica de o locativo funcionar como verbo ao invés de considerar a cópula nula?

(20) a. CARRO LOC_x ÀS_VEZES

‘O carro às vezes está aqui.’

b. EU LOC_x, ANA NÃO

‘Eu estou aqui, a Ana não (está aqui).’

c. *CARRO NÃO LOC_x

‘O carro não está aqui.’

Nas sentenças acima, se LOC for um verbo, então deverá se comportar como um verbo de concordância porque se refere a pontos no espaço de sinalização. No entanto, os exemplos acima demonstram que as locativas apresentam restrições: tal como os verbos sem concordância, não podem seguir a negação lexical sem o auxiliar-suporte (20c), não podem preceder advérbios que são adjungidos à esquerda de VP, admitindo apenas o advérbio posposto (20a), só podem ser elididos se houver identidade (um caso gramatical de identidade (20b)). A autora conclui: “Portanto, o locativo não pode ser considerado um verbo na LSB” (p.81).

Assim, a conclusão de Veloso (2010) é que, assim como outras línguas de sinais, a LSB possui classificadores anexados a verbos de deslocamento, mas não a verbos de localização e existência. As CCs possuem um comportamento semelhante ao de sentenças que possuem marcas de concordância. Elas são instâncias de concordância sintática e esta é desencadeada pela raiz verbal que não possui especificação de traços para configuração de mão – análise baseada nos trabalhos de Zwitserlood (2003) para NGT, e de Glück & Pfau (1998), para a DGS.

Na análise de predicados locativos, a cópula ordinária pode se associar a um dêitico para formar um predicado locativo. Sentenças copulativas e existenciais que não permitem o uso de classificadores comportam-se como verbos sem concordância. As sentenças com verbos de deslocamento apresentam as mesmas características que os verbos de concordância.

Do trabalho da Veloso (2010), adota-se, para esta pesquisa, a contribuição de que as estruturas classificadoras manifestam concordância, conforme visto nas análises de Benedicto and Brentari (2004, apud Sandler & Lillo-Martin, 2006, p.351). Não será utilizada a Morfologia Distribuída para as análises dos dados e, sim, a estrutura da Teoria X-barras (Chomsky, 1995). Considera-se, também, a defesa de Quadros & Karnopp (2004, p.209), com base em Mathur e Rathmann (2002), de que os classificadores ocupam a posição final da sentença e são associados à marcação não manual de concordância. Assim, a ordem SOV parece ser uma ordem linear padrão para estruturas formadas com os verbos classificadores.

CAPÍTULO 4

ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DE ESTRUTURAS ORACIONAIS DA LSB

Este capítulo expõe o estudo de caso do trabalho, realizado para verificar como se apresenta a ordem dos termos nas sentenças da LSB e como a tipologia verbal e os classificadores podem influenciar na ordenação dos termos.

Trata-se da análise de dados extraídos de duas narrativas infantis escritas em língua de sinais e traduzidas para a língua portuguesa e dos resultados obtidos a partir da análise. Serão apresentados, em seções específicas, uma amostra da análise sintática das sentenças referentes aos dados e os resultados expostos em tabelas e gráfico seguidos de comentários e considerações. O *corpus*, na íntegra, encontra-se anexado ao final da dissertação.

4.1. As narrativas

Conforme mencionado anteriormente, extraíram-se 168 dados, para a constituição do *corpus*, de duas obras de literatura infantil para surdos, as quais são narrativas baseadas nos contos de fadas clássicos. As narrativas são escritas em *Sign Writing* e traduzidas para o português, a saber: *Cinderela surda* (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007) e *Rapunzel surda* (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011).

4.1.1. *Cinderela surda* (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007)

Cinderela surda é a história de uma jovem surda, e muito bonita, que aprendeu a língua de sinais com os amigos, também surdos. Ela perdeu os pais quando criança e a sua família passou a ser a madrasta e as irmãs. A madrasta era má e forçava Cinderela a trabalhar exaustivamente em casa, enquanto as irmãs debochavam da pobre jovem. E nenhuma das três gostava de Cinderela.

Certo dia, a jovem Cinderela sentiu vontade de ir a um baile realizado no castelo do príncipe, também surdo, o qual procurava uma jovem bonita para se casar. A madrasta não a deixou ir ao baile, então Cinderela ficou sozinha e muito triste em casa; contudo, teve a ajuda

de uma fada que a transformou numa princesa radiante, com roupa de gala, lindos sapatinhos e um notável par de luvas de cor rosa. Cinderela ficou irreconhecível.

No baile, Cinderela desperta a atenção de todos, inclusive do príncipe, o qual se aproxima da jovem, convidando-a para dançar e acaba descobrindo que Cinderela é surda assim como ele. Essa descoberta alegrou aos dois; então, ambos dançaram e conversaram a noite toda, tanto que provocou ciúmes nas irmãs e raiva na madrasta – esta mulher má queria que uma das suas filhas se casasse com o príncipe. Elas não sabiam que a linda jovem ao lado do príncipe era a Cinderela. Ao ir embora, Cinderela saiu às pressas e esqueceu uma de suas luvas com o príncipe. Então, o príncipe ordenou ao seu fiel empregado que procurasse por Cinderela, experimentando a luva em todas as moças surdas das casas próximas ao palácio, pois ele se casaria com a moça, na qual a luva servisse perfeitamente. Depois de visitar várias casas, o empregado, enfim, chegou à casa de Cinderela; a madrasta tentou desviar a atenção do fiel empregado do príncipe, mas ele percebeu a jovem princesa e experimentou nela a luva, que lhe serviu perfeitamente. Então, o empregado conduziu a princesa ao castelo.

O príncipe e a Cinderela se casaram e viveram muito felizes para sempre.

4.1.2. *Rapunzel surda* (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011)

Rapunzel surda é a história de uma jovem surda que, ao nascer, foi retirada dos braços dos seus pais por uma bruxa. A bruxa pegara a menina porque o pai de Rapunzel havia colhido rabanetes no quintal da casa da bruxa, sem a permissão desta, para saciar o desejo da esposa, grávida de Rapunzel.

Após alguns anos, a bruxa, ao perceber que Rapunzel era surda, começou a se comunicar com a menina por meio de gestos e, à medida que ia crescendo, Rapunzel se tornava cada vez mais linda. Então, a bruxa resolveu prendê-la numa torre muito alta na intenção de ninguém encontrá-la, pois temia ficar sem a jovem. Rapunzel passou a viver presa e sozinha na torre; ela só recebia visitas da bruxa, que levava comida todas as manhãs para a linda moça. A bruxa subia e descia da torre usando as tranças enormes de Rapunzel.

Certo dia, um príncipe surdo passeava perto da torre e viu a bruxa e Rapunzel usando gestos para se comunicarem. Quando a Bruxa foi embora, o príncipe subiu a torre e conheceu Rapunzel. Ele lhe ensinou a língua de sinais e todos os dias ia visitá-la na ausência da bruxa. Depois que a bruxa soube disso, cortou as tranças de Rapunzel, levou-a para uma casa

distante e enganou o príncipe, causando-lhe uma queda que o fez perder a memória. O príncipe andou sem destino e sem se lembrar de nada por vários dias até Rapunzel o avistar e ajudá-lo a se lembrar do ocorrido antes da queda.

Os dois foram para o castelo, casaram-se e viveram felizes para sempre.

4.2. O estudo de caso

O estudo de caso foi realizado a partir do objetivo de se responder às perguntas que se seguem.

- a) Quais ordens dos termos são identificadas nos dados?
- b) Há uma ordem mais básica que outras?
- c) Quais fatores determinam as ordens encontradas?

Embora os dados sejam de língua escrita, consideramos que, por serem narrativas infantis, o texto se aproxima da língua oral, no sentido de manifestar (intencionalmente) características do discurso não-planejado, que inclui uso de estruturas simples, presença de repetição lexical e estrutural, uso do discurso direto (cf. Kato, 1990, pp.10-41)¹⁸.

Para a análise dos dados, coletaram-se estruturas oracionais das duas obras literárias descritas na seção anterior: *Cinderela surda* (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007) e *Rapunzel surda* (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011).

A metodologia usada foi a seguinte:

- leitura das narrativas;
- transcrição das estruturas oracionais em *Sign Writing* para o sistema de notações da LSB, com caracteres em caixa alta (detalhados adiante).
- tradução das sentenças com base na narrativa escrita em língua portuguesa;
- divisão dos períodos em simples e compostos; identificação das orações;
- verificação da ordem dos termos em cada oração;

¹⁸ A natureza da linguagem escrita (Kato, Mary A. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 1990).

- agrupamento das sentenças de acordo com a ordem dos termos;
- verificação do tipo de verbo em cada sentença e da existência de classificador;
- observação da influência do tipo de verbo na ordem dos termos na sentença;
- observação das ordens encontradas e da relação entre a estrutura das orações e cada ordem apresentada (presença de classificador, advérbio, contexto sintático da oração);
- elaboração de tabelas com os resultados obtidos;
- discussão das análises.

Foram analisadas 168 sentenças, simples e complexas. Descartaram-se 11 sentenças que não puderam ser analisadas com precisão por causa de dificuldades em relação a uma tradução objetiva.

De acordo com Almeida (2013, pp.47-62), existem quatro possibilidades de saturação de núcleos predicadores, das quais as três últimas constituem-se a partir da condição tridimensional de LSB:

1. Saturação por sinais lexicais
2. Saturação por categorias vazias
3. Saturação por localizadores (Locs.)
4. Autossaturação

A saturação por sinais lexicais é a que se toma por referência na identificação do padrão de ordem em uma dada língua (item 1). No entanto, os estudos no âmbito da teoria gerativa têm se voltado para o contraste entre línguas marcadas positiva e negativamente para o parâmetro do sujeito nulo. Nesse sentido, a presença de categorias vazias constitui um fator relevante para a análise linguística (item 2). A saturação por localizadores (item 3) pode ser associada aos verbos de concordância do tipo espacial, e será incluída na análise como um tipo de concordância. A autossaturação corresponde aos casos em que o argumento satura o predicado ocorrendo na estrutura do sinal (como em ENVIAR-CARTA).

Neste trabalho, a saturação por categorias vazias é indicada pelo uso de parênteses se a categoria é nula. Os casos de autossaturação são analisados como sinais complexos em que o verbo e o argumento ocorrem unidos. Em muitos casos, a relação entre o verbo e o argumento envolve um classificador, em outros casos poderia ser analisada como um tipo de

incorporação ou como autossaturação. Não foi possível abordar essas questões neste trabalho, em que nos limitamos a verificar a ordem dos termos/ constituintes.

As estruturas encontradas, entre orações absolutas, principais e subordinadas ou coordenadas, foram SVO, SOV e, ainda, as estruturas com sujeito nulo (S)VO, com verbos inergativos (SV), com objeto nulo SV(O), sujeito e objeto nulos na mesma sentença (S)V(O). Foram encontrados, também, verbos de cópula nula em estruturas de ordem SPred (sujeito-predicativo). As estruturas transitivas do tipo (S)V(O) são possíveis com os chamados verbos com concordância, e em estruturas encaixadas, em que os argumentos nulos são referidos/sinalizados previamente e recuperados por relação anafórica. Constatou-se que a ordem SVO surge com maior recorrência e os verbos sem concordância ganham destaque nas ordens encontradas.

Os dados expostos neste estudo de caso são gramaticais. Os tipos de verbos na relação com a sintaxe do sujeito, do objeto ou do classificador são o maior foco da pesquisa; o adjunto adverbial será analisado como uma informação adicional na sintaxe da oração, ocorrendo antes ou após o verbo, ainda, no início ou no final da oração.

Utilizam-se, nesta pesquisa, as notações contidas na Tabela 1.

Tabela 1.

Notações	Significados
SINAL	glosa em maiúsculas: sinal
N-O-M-E	soletração com o alfabeto manual: nome do sinal
SINAL-SINAL	glosa unida por travessão: sinal que não possui uma única palavra correspondente em português
CL: propriedade	classificador e o nome da propriedade representada por ele

A Tabela 1 baseia-se, em parte, no quadro de notações de Veloso (2010, p.84). Todas as notações utilizadas nesta dissertação para a transcrição as sentenças da LSB encontram-se no Apêndice.

4.3. Análise dos dados

Nesta subseção, apresentamos um conjunto de sentenças simples e complexas do *corpus* como uma amostra da análise sintática das mesmas. Tem-se o intuito de responder aos questionamentos levantados na seção 1.2 do Capítulo 1, contida na introdução do trabalho. Assim, expõem-se os dados de (1a) a (1j) e prossegue-se para o estudo da ordem dos termos nessas orações.

- (1) a. CINDERELA APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS AMIGOS SURDOS RUA
(Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.6)
‘Cinderela aprendeu a língua de sinais com amigos surdos nas ruas’
- b. MADRASTA LER CARTA (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.14)
‘A madrasta leu a carta’
- c. FADA FAZER RATO TRANSFORMAR HOMEM (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.20)
‘A fada fez o rato se transformar em um homem’
- d. PRÍNCIPE VER UMA MULHER BONITA (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.22)
‘O príncipe viu uma mulher bonita’
- e. PRÍNCIPE CINDERELA DANÇAR CONVERSAR-LÍNGUA-DE-SINAIS SEMPRE (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.24)
‘O príncipe e a Cinderela dançaram e conversaram muito em sinais’
- f. HOMEM CHAMAR CINDERELA EXPERIMENTAR LUVA (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.30)
‘O homem chamou a Cinderela para experimentar a luva’

g. HOMEM COLHER RABANETES (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.8)

‘O homem colhia rabanetes’

h. ANOS-DEPOIS RAPUNZEL CRESCER (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.12)

‘Anos depois, Rapunzel cresceu’

i. PRÍNCIPE ACORDAR SEGURAR TRANÇA (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.30)

‘O príncipe acordou segurando a trança’

j. DOIS IR CASTELO CASAR VIVER SEMPRE (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.34)

‘Os dois foram para o castelo, se casaram e viveram felizes para sempre’

As sentenças (1a), (1b), (1d) e (1g) apresentam os termos ordenados em SVO. No grupo citado, a oração absoluta de (1d) possui o verbo com concordância VER e, este, não promove alteração da ordem básica (SVO), uma vez que os seus argumentos PRÍNCIPE e UMA MULHER BONITA estão na 1ª posição (de sujeito) e na última posição (de objeto), respectivamente. A oração principal [FADA FAZER] da sentença (1c) [FADA FAZER [RATO TRANSFORMAR HOMEM]] mostra-se estruturada em SV(O) e a oração encaixada [RATO TRANSFORMAR HOMEM] dessa sentença contém o verbo sem concordância TRANSFORMAR, o qual apresenta-se na segunda posição; percebe-se que a sentença complexa citada apresenta-se na ordem básica SVO, em que a encaixada subordinada está na posição de objeto. A oração principal HOMEM CHAMAR CINDERELA da sentença complexa (1f) está estruturada em SVO e a subordinada [EXPERIMENTAR LUVA] mostra-se ordenada em (S)VVO; os verbos CHAMAR e EXPERIMENTAR são verbos sem concordância.

Em (1e), nota-se que a primeira oração apresenta-se na ordem SV, em que ao verbo DANÇAR parece agregar traços de classificador, considerando ser sem concordância e estar associado às marcas não-manuais representadas, de acordo com a escrita em *Sign Writing*, pelo símbolo em **z....** negrito (expressão facial de bem-estar) e as setas curvadas para cima (movimento do corpo para um lado e para o outro) nessa estrutura. Além do mais, o verbo traz

em si marcas do argumento externo PRÍNCIPE CINDERELA: as mãos do sinalizador estão configuradas de forma a representarem as mãos do participante A (PRÍNCIPE) em volta do corpo do participante B (CINDERELA), posicionando-se para o movimento de DANÇAR – cf. o sinal em *Sign Writing* no anexo 2. A segunda oração do exemplo (1e) mostra o verbo sem concordância CONVERSAR com sujeito plural e um advérbio acompanhando-o.

A oração em (1f) pode ser representada sintagmaticamente conforme a Figura 1.

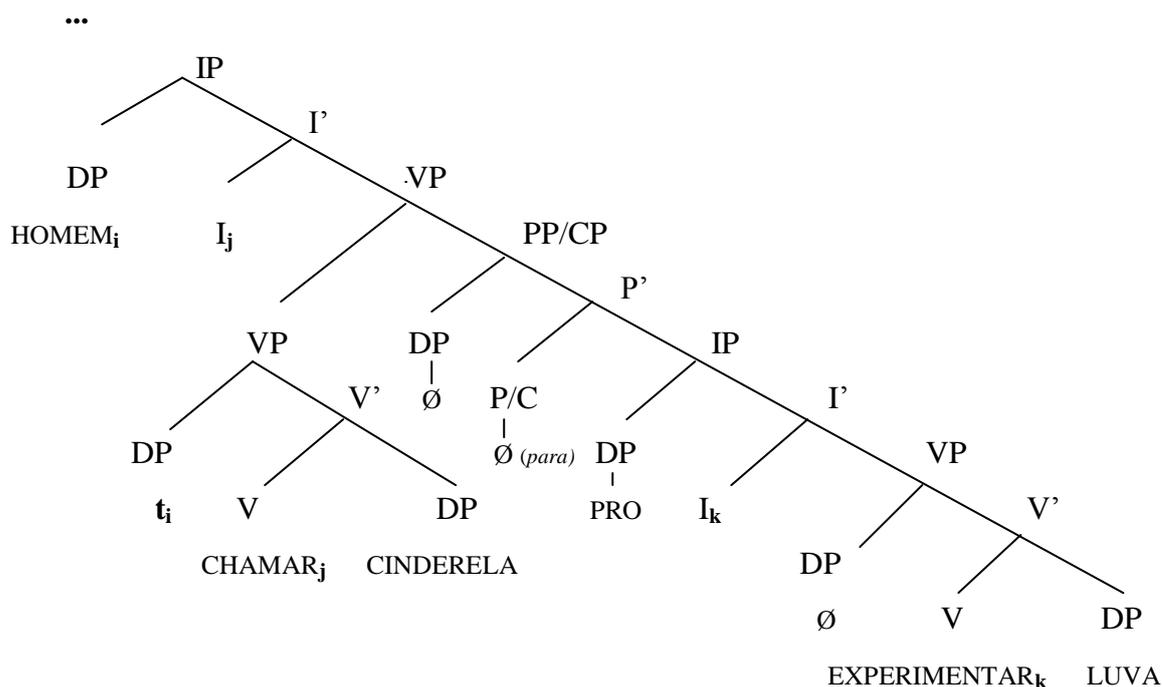


Figura 1. Representação da sentença complexa (1f)

Na Figura 1, a subordinada [EXPERIMENTAR LUVA] é introduzida, por hipótese, por uma categoria preposicional, que realiza o CP. A oração subordinada apresenta o predicado verbal transitivo EXPERIMENTAR (que seleciona o argumento LUVA (DP), complemento de VP) e o argumento AGENTE, realizado como uma categoria nula, correferencial com o objeto do predicado mais alto. Essa oração tem a função de adjunto da oração [HOMEM CHAMAR CINDERELA], uma vez que é um constituinte que modifica o VP – é uma oração subordinada. O VP foi duplicado para que o adjunto, representado pela categoria PP e seus constituintes internos, fosse anexado como modificador do VP, segundo Miotto, Silva & Lopes (2007, p.82). No PP, a posição referente à preposição *para* está vazia

porque não se mostra realizada/ sinalizada na oração, apesar de existir a semântica de finalidade, codificada composicionalmente pelos constituintes envolvidos. O verbo EXPERIMENTAR, sendo um verbo sem concordância, permanece, por hipótese, em VP, vinculando-se ao núcleo do InfP na sintaxe fechada (cf. Capítulo 3). O termo LUVA permanece na posição de DP complemento de VP e a posição referente ao SpecVP está referencialmente associada ao nome CINDERELA, porque o argumento externo dessa categoria encontra-se nulo; por esse motivo, o SpecInfP também está vazio (realizado pela categoria pronominal PRO).

A sentença (1h) está estruturada em SV. O verbo CRESCER é intransitivo inacusativo, uma vez que só admite o argumento interno; é também um verbo sem concordância. Em (1i) e (1j) encontram-se orações complexas ordenadas em SV(O) e (S)VO para (1i), e SVO, (S)V(O) e (S)V para (1j); o verbo SEGURAR demonstra adquirir traços de classificador referentes ao objeto TRANÇA, explícito na sentença (1i). Os verbos ACORDAR, IR, CASAR e VIVER são sem concordância.

Os verbos transitivos, com concordância ou sem concordância, são observados em muitos trechos das narrativas. Nos exemplos em (2) encontram-se sentenças com verbos transitivos.

- (2) a. CINDERELA TRISTE PORQUE NÃO-TER ROUPA BONITA (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.16)

‘Cinderela ficou triste porque não tinha uma roupa bonita’

- b. CINDERELA TROCAR ROUPA BONITA (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.18)

‘Cinderela trocou a roupa e ficou bonita’

- c. DOIS CASADOS FELIZ SABER MULHER GRÁVIDA (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.6)

‘O casal estava feliz por saber que a mulher estava grávida’

d. RAPUNZEL PENTEAR CABELO RAPUNZEL (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.14)

‘Rapunzel penteava o seu cabelo’

e. RAPUNZEL CABELO OFERECER (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.20)

‘Rapunzel ofereceu o seu cabelo’

f. BRUXA LARGAR-[TRANÇAS] (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.28)

‘A bruxa soltou [as tranças]’

A subordinada em (2a) contém o verbo sem concordância TER, o qual é um transitivo que recebe marca da negativa representada incorporada ao sinal. O verbo e a negação possuem, juntos, uma única configuração de mão (em L), apesar de haver, em outros contextos sintáticos, sinais específicos para a negação, a saber: (i) mão em D com a palma para frente, associada ao movimento repetido para a esquerda e para a direita, sinal realizado em frente ao tórax do sinalizador; (ii) movimento de cabeça, repetidamente para a esquerda e para a direita, com expressão facial de negação (adaptado de Capovilla & Raphael, 2006, p.935). A negação agregada ao verbo em análise se compõe desses movimentos para os lados aplicados ao sinal TER, realizado no mesmo ponto de articulação do sinal NÃO de configuração em D, uma vez que o sinal TER é realizado no ponto de articulação tórax, tocando-o com o polegar da mão configurada em L. O movimento rotacional do punho repetidamente para a esquerda e para a direita significa a realização do sinal NÃO-TER. A primeira oração de (2a) está na ordem SPred, uma vez que o verbo é de cópula nula e, portanto, não é sinalizado; a oração encaixada mostra-se ordenada em (S)VO. O sujeito nulo é interpretado correferencialmente ao sujeito da oração principal.

Na sentença complexa em (2b), a primeira oração está na ordem SVO e apresenta o verbo transitivo sem concordância TROCAR. Nessa oração, está encaixada a oração [BONITA], analisada como uma estrutura do tipo (S)Pred, com cópula nula. Nessa configuração, o argumento do predicado não é realizado fonologicamente, sendo correferencial com o sujeito da oração principal CINDERELA.

Em (2c), há três orações: a primeira é DOIS CASADOS FELIZ, e a ela está subordinada a segunda oração com o verbo SABER, que é transitivo sem concordância e toma

como objeto a terceira oração subordinada [MULHER GRÁVIDA], a qual está ordenada em [SPred], ou seja, tem-se a seguinte estrutura: [DOIS CASADOS FELIZ [SABER [MULHER GRÁVIDA]]]. O sujeito da segunda oração é nulo e correferencial com o sujeito da oração principal DOIS CASADOS.

Parece haver foco na sentença (2d), haja vista o sinal RAPUNZEL encontrar-se, também na posição final da oração, porém Quadros & Karnopp (2004, p.174) dizem que, além de a duplicação só ocorrer com núcleos do sintagma, a posição de sujeito não pode ser duplicada porque é um DP. Então, o termo RAPUNZEL da posição final desta sentença parece ter sido sinalizado com a função de anáfora reflexiva ('se' ou 'o seu próprio'), conforme visto na tradução 'Rapunzel penteava o seu cabelo', mas também seriam possíveis traduções assim: 'Rapunzel penteava-se', 'Rapunzel penteava a si mesma' ou 'Rapunzel penteava o próprio cabelo'. Assim, a ordem do dado em (2d) é identificada como SVO, mas a categoria na posição de objeto é um sintagma nominal complexo.¹⁹ O verbo é transitivo sem concordância – não tem sinal próprio e toma a forma do instrumento PENTE, representando a expressão PENTEAR-COM-PENTE (cf. Ferreira, 2013).

A Figura 2, a seguir, mostra a projeção sintagmática da sentença em (2d) em que apresenta uma reflexiva/ anáfora.

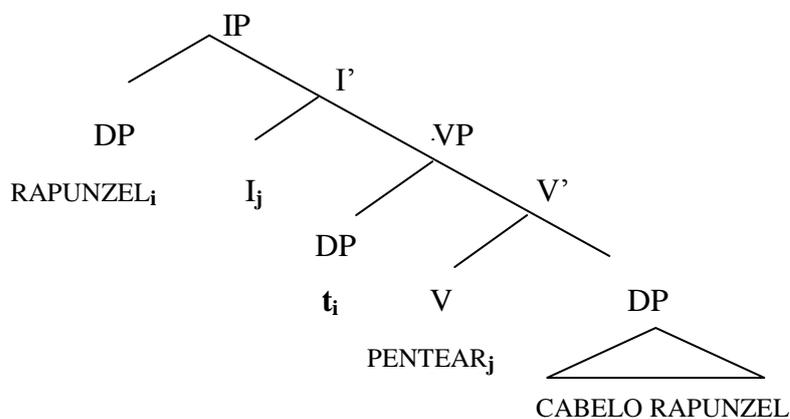


Figura 2. Representação da sentença (2d)

¹⁹ Agradecemos a sugestão da Profa. Dra. Rozana Naves de que, na sentença (2d), há sintagma nominal complexo na posição de objeto. Nesse sentido, foi possível manter a estrutura SVO para a oração.

Na estrutura (2e), a ordem apresentada é SOV; o verbo é transitivo com concordância. Em (2f), a estrutura está ordenada em SV[O] (cf. Capítulo 3) e o verbo é com concordância. Devido ao verbo LARGAR ser transitivo, o qual pede complemento, percebe-se o objeto TRANÇAS, por meio do seu classificador, agregado ao verbo, formando, então, a construção classificadora LARGAR-[TRANÇAS]. Tal construção pode ser identificada pela sinalização de mãos configuradas em S, expressando o ato de segurar algo e, logo após, largar – no caso, as tranças. De acordo com a escrita do sinal em *Sign Writing*, as setas direcionadas para os sentidos direita e esquerda representam os movimentos das mãos ao largarem as tranças; os pequenos círculos não preenchidos significam o ato de largar as tranças, uma vez que as mãos se abrem para a realização deste ato (cf. o sinal no anexo 3).

Uma possível derivação sintagmática da sentença (2f) é exposta na Figura 3, a seguir (cf. Figura 5 do Capítulo 3).

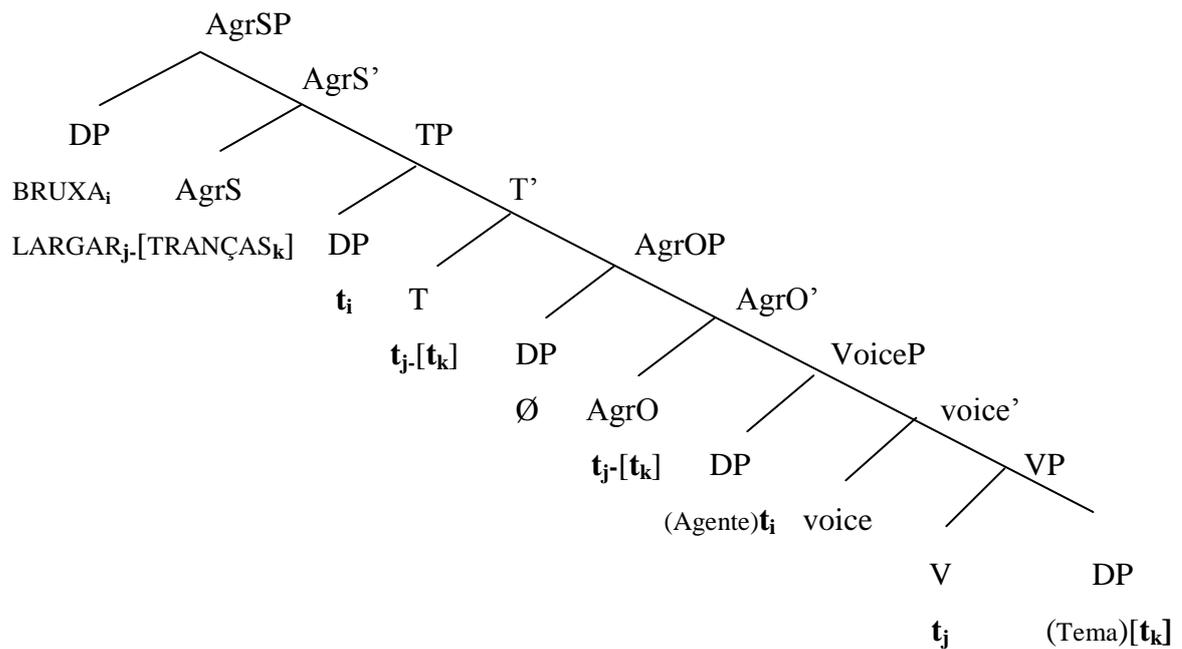


Figura 3. Derivação sintagmática da sentença (2f) – estrutura baseada em Benedicto & Brentari (2004, apud Sandler & Lillo-Martin, 2006, p.351)

Conforme a Figura 3, os traços referentes ao argumento interno TRANÇAS são checados no SpecAgrOP (cf. Capítulo 3). O verbo, por sua vez, necessita deslocar-se do núcleo V, por movimento aberto, para o núcleo AgrO, onde recebe os traços de configuração classificadora associados ao objeto, seguindo então para T e, por hipótese, para AgrS. O sujeito BRUXA movimenta-se da posição SpecVoiceP e instala-se no SpecAgrSP. Não houve alteração da ordem.

Os verbos intransitivos foram encontrados em muitas sentenças das narrativas. Podem-se observar tais verbos nas sentenças dos dados que se seguem.

- (3) a. PAI MORRER (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.10)
'O pai morreu'
- b. UM DIA RAPUNZEL CAMINHAR RUA (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.10)
'Um dia, Rapunzel caminhava pela rua'
- c. PAI MÃE CHORAR VER BRUXA LEVAR CRIANÇA (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.12)
'Os pais choraram ao ver a Bruxa levar a criança'
- d. PRÍNCIPE PASSEAR FORA REINO (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.18)
'O Príncipe passeava fora do reino'
- e. PRÍNCIPE CAIR BATER-CABEÇA PEDRA (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.28)
'O Príncipe caiu e bateu a cabeça numa pedra'

Em (3a), o verbo MORRER é intransitivo sem concordância e está incluso numa sentença de sujeito explícito, a qual possui ordem SV. O dado em (3b) expõe o verbo sem concordância CAMINHAR e, este, seleciona o DP RAPUNZEL como o seu único argumento, o externo. O padrão de ordem da sentença (3b) é SV. Na primeira oração [PAI MÃE CHORAR] da sentença complexa (3c), o sinal CHORAR – representa um verbo sem

concordância e manifesta-se na ordem SV. O sinal verbal PASSEAR é um dos constituintes da sentença (3d), a qual mostra-se na ordem SV. O verbo PASSEAR é sem concordância. Na primeira oração da estrutura 3(e), de ordem SV, o verbo CAIR é inacusativo sem concordância.

Conforme visto, os verbos intransitivos apresentam-se mais em estruturas de sujeito explícito e são sem concordância, uma vez que a trajetória desses verbos não possui as marcas do argumento externo e do argumento interno. Assim, a representação da estrutura (3d) pode ser vista na árvore sintática da Figura 4.

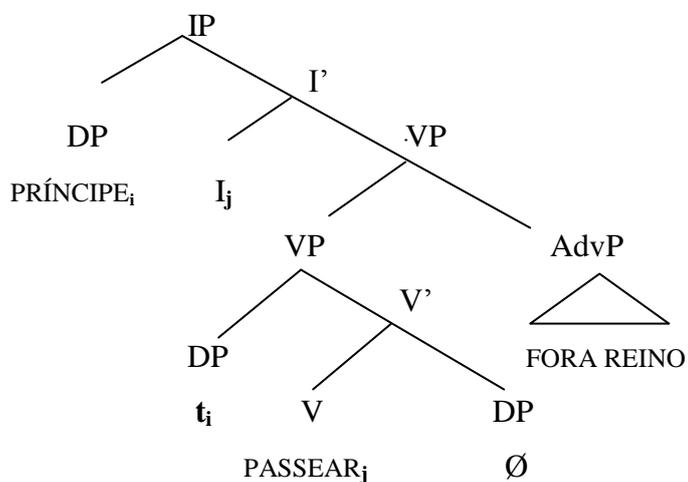


Figura 4. Representação sintagmática da estrutura (3d)

A árvore sintagmática acima apresenta o verbo PASSEAR na sua posição de origem (V), uma vez que não há movimento deste verbo na sintaxe aberta. O índice j na posição I representa o vínculo do verbo com o núcleo do IP na sintaxe fechada. A posição de complemento do V está vazia porque a estrutura é inergativa. O especificador do IP recebe o DP argumento externo do verbo (PRÍNCIPE). A categoria AdvP ocorre em adjunção ao VP e recebe o adjunto adverbial FORA REINO.

4.4. Os resultados obtidos

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos a partir das análises feitas em cada sentença encontrada nos materiais literários pesquisados. Optou-se por mostrar os resultados em tabelas, assim distribuídas: ordens estruturais, tipologia verbal, orações com verbos sem concordância, orações com verbos com concordância, classificadores unidos a verbos, orações com classificadores.

A Tabela 2 mostra as ordens dos termos S, V, O considerando-se somente os casos em que as funções têm realização fonológica (ou seja, não há realização nula de argumento).

Tabela 2.

Ordens estruturais					
SVO	SOV	VO	SV	SPred	TOTAL
34	2	1	15	17	69

As tabelas a seguir apresentam as ordens dos termos S, V, O, em que foram encontrados termos nulos. A Tabela 2a refere-se aos predicados verbais com verbos transitivos, a Tabela 2b refere-se aos predicados verbais com verbos intransitivos e a Tabela 2c diz respeito aos predicados nominais e verbo-nominais.

Tabela 2a.

Predicados verbais com verbos transitivos							
(S)V(O)	(S)VO	SV(O)	S(V)O	(S)(V)O	(S)OV	OS(V)	TOTAL
20	36	17	3	3	1	1	80

Tabela 2b.

Predicados verbais com verbos intransitivos		
(S)V	(S)VV	TOTAL
8	2	10

Tabela 2c.

Predicados nominais e verbo-nominais		
(S)Pred	(S)VPred	TOTAL
6	3	9

Nota-se, nas Tabelas 2 e 2a, que há predominância da ordem SVO (34) e da ordem (S)VO (36). A LSB apresenta sujeito nulo como no exemplo TIRAR RAPUNZEL CASA-TORRE, VIVER SOZINHA (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.26) ‘Tirou Rapunzel da torre para viver sozinha’, em que o sujeito implícito da primeira oração [TIRAR RAPUNZEL CASA-TORRE] equivale ao pronome ELA, referindo-se à Bruxa – na narrativa, esse sujeito foi sinalizado anteriormente (cf. sentença e contexto sintático em *Sign Writing* no anexo 4). A ordem básica SVO refere-se a casos como a sentença HOMEM VER CINDERELA (Hessel, Karnopp & Rosa, 2011, p.28) ‘O homem viu a Cinderela’, em que o verbo é de concordância, e os argumentos HOMEM e CINDERELA são realizados fonologicamente e ocorrem respectivamente como S e O.

Foram identificados dois dados, representados na Tabela 2, em que houve alteração da ordem básica SVO para o padrão SOV. O primeiro é: RAPUNZEL CABELO OFERECER (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.20) ‘Rapunzel ofereceu o seu cabelo’. O verbo é transitivo com concordância OFERECER. A colocação anteposta do objeto CABELO pode ser associada ao fato de que a concordância se faz com um argumento na posição de sujeito, RAPUNZEL, e um argumento na posição de objeto, cujo referente não está determinando (OFERECE A ALGUÉM), sendo CABELO o segundo argumento do verbo. Em relação à derivação da oração, por hipótese, o termo RAPUNZEL desloca-se para SpecTP, para satisfazer o EPP, e depois para SpecAgrSP, para receber o Caso nominativo. O verbo OFERECER desloca-se para AgrS, passando por AgrO e T. o objeto CABELO desloca-se da

posição de AgrO. Nessa configuração a ordem é SVO, portanto, supõe-se que o argumento sujeito RAPUNZEL e o argumento objeto CABELO são alçados para o domínio de CP.

O segundo caso de mudança na ordem é: CINDERELA ALGO QUERER SABER O QUE CARTA (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.14) ‘Cinderela queria saber o que a carta dizia’ – cf. escrita em *Sign Writing* no anexo 5. O pronome ALGO, complemento do verbo SABER, está vinculado referencialmente à expressão O QUE CARTA, em uma espécie de cadeia anafórica. Esse deslocamento do pronome focalizado se confirma com a presença do pronome interrogativo O QUE, que introduz a oração subordinada, e pode ser considerado o elemento reduplicador da informação focalizada. Quadros & Karnopp (2004, p.170) afirmam que o termo duplicado ocupa a posição final nas construções com foco. No dado em análise, o objeto oracional O QUE CARTA retoma o objeto do verbo SABER. Então, neste caso, por haver uma oração interrogativa indireta, é possível manter a análise de que se trata de reduplicação do foco. Pode-se observar a ordem OS(V) em [O QUE CARTA] ‘o que a carta dizia’.

Detectou-se a sentença [VIZINHANÇA TER MULHER] MORAR SOZINHA (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.6) ‘Na vizinhança havia uma mulher que morava sozinha’, em que duas análises são possíveis: em uma, VIZINHANÇA é um adjunto adverbial e a oração é existencial na ordem VO; na outra, VIZINHANÇA é o sujeito do verbo TER, e a ordem é SVO. Para a quantificação, adotaremos a primeira análise.

Em relação ao padrão SV, encontram-se verbos intransitivos. Verbos desse tipo só requerem um argumento. A primeira oração do período composto [RAPUNZEL CORRER] ABRAÇAR PRÍNCIPE (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.32) ‘Rapunzel correu e abraçou o Príncipe’ é um exemplo com esse tipo de padrão. Na oração citada o verbo CORRER seleciona o argumento externo RAPUNZEL.

As sentenças ordenadas em SPred são as que possuem cópula nula, ou seja, o verbo auxiliar não é sinalizado, mas os predicativos estão sempre associados ao sujeito como em CINDERELA FELIZ (Hessel, Karnopp & Rosa, 2011, p.30) ‘Cinderela ficou feliz’. A ordem SPred corresponde a sentenças de predicado nominal, haja vista encontrarmos predicativos na posição de núcleo do predicado. Se não há manifestação do verbo nessas sentenças, também não há como postular um objeto após a cópula nula, uma vez que o objeto é o complemento em sentenças transitivas, por isso optou-se pela identificação SPred ao invés de SO.

Na sentença CINDERELA TRISTE (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.10), o verbo de cópula é nulo, e o predicativo TRISTE ocorre depois do sujeito. O predicativo é o núcleo da categoria funcional Sintagma Predicativo (PredP) ou Sintagma Adjetival (AP) e é representado em projeção sintagmática conforme a estrutura da Figura 5, a qual mostra com clareza a posição do predicativo Pred' e a posição T nula que seria ocupada pelo verbo se este fosse explícito.

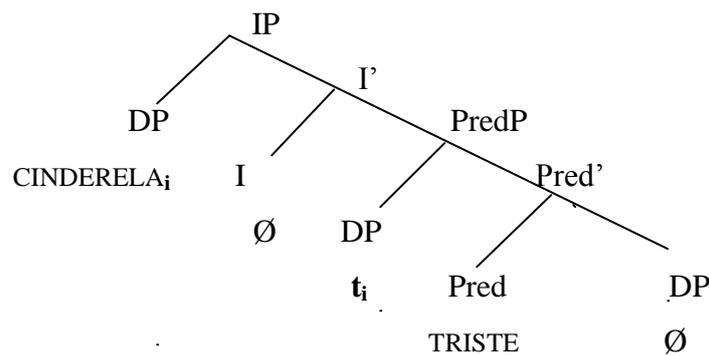


Figura 5. Sentença com ordem SPred.

Na estrutura representada, o termo CINDERELA é alçado da posição de especificador PredP para o SpecIP. O núcleo funcional do PredP recebe o termo TRISTE, o qual atribui papel temático ao sujeito CINDERELA. Assim, CINDERELA é o argumento externo do predicativo TRISTE.

Por serem implícitos, os verbos de cópula nula não demonstram marcas de concordância, mas apresentam argumentos explícitos. Esses verbos não manifestados em predicados nominais pertencem ao grupo dos verbos sem concordância, predominantes no *corpus* desta pesquisa. Os verbos sem concordância tendem a não alterar a ordem básica dos constituintes assim como as estruturas SPred.

O padrão identificado como (S)V(O), da Tabela 2a, é encontrado, com maior frequência, em estruturas coordenadas ou subordinadas com o verbo transitivo, e o sujeito (S) e o objeto (O) nulos; dessa forma, tem-se PRÍNCIPE ANDAR CONVIDAR DANÇAR (Hessel, Karnopp & Rosa, 2011, p.22) ‘O Príncipe andou (até a Cinderela) e convidou(-a) para dançar’ em que a segunda oração, a coordenada [CONVIDAR], manifesta o padrão (S)V(O), pois os argumentos deste verbo não se encontram sinalizados no constituinte

oracional. Vale lembrar que a oração complexa apresentada é constituída de três orações: a principal [PRÍNCIPE ANDAR] ‘O Príncipe andou (até a Cinderela); a segunda [CONVIDAR] ‘e convidou (-a)’ e a terceira [DANÇAR] ‘para dançar’, na qual, o predicado seleciona um argumento externo, que tem realização nula e é interpretado como referencialmente dependente dos termos PRÍNCIPE e CINDERELA, referidos anteriormente.

A ordem SV(O) é encontrada em orações constituídas por verbos transitivos com o objeto oracional, como em [BRUXA DESCOBRIR] RAPUNZEL PESSOA SURDA ‘A Bruxa descobriu que Rapunzel era surda’ (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.12). Nesta oração, o objeto do verbo DESCOBRIR é a oração RAPUNZEL PESSOA SURDA. Constatase objeto nulo referente ao verbo ADORAR na primeira oração da estrutura complexa [IRMÃ 1 IRMÃ 2 ADORAR] PORQUE TER FESTA ‘A Irmã 1 e a Irmã 2 adoraram (o convite) porque teria festa’ (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.14).

As narrativas, apresentam, também, três estruturas na ordem S(V)O e três estruturas na ordem(S)(V)O. O padrão S(V)O e o (S)(V)O são notados em sentenças em que o verbo transitivo está ausente, mas pode ser recuperado facilmente pelo contexto sintático-narrativo – discorreremos melhor sobre tais ordens mais à frente. Exemplos de verbos transitivos implícitos percebem-se em MULHER BEBÊ CASA (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.10) ‘A mulher (levou) o bebê (para a sua) casa’ e na coordenada de EGOÍSTA [HORTA] (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.6) ‘É egoísta e (tem) uma horta’.

Encontrou-se a ordem (S)OV na oração subordinada contida na sentença complexa BRUXA CABELO RAPUNZEL [TRANÇA JOGAR] (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.18) ‘A Bruxa (mandou) Rapunzel jogar as tranças’. No exemplo [TRANÇA JOGAR], o sujeito é nulo, e o objeto TRANÇA saiu da posição de complemento do V para uma posição acima de VP. Em relação à Tabela 2b, encontrou-se a ordem (S)V, ou seja, nove casos apresentaram-se com sujeito implícito e verbo intransitivo, como na oração coordenada [VIVER SEMPRE] da sentença DOIS IR CASTELO CASAR VIVER SEMPRE (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.34) ‘Os dois foram para o castelo, se casaram e viveram (felizes) para sempre’. Observam-se duas estruturas com locução verbal na ordem (S)VV: a segunda oração da estrutura NÃO-LEMBRAR [TER ACONTECER] (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.6) ‘Não lembrava o que tinha acontecido’ e IR DANÇAR (Hessel, Karnopp & Rosa, 2011, p.22) ‘Vamos dançar’. No primeiro caso, não está claro o uso do verbo TER como auxiliar temporal, conforme

indicado na tradução em português. No segundo, o uso do verbo IR é mais recorrente na LSB. Deixamos essa questão em aberto.

Na Tabela 2c, a ordem (S)Pred refere-se aos seis casos em que há sujeito nulo, cópula nula e predicativo, nesta ordem, respectivamente, como na oração coordenada [MAS FEIAS] da sentença IRMÃ 1 IRMÃ 2 ARRUMAR ROUPA MAS FEIA (Hessel, Karnopp & Rosa, 2011, p.16) ‘A Irmã 1 e a Irmã 2 se arrumaram, mas continuaram feias’. Há três casos²⁰ de ordem (S)VPred (ou seja, com predicado do tipo verbo nominal). É o caso da oração em TIRAR RAPUNZEL CASA-TORRE [VIVER SOZINHA] (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.26) ‘Tirou Rapunzel da torre para viver sozinha’. Os verbos das sentenças com padrão (S)VPred são MORAR, VIVER, CONVERSAR.

A Tabela 3, abaixo, apresenta os números referentes a cada classe verbal.

Tabela 3.

Tipologia verbal		
sem concordância	com concordância	TOTAL
150	18	168

Os verbos sem concordância representam um número expressivo (150) se comparados aos verbos com concordância (18), fortalecendo o argumento de que orações com verbos sem concordância tendem a manter a ordem básica, a menos que apresente algum elemento que promova menos rigidez para a oração, como o AUX (auxiliar), por exemplo. Não foi detectada a presença de AUX(s) nas sentenças extraídas das narrativas pesquisadas.

Curiosamente, foram detectadas sete orações com verbos transitivos ausentes, representadas na Tabela 2a. Apesar da ausência, consegue-se inferir, sintaticamente, ou seja, por conta do(s) argumento(s), ou pelo próprio contexto narrativo, que tipo de verbo (com

²⁰ Os três casos são: [MORAR SOZINHA] (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.6) ‘...que morava sozinha’; [CONVERSAR DIFERENTE] (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.18) ‘...conversando diferente’ e [VIVER SOZINHA] (Silveira Karnopp & Rosa, 2011, p.26) ‘...para viver sozinha’.

concordância ou sem concordância) se encontraria na posição verbal nula. Assim, distribuíram-se os verbos ausentes nas colunas da tipologia verbal, quer dizer, eles estão inseridos ou na coluna intitulada “sem concordância” ou na coluna denominada “com concordância”. Em expressões como SEMPRE GESTO G-E-S-T-O (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.12) ‘Sempre (usava) gesto para tudo’. Na sentença de ordem (S)(V)O há a ausência de um núcleo verbal que estabeleça a relação semântica entre o sujeito nulo e Experienciador e o objeto. Em outras palavras, a sentença do exemplo precisa de um verbo transitivo sem concordância para selecionar os argumentos – o sujeito nulo [+animado] e o objeto explícito [-animado]. Pelo contexto sintático narrativo – cf. escrita em *Sign Writing* no anexo 6 –, consegue-se sanar a ausência do verbo.

As Tabelas 4 (4 a 4c) e 5 (5 a 5c) mostram a distribuição e a frequência das orações com verbos sem concordância e com verbos com concordância, respectivamente, detalhando a distribuição de cada tipo em predicados com verbos transitivos, intransitivos e predicados do tipo nominal (SPred) e verbo-nominal (SVPred). Nota-se que, em ambos os grupos, a ordem SVO é o padrão mais recorrente.

Tabela 4.

Orações com verbos sem concordância					
SVO	SOV	VO	SV	SPred	TOTAL
26	1	1	15	17	60

Tabela 4a.

Predicados verbais com verbos transitivos							
(S)V(O)	(S)VO	SV(O)	S(V)O	(S)(V)O	(S)OV	OS(V)	TOTAL
17	30	16	2	3	1	1	70

Tabela 4b.

Predicados verbais com verbos intransitivos		
(S)V	(S)VV	TOTAL
9	2	11

Tabela 4c.

Predicados nominais e verbo-nominais		
(S)Pred	(S)VPred	TOTAL
6	3	9

Tabela 5.

Orações com verbos com concordância					
SVO	SOV	VO	SV	SPred	TOTAL
7	1	0	0	0	8

Tabela 5a.

Predicados verbais com verbos transitivos							
(S)V(O)	(S)VO	SV(O)	S(V)O	(S)(V)O	(S)OV	OS(V)	TOTAL
2	5	2	1	0	0	0	10

Tabela 5b.

Predicados verbais com verbos intransitivos		
(S)V	(S)VV	TOTAL
0	0	0

Tabela 5c.

Predicados nominais e verbo-nominais		
(S)Pred	(S)VPred	TOTAL
0	0	0

Observa-se, nas Tabelas de 4 a 4c, que as orações com verbos sem concordância ordenadas em SVO, em que o sujeito apresenta-se nulo ou explícito, são a maioria em relação às com os verbos com concordância, mostradas nas Tabelas de 5 a 5a. Contudo, tanto nas Tabelas 4 quanto nas Tabelas 5, separadamente, as estruturas SVO dominam. As orações de sujeito nulo ocorrem independentemente da tipologia verbal (cf. Tabela 2). No entanto, é preciso distinguir os casos em que a realização é nula, mas a posição de sujeito não é recuperada pela flexão no verbo (como no caso dos verbos com concordância). Assim, distingue-se *pro* e PRO.

Não há ordens SV geradas com verbos com concordância. Isso mostra que as sentenças intransitivas, que exigem um só argumento, ocorrem com verbos sem concordância; em contrapartida, as sentenças transitivas, que exigem dois argumentos, ocorrem tanto com verbos sem concordância, quanto com verbos com concordância, mas há predominância dos verbos sem concordância nessas últimas estruturas (cf. Tabelas 4).

Apesar de haver uma pequena quantidade de classificadores ou traços de classificadores unidos aos verbos nos dados coletados, expõem-se as próximas tabelas para verificar a influência dessas construções na constituição da ordem dos termos. Os números a serem apresentados já estão inclusos nas Tabelas 4 (4 a 4c).

Tabela 6.

Classificadores unidos a verbos		
sem concordância	com concordância	TOTAL
7	0	7

Tabela 7.

Orações com classificadores					
SVO	SOV	VO	SV	SPred	TOTAL
1	0	0	2	0	3

Tabela 7a.

Predicados verbais com verbos transitivos							
(S)V(O)	(S)VO	SV(O)	S(V)O	(S)(V)O	(S)OV	OS(V)	TOTAL
0	0	1	0	0	0	0	1

Tabela 7b.

Predicados verbais com verbos intransitivos		
(S)V	(S)VV	TOTAL
2	1	3

Tabela 7c.

Predicados nominais e verbo-nominais		
(S)Pred	(S)VPred	TOTAL
0	0	0

Na Tabela 6, verifica-se que todos os classificadores estão unidos aos verbos sem concordância DANÇAR, SUBIR, LARGAR, DESCER. Percebe-se, observando a Tabela 7, que, nessas poucas sentenças, os padrões encontrados foram SVO, como em BRUXA DESCER-PELAS-TRANÇAS CASA-TORRE (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.18) ‘A Bruxa desceu pelas tranças da torre’ e SV em sentenças como na primeira oração coordenada de [PRÍNCIPE CINDERELA DANÇAR] CONVERSAR LIBRAS SEMPRE (Hessel,

Karnopp & Rosa, 2007, p.24) ‘O Príncipe e a Cinderela dançaram e conversaram muito em Libras’.

Na Tabela 7b, representam-se os padrões (S)VV na oração IR DANÇAR (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.22) ‘Vamos dançar’ e (S)V, como a oração subordinada da sentença complexa TRANÇAS DESCER [SUBIR-PELAS-TRANÇAS] (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.28) ‘As tranças desceram para (ele) subir por elas’. Dessa forma, nota-se que as orações com classificadores continuaram na ordem básica. Também encontrou-se a ordem SV(O) na oração BRUXA LARGAR [TRANÇAS] (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.28) ‘A Bruxa largou [as tranças]’, em que o objeto TRANÇAS apresenta-se implícito, uma vez que faz parte da configuração do verbo LARGAR.

Para contrastar os números das tabelas analisadas, apresenta-se o gráfico da Figura 6.

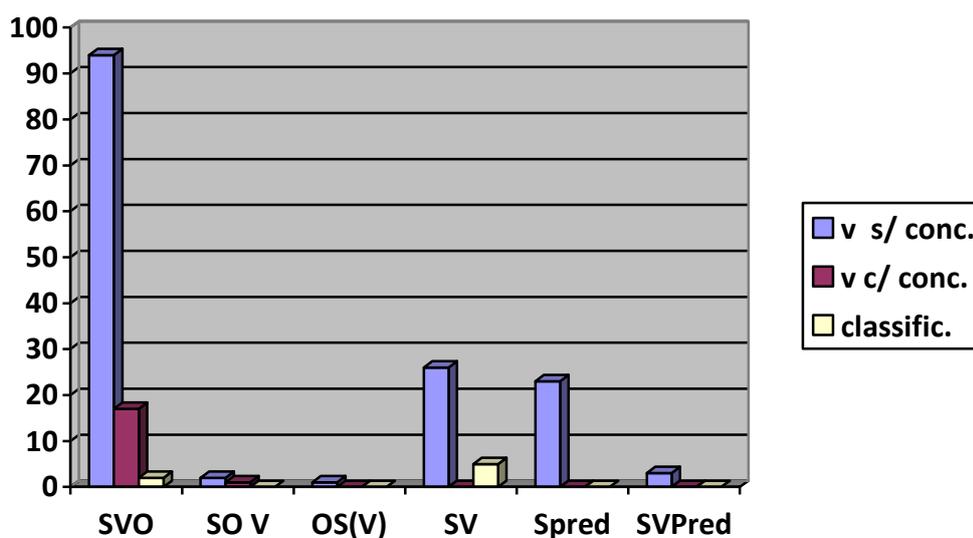


Figura 6. Contraste entre as ordens com cada tipo de verbo e com os classificadores

A Figura 6 mostra a quantidade de cada tipo de verbo e, também, dos classificadores nos padrões de ordem das tabelas apresentadas anteriormente. Destacam-se os números referentes aos padrões em SVO contendo verbos sem concordância. Agrupando-se todas as orações em SVO que apresentam verbos sem concordância, com argumentos explícitos ou argumentos nulos, indicadas no primeiro bloco de cor azul, contando da esquerda para a

direita, o número encontrado é 94, muito maior que o número encontrado para as orações em SVO contendo verbos com concordância (bloco na cor roxa), o qual é 17. Constata-se que os verbos dessas sentenças são transitivos – cf. Tabelas 4 e 5.

Em relação ao padrão SV, todos os 31 verbos intransitivos, indicados pelo quarto bloco de cor azul, são sem concordância. Os classificadores incluem-se nas estruturas sem concordância e estão nas ordens SVO e SV (blocos na cor bege). As orações em SPred e SVPred são geradas sempre com verbos sem concordância. As estruturas que saem da ordem básica, ou seja, apresentam-se em SOV, estão representadas na segunda sequência de blocos: 1 oração com verbo sem concordância e 1 oração com verbo com concordância – acrescenta-se também, nesta ordem, a oração com sujeito nulo e verbo sem concordância [TRANÇA JOGAR] (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.18) ‘...jogar as tranças’ (cf. seção 4.4). A ordem não-básica OS(V) contém um verbo implícito, o qual é transitivo sem concordância.

4.5. Considerações finais sobre a análise

Os resultados do estudo de caso revelam que há predominância de estruturas oracionais com termos posicionados em SVO (cf. Tabelas 2) com sujeito nulo ou não-nulo. Em relação à tipologia verbal expressa na Tabela 3, as orações com verbos sem concordância surgem com maior frequência nas narrativas pesquisadas e pode-se perceber que os termos de tais orações se organizam no padrão SVO, com ou sem argumentos nulos (cf. Tabela 4). Os números das Tabelas 5 indicam que, mais uma vez, as estruturas SVO destacam-se e os verbos com concordância estão em menor número se comparados aos sem concordância, das Tabelas 4.

O número restrito de sentenças com construções classificadoras, incluso na amostra desta pesquisa, impossibilita a análise no sentido de confirmar ou não o argumento de que os classificadores podem favorecer mudança na ordem dos termos. Um *corpus* com mais sentenças contendo classificadores seria melhor para responder com maior segurança se os classificadores alterariam a ordem básica para OSV ou SOV.

Os verbos com concordância também não mostram exercer influência nos termos da sentença para estes saírem da sua posição de origem, uma vez que apenas uma sentença mostrou o padrão SOV contendo verbo com concordância. Assim, pelos dados da pesquisa, não se confirma a teoria de que os verbos com concordância tendem a influenciar mais a

mudança da ordem nas sentenças da LSB, contrariando as expectativas. Por outro lado, se os resultados do estudo mostram que as orações com verbos sem concordância são maioria se comparadas às orações com verbos com concordância, então mesmo se todas as orações das Tabelas 5 estivessem nos padrões OSV ou SOV, ainda assim as estruturas das Tabelas 4 seriam maioria e a teoria da ordem SVO como a mais básica para a LSB (Quadros & Karnopp, 2004, p. 143) estaria comprovada.

Em síntese, a pesquisa realizada pôde comprovar que a ordem dos termos mais usual nas sentenças da LSB é SVO, levando-nos a supor que esta pode ser a ordem básica desta língua. Nessas estruturas, os verbos sem concordância são mais recorrentes, fortalecendo o argumento de que influenciam pouco na mudança da ordem básica para SOV ou OSV, uma vez que se identificaram apenas quatro casos com essas ordens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sintaxe da LSB traz grandes desafios para os linguistas de linha gerativa, não só pelos poucos trabalhos na área, como também pela necessidade de considerar as características da modalidade visual-auditiva. O assunto referente à ordem dos termos na sentença da língua em questão e à organização dos elementos a partir da tipologia verbal e do uso de classificadores requerem muito mais estudos científicos.

A pesquisa realizada apresenta resultados e considerações preliminares a respeito dessas questões, tomando-se por base os estudos prévios sobre línguas de sinais, com ênfase na LSB. Na discussão sobre a vinculação entre a ordem dos termos na estrutura oracional e a tipologia verbal, Quadros & Quer (2008, p.70) citam Padden (1983/1988) para explicar a classificação dos verbos dessas línguas, que propõe distinguir três grupos: (i) os verbos simples – são os que não possuem marcas de concordância em sua configuração, ou seja, não possuem marcas de flexão; (ii) os verbos de concordância – são aqueles que possuem marcas de flexão, as quais correspondem ao sujeito e ao objeto, uma vez que os pontos de partida e chegada da trajetória referente ao sinal verbal representam o argumento externo e o argumento interno, consecutivamente; e (iii) os verbos espaciais – que também possuem trajetória, no entanto, esta, marca os argumentos Fonte e Alvo, nesta ordem. No entanto, Quadros (1999, apud Quadros & Karnopp, 2004, pp.201-202), e posteriormente Quadros & Quer (2008), explicam que os verbos espaciais e os de concordância possuem traços que podem ser checados no IP (AgrS, TP, AgrO), sendo assim, tais autores os colocam num único grupo, formando, então, os verbos com concordância. Quanto aos verbos simples, a autora os renomeia, chamando-os de verbos sem concordância. Com base nas restrições de distribuição de advérbios modificadores do VP, a autora propõe que o IP na estrutura dos verbos sem concordância não é desmembrado nas categorias AgrSP/ TP/ AgOP, e o verbo não se move para IP na sintaxe aberta. Essa última divisão dos verbos nas línguas de sinais/ LSB foi selecionada para esta pesquisa.

Em relação aos classificadores, Felipe (2007, p.173) descreve que estes nominais se prendem à raiz de certos verbos e estabelecem concordância. Benedicto & Brentari (2004, apud Sandler & Lillo-Martin, 2006, pp.352-353) usam as projeções funcionais acima de VP, rotuladas *fIP* e *f2P*, para receber os classificadores de predicados inergativos, inacusativos ou

transitivos, para os quais ocorre o movimento do verbo, ficando na posição de especificador dessas projeções reservada aos argumentos, exatamente como na operação AGREE. Veloso (2010, p.59) define as construções classificadoras como sendo morfemas que se ligam a verbos de deslocamento, afirmando que elas possuem comportamento semelhante aos dos verbos de concordância, o que permite analisá-las como motivadoras de concordância sintática. Foram incluídas, no trabalho, árvores sintagmáticas, as quais são adaptações dos esquemas sintáticos de Benedicto & Brentari (2004, apud Sandler & Lillo-Martin, 2006, pp.352-353) e de Veloso (2010, pp.64-70), como sugestões de derivação das sentenças que possuem construções classificadoras.

Os resultados que se obteve a partir do estudo de caso desenvolvido foram distribuídos conforme os itens: (a) há predominância de estruturas oracionais com termos em SVO com sujeito nulo ou explícito e os verbos sem concordância destacam-se nessas estruturas; (b) verbos com concordância apresentam-se em menor número se comparados aos com concordância e, também, não mostram exercer influência no sentido de alterar a ordem dos termos da sentença, uma vez que apenas uma sentença mostrou o padrão SOV contendo verbo com concordância; (c) igualmente, o número restrito de sentenças que apresentam construções classificadoras, incluso na amostra desta pesquisa, impossibilita a análise no sentido de confirmar ou refutar o argumento de que os classificadores podem favorecer mudança na ordem dos termos. Assim, não se confirma a hipótese de que os verbos com concordância tendem a influenciar a mudança da ordem nas sentenças da LSB, contrariando as expectativas.

Portanto, pôde-se comprovar, pelos dados da pesquisa, que a ordem dos termos mais usual nas sentenças da LSB é SVO, levando-nos a supor que esta pode ser a ordem básica desta língua. Nessas estruturas, os verbos sem concordância são mais recorrentes, fortalecendo o argumento de que sentenças com esses verbos surgem em contexto pouco favorável à mudança da ordem básica para SOV ou OSV, uma vez que se identificaram apenas quatro casos com essas ordens. Um *corpus* com mais sentenças contendo classificadores ofereceria mais condição para se responder com maior segurança se os classificadores alterariam a ordem básica para OSV ou SOV, por isso, numa possível continuidade desse trabalho, coletar-se-á um número mais expressivo de contextos sintáticos com construções classificadoras para haver uma análise de dados mais aprofundada, buscando-se também diversificar a base de dados para incluir textos da língua em uso. Espera-

se que esse trabalho dissertativo contribua para os estudos e pesquisas linguísticas em linha gerativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Antonieta Pereira Tigre. *Aquisição da estrutura frasal na língua brasileira de sinais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2013.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Trad: Maria da G. Novak e Maria Luisa Neri; revisão: Isaac Nicolau Salum. Campinas, Pontes Editores, 2005.

BERLINCK et tal. Sintaxe. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Ana Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2004.

CAPOVILLA, Fernando César & RAPHAEL, Walkíria Duarte. *Dicionário Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2006.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Massachusetts: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Trad: Lúcia Lobato; revisão: Mark Ridd. Brasília: E. Universidade de Brasília, 1998.

DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria. Sintaxe. In: FARIA, I. H. et al. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Org. Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A. Gouveia. Editorial Caminho, A.S., Lisboa, 1996.

FELIPE, Tanya A. *Libras em contexto: curso básico – livro do estudante*. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

FERREIRA, Araújo Geyse. *Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 2013.

GREENBERG, Joseph H. *Universals of Language*. Second Edition. Massachusetts: The M.I.T. Press, 1966.

GREENBERG, Joseph H. *Universals of Human Language*. Volume 4: Sintaxe. California: Stanford University Press, 1978.

HESSEL, Carolina; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. *Cinderela Surda*. Canoas: Ed. Ulbra, 2007.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

LYONS, John. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1987.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina F.; LOPES, Ruth Elizabeth V. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de. Phrase Structure of Brazilian Sign Language. In: *Crosslinguistic perspectives in sign language research. Selected papers from TISLR 2000*. Signum Press: Hamburg. 2003. p. 141-162

QUADROS, Ronice M. de & KARNOPP, Lodenir B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artemed, 2004.

QUADROS, Ronice M. de & QUER, Josep. Revertendo os verbos reversos e seguindo em frente: sobre concordância, auxiliares e classes verbais em línguas de sinais. In: QUADROS, R. M. de & VASCONCELLOS, M. L. B. *questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Ed. Arara Azul, 2008.

ROBERTS, Ian, *Comparative Syntax*. London: Arnold, 1997.

SANDLER, Wendy & LILLO-MARTIN, Diana. *Sign Language and Linguistic Universals*. Nova York: Cambridge University Press, 2006.

SILVEIRA, Carolina H.; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. *Rapunzel surda*. Canoas: Ed. Ulbra, 2011.

VELOSO, Brenda. Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira. In: LIMA-SALLES, Heloisa M. M. & NAVES, Rozana R. (Orgs.). *Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.

APÊNDICE

Quadro de notações indicadas em Quadros & Karnopp (2004), Felipe (2007) e Veloso (2010). As notações apresentadas atendem à demanda dos dados citados na dissertação.

Notações	Significados
SINAL	glosa em maiúsculas: sinal
N-O-M-E	soletração com alfabeto manual: nome do sinal
SINAL–SINAL	glosa unida por travessão: sinal que não possui uma única palavra correspondente em português
CL: propriedade	classificador e o nome da propriedade representada por ele
@	ausência de gênero
< >sn	interrogativas de resposta sim ou não.
IX	apontação para marcar gênero pronominal (ele ou ela)
a	a subscrito: ponto de localização para argumento
b	b subscrito: ponto de localização para argumento
< >do	direção do olhar
< >mc	movimento de cabeça
< >n	negação
hn	<i>head nodding</i> ‘movimento de cabeça’
_____	duração de expressão facial ou de movimento de parte do corpo
neg	negação
+	intensidade média do movimento ou da expressão facial

[e]	retoma uma oração anterior
< >qu	interrogativa
2	2 subscrito: ponto de localização de argumento
3	3 subscrito: ponto de localização de argumento
me	mão esquerda
md	mão direita
sinal subscrito em letras minúsculas	classificador
< >t	tópico
< >cl/ mc	classificador e movimento de cabeça

ANEXOS

ANEXO 1. As narrativas



1. SILVEIRA, Carolina H.; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. *Rapunzel surda*. Canoas: Ed. Ulbra, 2011.

2. HESSEL, Carolina; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. *Cinderela Surda*. Canoas: Ed. Ulbra, 2007.

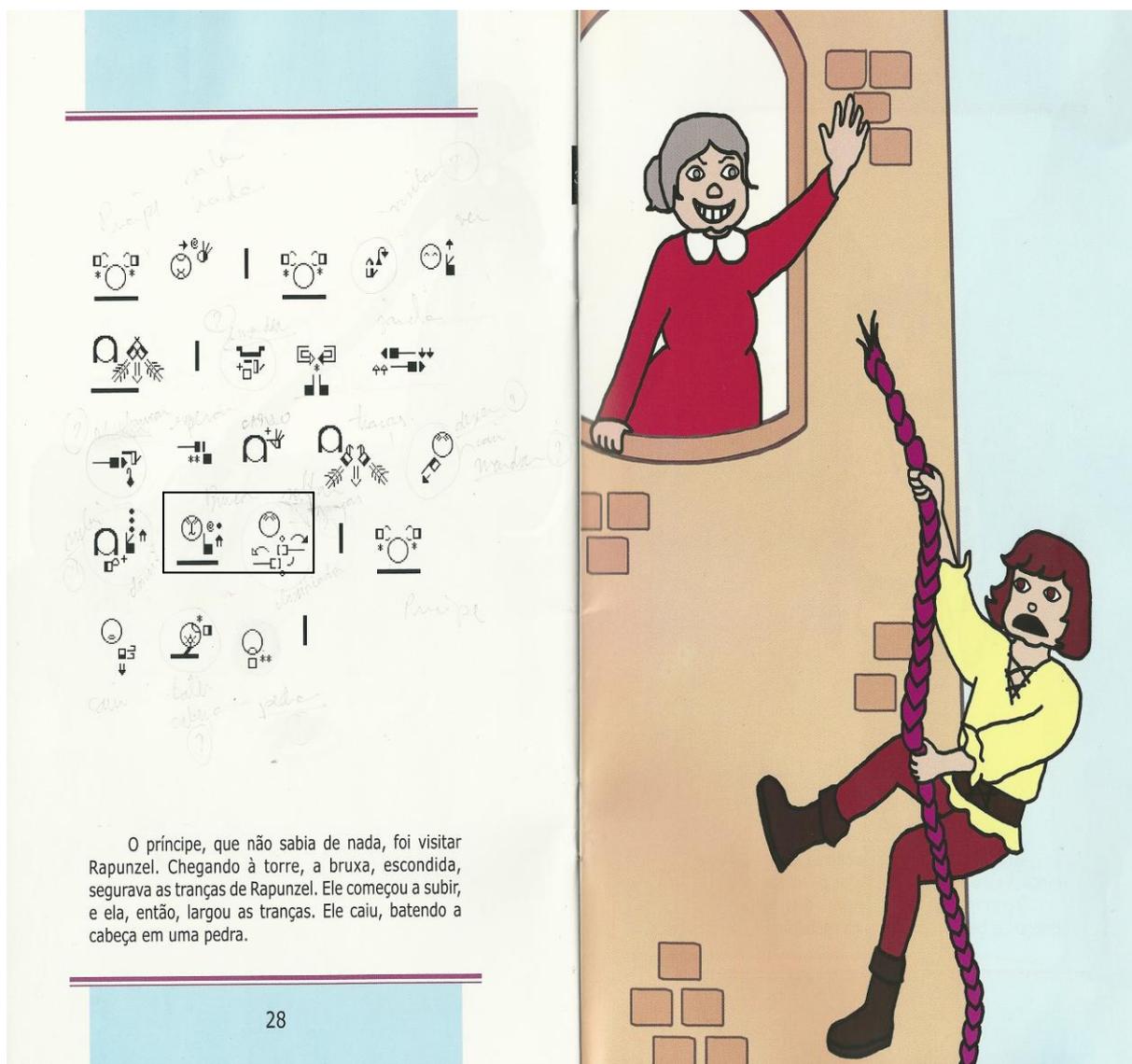
ANEXO 2: Traços do classificador sujeito agregados ao verbo DANÇAR



PRÍNCIPE CINDERELA DANÇAR... (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.24)

‘O Príncipe e a Cinderela dançaram...’

ANEXO 3: Classificador objeto TRANÇAS associado ao verbo LARGAR

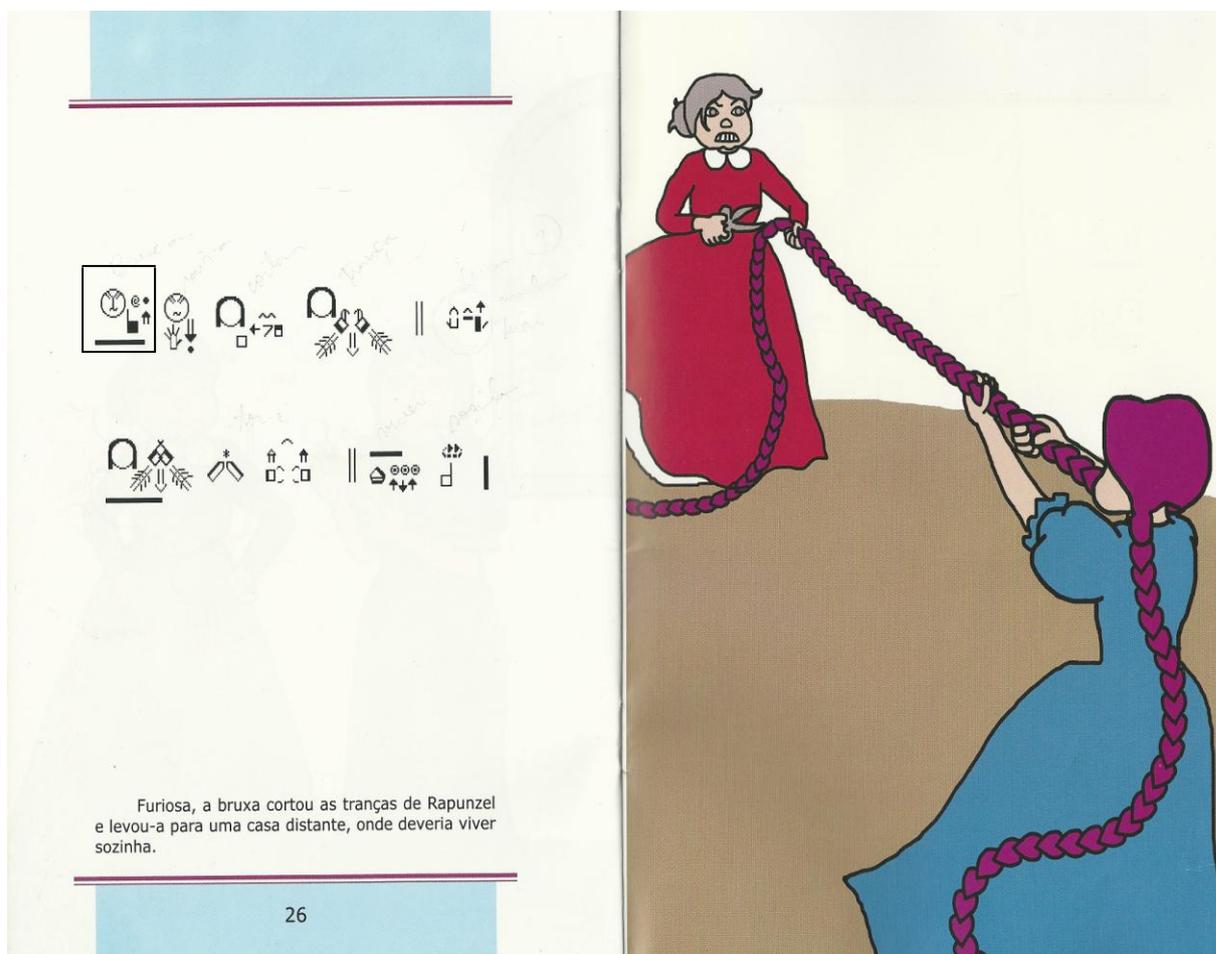


BRUXA LARGAR-[TRANÇAS]

(Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.28)

‘A Bruxa largou as tranças’

ANEXO 4: Sujeito nulo



...TIRAR RAPUNZEL CASA-TORRE (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.26)

‘...tirou Rapunzel da torre’

ANEXO 5: Hipótese de reduplicação do foco ALGO

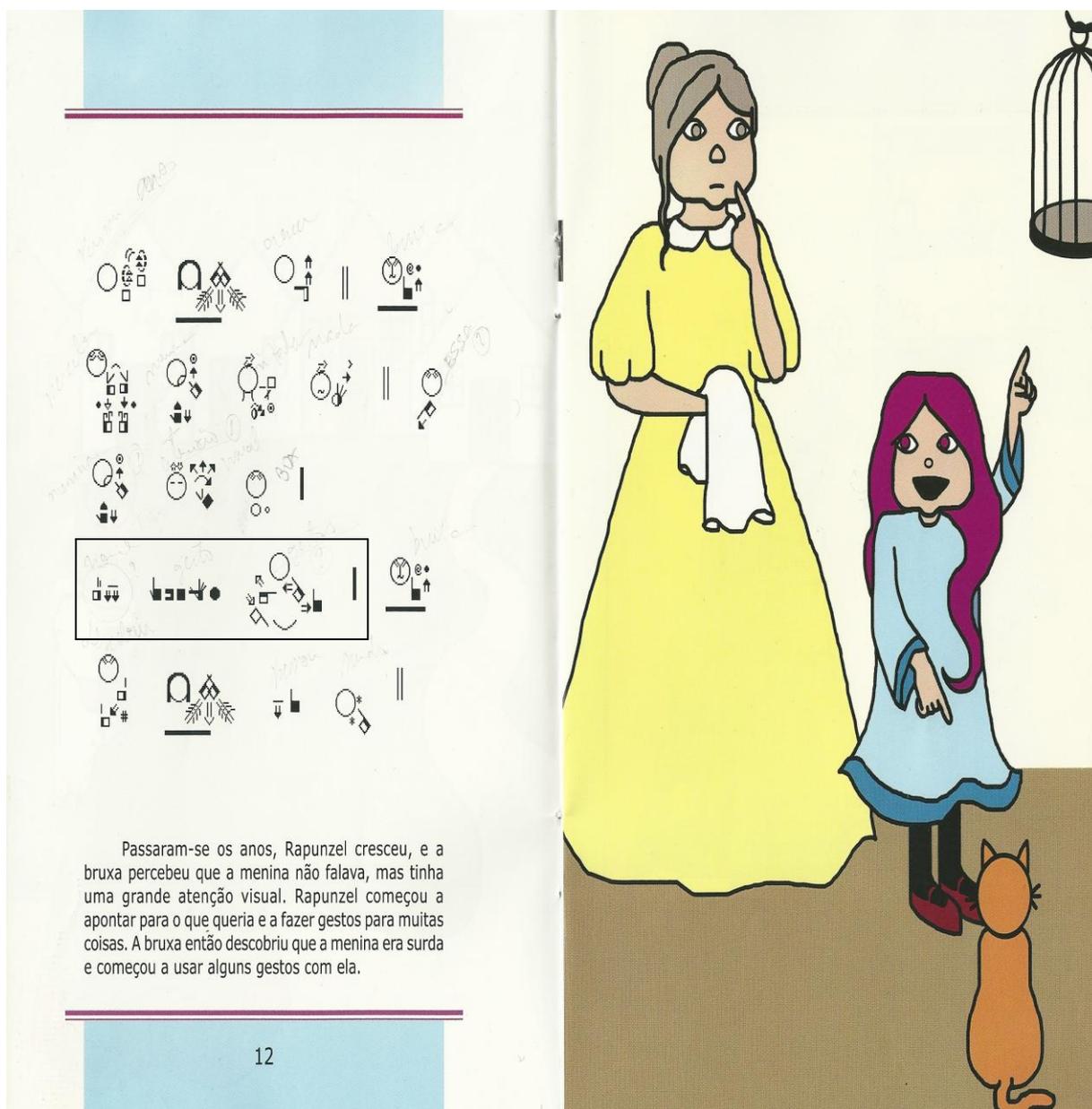


CINDERELA ALGO QUERER SABER O QUE CARTA (Hessel, Karnopp & Rosa, 2007, p.14)

‘Cinderela queria saber o que a carta dizia’

ANEXO 6: 1. Verbo FALAR anexado à negativa (NÃO): NÃO-FALAR

2. Verbo transitivo ausente na sentença



1. ... MENINA NÃO-FALAR NADA (Silveira, Karnopp & Rosa, 2011, p.12)

‘... a menina não sabia falar’

2. SEMPRE GESTO GESTO

‘Sempre (usava) gesto para tudo’

ANEXO 7: Transcrição e tradução das estruturas extraídas das narrativas

Cinderela surda

HESSEL, Carolina; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. *Cinderela Surda*. Canoas: Ed. Ulbra, 2007.

Página 6:

1. SINAL ‘CINDERELA’ SIGNIFICA C-I-N-D-E-R-E-LA

‘O sinal Cinderela significa C-I-N-D-E-R-E-LA’

2. PESSOA SURDA BONITA LEGAL

‘É uma pessoa surda, bonita e legal’

3. CINDERELA APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS AMIGOS SURDOS RUA.

‘Cinderela aprendeu a língua de sinais com amigos surdos nas ruas’

Página 8:

4. SINAL ‘PRÍNCIPE’ SIGNIFICA P-R-Í-N-C-I-P-E

‘O sinal Príncipe significa P-R-Í-N-C-I-P-E’

5. MORAR CASTELO

‘Morava num castelo’

6. ESTUDAR APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS COM PROFESSOR

‘Estudava para aprender a língua de sinais com um professor’

7. SINAL ‘ABBE EPEE’ SIGNIFICA A-B-B-E E-P-E-E

‘O sinal Abbe Epee significa A-B-B-E E-P-E-E’

8. ENSINAR LÍNGUA-DE-SINAIS

‘Ensinar língua de sinais’

Página 10:

9. CINDERELA TRISTE

‘Cinderela era triste’

10. PAI MORRER

‘O pai havia morrido’

11. AGORA CINDERELA SEMPRE JUNTO COM ‘MADRASTA’ SINAL MADRASTA

‘Agora, Cinderela sempre estava junto com a madrasta, cujo sinal é para mãe’

12. TAMBÉM DUAS IRMÃS PRIMEIRA SINAL IRMÃ 1 SEGUNDA SINAL IRMÃ 2.

‘Também estava com duas irmãs: a primeira, o sinal é Irmã 1; a segunda, o sinal é Irmã 2’

Página 12:

13. CINDERELA FAZER TRABALHO LIMPEZA,

‘Cinderela fazia o trabalho de limpeza’

14. LIMPAR PRATO

‘Limpava os pratos’

15. ESFREGAR TODA CASA

‘Esfregava toda a casa’

16. IRMÃ 1 IRMÃ 2 FAZER NADA

‘A Irmã 1 e a Irmã 2 não faziam nada’

17. SÓ PROVOCAR MAS NÃO-COMUNICAR

‘Só provocavam, mas não se comunicavam’

Página 14:

18. SURPRESA RECEBER CARTA PESSOA FESTA NOITE CASA-CASTELO PRÍNCIPE

‘Inesperadamente, receberam uma carta de alguém para uma festa, à noite, no castelo do Príncipe’

19. MADRASTA LER CARTA

‘A Madrasta leu a carta’

20. IRMÃ 1 IRMÃ 2 ADORAR PORQUE TER FESTA

‘A Irmã 1 e a Irmã 2 adoraram (o convite) porque teria festa’

21. CINDERELA ALGO QUERER SABER O QUÊ CARTA.

‘Cinderela queria saber o que a carta dizia’

Página 16:

22. IRMÃ 1 IRMÃ 2 ARRUMAR ROUPA MAS FEIA

‘As irmãs se arrumaram, mas continuaram feias’

23. CINDERELA VER TRÊS MAIS FESTA

‘Cinderela viu as três se preparando para a festa’

24. CINDERELA TRISTE PORQUE NÃO TER ROUPA BONITA

‘Cinderela ficou triste porque não tinha uma roupa bonita ’

Página 18:

25. CINDERELA FALAR RATO GATO AJUDAR CARINHO

‘Cinderela falou com o gato e o rato que a ajudaram com carinho’

26. DE REPENTE FADA ENTRAR AJUDAR

‘De repente, uma Fada entrou para ajudá-la (Cinderela)’

27. CINDERELA TROCAR ROUPA BONITA

‘Cinderela trocou a roupa e ficou bonita’

Página 20:

28. FADA FAZER RATO TRANSFORMAR HOMEM

‘A Fada fez o rato se transformar em homem’

29. GATO TRANSFORMAR CAVALO

‘O gato transformou-se em cavalo’

30. ABÓBORA TRANSFORMAR CARRUAGEM

‘A abóbora transformou-se numa carruagem’

Página 22:

31. CINDERELA ENTRAR CASA-CASTELO

‘Cinderela entrou no castelo’

32. PRÍNCIPE OLHAR COMO SEMPRE,

‘O Príncipe observava como sempre’

33. PRÍNCIPE VER UMA MULHER BONITA

‘O Príncipe viu uma mulher bonita’

34. PESSOA CINDERELA

‘A pessoa era a Cinderela’

35. PRÍNCIPE ANDAR CONVIDAR DANÇAR,

‘O Príncipe andou (até a Cinderela) e a convidou para dançar’

36. IR DANÇAR,

‘Vamos dançar’

37. IRMÃ 1 IRMÃ 2 RAIVA MAS NÃO-SABER PESSOA CINDERELA.

‘As irmãs ficaram com raiva, mas não sabiam que a pessoa era a Cinderela.’

Página 24:

38. PRÍNCIPE CINDERELA DANÇAR CONVERSAR LIBRAS SEMPRE,

‘O Príncipe e a Cinderela dançaram e conversaram muito em Libras’

Página 26:

39. NÃO CONSEGUIR ALCANÇAR CINDERELA

‘Não conseguiu alcançar a Cinderela’

40. PRÍNCIPE TRISTE IDEIA

‘O Príncipe triste, idealizou’

41. MANDAR HOMEM VISITAR CASAS.

‘Mandou um homem visitar várias casas’

Página 28:

42. HOMEM MAIS VISITAR CASA CINDERELA,

‘O homem visitou a casa de Cinderela’

43. HOMEM TESTAR LUVA

‘O homem experimentou a luva nas irmãs’

44. MAS NÃO CONSEGUIR LUVA

‘Mas não conseguiram a luva’

45. HOMEM VER CINDERELA.

‘O homem viu a Cinderela’

Página 30:

46. HOMEM CHAMAR CINDERELA EXPERIMENTAR LUYA

‘O homem chamou a Cinderela para experimentar a luua’

47. CINDERELA PESSOA LUYA PERFEITO

‘Cinderela era a pessoa certa da luua’

48. CINDERELA FELIZ

‘Cinderela ficou feliz’

49. IRMÃ 1 IRMÃ 2 TRISTE RAIVA.

‘As irmãs ficaram tristes e com raiva’

Página 32:

50. PRÍNCIPE CINDERELA CASAR VIVER SEMPRE.

‘O Príncipe e a Cinderela se casaram e viveram (felizes) para sempre’

Rapunzel surda

SILVEIRA, Carolina H.; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. *Rapunzel surda*. Canoas: Ed. Ulbra, 2011.

Página 6:

51. MULHER HOMEM CASADO QUERER FILHO.

‘Um casal queria um filho’

52. DOIS CASADO FELIZ SABER MULHER GRÁVIDA

‘O casal estava feliz por saber que a mulher estava grávida’

53. VIZINHANÇA TER MULHER MORAR SOZINHA

‘Havia uma vizinha que morava sozinha’

54. PESSOA BRUXA NOME B-R-U-X-A,

‘O nome da pessoa é B-R-U-X-A’

55. EGOÍSTA HORTA

‘É egoísta e (tem) uma horta’

56. MULHER RETÂNGULO-JANELA VER CASA BRUXA

‘Da janela, a mulher viu a casa da Bruxa’

57. TER VONTADE COMER ROXO-BATATA.

‘Teve vontade de comer rabanete’

58. MULHER PEDIR HOMEM-CASAR/ MARIDO COLHER RABANETE.

‘A mulher pediu ao esposo para colher rabanetes’

Página 8:

59. HOMEM COLHER RABANETES

‘O homem colhia rabanetes’

Página 10:

60. CASAL FELIZ,

‘O casal estava feliz’

61. DE REPENTE BRUXA VIR BUSCAR BEBÊ.

‘De repente, a Bruxa veio buscar o bebê’

62. PAI MÃE CHORAR VER BRUXA LEVAR CRIANÇA

‘Os pais choraram ao ver a Bruxa levar a criança’

63. MULHER BEBÊ CASA,

‘A Bruxa (levou) o bebê (para sua) casa’

64. INVENTAR SINAL RAPUNZEL SIGNIFICA R-A-P-U-N-Z-E-L.

‘Inventou o sinal Rapunzel que significa R-A-P-U-N-Z-E-L’

Página 12:

65. ANOS-DEPOIS RAPUNZEL CRESCER,

‘Anos depois, Rapunzel cresceu’

66. BRUXA PERCEBER MENINA NÃO-FALAR NADA,

‘A Bruxa percebeu que a menina não sabia falar’

67. _ ESSA MENINA ATENÇÃO VISUAL BOA.

‘_Essa menina (tem) boa atenção visual’

68. SEMPRE G-E-S-T-O GESTO.

‘Sempre (usa) gesto para tudo’

69. BRUXA DESCOBRIR RAPUNZEL PESSOA SURDA,

‘A Bruxa descobriu que Rapunzel era surda’

Página 14:

70. TEMPOS-DEPOIS RAPUNZEL JÁ CRESCER BONITA.

‘Tempos depois, Rapunzel tornou-se uma moça linda’

71. BRUXA PENSAR: RAPUNZEL BONITA.

‘A Bruxa pensou: Rapunzel é bonita!’

72. BRUXA QUERER PRENDER CASA-TORRE

‘A Bruxa quis prender (Rapunzel) numa torre’

73. NINGUÉM ROUBAR RAPUNZEL.

‘Ninguém roubaria Rapunzel’

74. RAPUNZEL PENTEAR CABELO RAPUNZEL,

‘Rapunzel penteava o seu cabelo’

Página 16:

75. BRUXA TODO DIA ACORDAR IR CASA-TORRE.

‘Todo dia, a Bruxa acordava e ia à torre’

76. RAPUNZEL ACORDAR ESPERAR VER RETÂNGULO-JANELA

‘Rapunzel acordava e esperava, olhando pela janela’

77. BRUXA TRAZER COMIDA.

‘A Bruxa trazia comida’

Página 18:

78. PRÍNCIPE PASSEAR FORA REINO

‘O Príncipe passeava fora do reino’

79. ENCONTRAR CASA-TORRE RAPUNZEL BRUXA CONVERSAR.

‘Encontrou a torre (onde) Rapunzel e a Bruxa conversavam’

80. PRÍNCIPE VER DUAS CONVERSAR DIFERENTE USAR GESTOS.

‘O Príncipe viu as duas conversando diferentemente (porque) usavam gestos’

81. BRUXA CABELO RAPUNZEL TRANÇA JOGAR

‘A Bruxa (mandou) Rapunzel jogar as tranças’

82. BRUXA DESCER-PELAS-TRANÇAS CASA-TORRE.

‘A Bruxa desceu da torre pelas tranças’

Página 20:

83. PRÍNCIPE ANDAR VER RAPUNZEL LÍNGUA-DE-SINAIS,

‘O Príncipe andou para ver a Rapunzel e (usou) a língua de sinais’

84. RAPUNZEL ESTRANHAR LÍNGUA-DE-SINAIS DIFERENTE.

‘Rapunzel estranhou a língua de sinais por ser diferente’

85. RAPUNZEL CABELO OFERECER

‘Rapunzel ofereceu seu cabelo’

86. PRÍNCIPE SUBIR-PELAS-TRANÇAS,

‘O Príncipe subiu pelas tranças’

87. DOIS CONVERSAR JUNTO.

‘Os dois conversaram juntos’

Página 22:

88. PRÍNCIPE SEMPRE IR CASA-TORRE CONVERSAR COM RAPUNZEL,

‘O Príncipe sempre ia à torre para conversar com Rapunzel’

89. DOIS PLANEJAR FUGA.

‘Os dois planejaram uma fuga’

Página 24:

90. BRUXA COMEÇAR DESCONFIAR, ACONTECER RAPUNZEL,

‘A Bruxa começou a desconfiar de que estava acontecendo (alguma coisa) com Rapunzel’

91. RAPUNZEL ENTENDER LINGUA-DE-SINAIS

‘Rapunzel sabia língua de sinais’

Página 26:

92. BRUXA FURIOSA CORTAR TRANÇAS,

‘A Bruxa ficou furiosa e cortou as tranças (de Rapunzel)’

93. TIRAR RAPUNZEL CASA-TORRE, VIVER SOZINHA

‘Tirou Rapunzel da torre para viver sozinha’

Página 28:

94. PRÍNCIPE SABER-NADA.

‘O Príncipe não sabia de nada’

95. PRÍNCIPE IR VER RAPUNZEL.

‘O Príncipe foi ver Rapunzel’

96. ESCONDER RETÂNGULO-JANELA

‘(a Bruxa) Escondeu-se abaixo da janela’

97. CHAMAR ESPERAR CABELO

‘(o Príncipe) Chamou e esperou o cabelo’

98. TRANÇAS DESCER SUBIR-PELAS-TRANÇAS

‘As tranças desceram para (ele) subir por elas’

99. BRUXA LARGAR –[TRANÇAS].

‘A Bruxa largou [as tranças]’

100. PRÍNCIPE CAIR BATER-CABEÇA PEDRA.

‘O Príncipe caiu e bateu a cabeça numa pedra’

Página 30:

101. PRÍNCIPE ACORDAR SEGURAR TRANÇA,

‘O Príncipe acordou segurando a trança’

102. NÃO-LEMBRAR TER ACONTECER.

‘Não lembrava o que tinha acontecido’

103. PRÍNCIPE TENTAR LEMBRAR PROCURAR MULHER BONITA

‘O Príncipe tentava lembrar que procurava uma mulher bonita’

Página 32:

104. UM DIA RAPUNZEL CAMINHAR RUA

‘Um dia, Rapunzel caminhava pela rua’

105. VER LONGE PRÍNCIPE COM TRANÇA

‘Viu, longe, o Príncipe com a trança’

106. RAPUNZEL CORRER ABRAÇAR PRÍNCIPE,

‘Rapunzel correu e abraçou o Príncipe’

107. PRÍNCIPE COMEÇAR LEMBRAR.

‘O Príncipe começou a se lembrar’

Página 34:

108. DOIS IR CASTELO CASAR VIVER SEMPRE.

‘Os dois foram para o castelo, se casaram e viveram (felizes) para sempre’